

Andrea Camilleri

Um Fio de Fumaça



UM FIO DE FUMAÇA

Andrea Camilleri

Título original: UM FILO DI FUMO

Prefácio: Dante Maffia

Tradução: Giuseppe D'Angelo e Maria Helena Kühner

BERTRAND BRASIL, 2000.

Digitalização: Thiago Cerejeira.

Revisão: Domingos Sávio Pereira.

Maio de 2014

SINOPSE

O ponto de partida de UM FIO DE FUMAÇA me foi dado por um folheto anônimo, encontrado entre os papéis de meu avô, e que advertia contra asfalcatruas de um desonesto comerciante de enxofre. Salvo isto, nomes e situações devem ser creditados à minha fantasia. Na época em que foi publicada, a obra muito agradou a minha mãe: fica a ela dedicada."

Com essas palavras o Autor descreve a saga do oleiro Salvatore que, nos anos de crise da burguesia (pós-Unificação italiana, em fins do século 19), conseguiu - e sabe-se como... - fazer fortuna e subir os degraus da escala social: Dom Salvatore Barbabianca é agora um dos poderosos de Vigàta, pequena província ao sul do país. Mas cometeu desta vez um erro que o impedirá de cumprir um contrato, e a chegada do navio russo, que deve levar a carga de enxofre encomendada e já paga, será por certo sua ruína comercial e social. Camilleri narra, com divertida e terna ironia, esta ansiosa espera de todo um vilarejo que, com a sua mescla de grandeza e mesquinhez, canta antecipadamente a morte de um deles, enquanto aguarda ver surgir no mar o "fio de fumaça" do navio (alusão à famosa ária da Butterfly) que, ao que supõem, será a tumba de Barbabianca - a menos que o destino, que se compraz em tumultuar os projetos humanos, decida o contrário...

BIOGRAFIA E OBRAS DO AUTOR

Andrea Camilleri (Porto Empedocle, 1925) vive há anos em Roma, onde é diretor de teatro e televisão.

Antes de *Um Fio de Fumaça* publicou dois outros romances ambientados na Vigàta do século 19 (*Temporada de Caça* e *A Ópera de Prestou*, finalista do Prêmio Viareggio de 1995) e três outros romances na Vigàta atual, tendo como personagem principal o Delegado Salvo Montalbano - ora famoso nos seriados da TV italiana. Em *Um Fio de Fumaça* estamos nos anos que se seguem à Unificação italiana, e as coisas ainda estão indefinidas, as mudanças muito freqüentes e, por tal, inesperadas. O oleiro Salvatore conseguiu (e sabe-se como...) fazer fortuna e subir os degraus da escala social: Dom Salvatore Barbabianca é agora quase poderoso. Mas cometeu um erro que o impedirá de cumprir um importante contrato assinado e, no momento em que chegar ao porto o navio russo que deverá levar a carga de enxofre encomendada e já paga, mas inexistente em seus depósitos, será um homem arruinado, comercial e socialmente aniquilado. É o que todos no vilarejo ansiosamente esperam, até Dom Angelino Villasevaglios, de 90 anos e cego, que, imóvel em seu terraço, esforça-se por ver, pelos olhos de um servo, despontar o navio anunciador. Camilleri consegue dar-nos uma idéia plena desta espasmódica espera de todo um vilarejo, levando-nos pela mão de casa em casa para conhecer seus diferentes protagonistas, desenhando com terna ironia seus traços mais salientes, em um coro de vozes, cáustico e irreverente, uma espécie de alegre coral de vivos cantando antecipadamente a morte de um deles, enquanto aguardam ver surgir no mar o "fio de fumaça" do navio (alusão à famosa ária da *Butterfly*) que, ao que supõem, será a tumba de Barbabianca - se o destino, que se diverte em tumultuar os projetos dos mortais, não dispuser em contrário...

O problema de conciliar a língua italiana, veículo de comunicação nacional, com o variado e rico mundo dos dialetos de origem, canal de transmissão das fantasias e sensações infantis e da adolescência, esteve sempre presente em muitos escritores italianos, clássicos e contemporâneos. Para o italiano, o dialeto evoca o mundo das brincadeiras, cantos, fábulas, das tradições orais dos mais velhos e da sabedoria popular dos provérbios, e até dos sabores dos pratos preparados pela mamma. Tal problema se apresenta de forma imperiosa em Camilleri, que, por meio de toda "uma pesquisa de linguagem, longa e difícil", vai encontrar, em sua língua familiar e afetiva, a possibilidade de retratar "a essência siciliana", um microcosmo provinciano fecundo em histórias e culturas de várias procedências, mas cuja universalidade encantou também a tantos de tantas outras nacionalidades.

O desejo de reproduzir a singularidade desse universo e linguagem, regionais em tantos aspectos, mas universais em vários outros, levou-nos não só a traduzir em notas de rodapé o glossário do próprio autor, como a registrar, sempre que possível, sua correspondência com ditos e expressões brasileiras, e a complementá-las com outras notas que dêem conta da complexidade de certas expressões e esclareçam referências a certos episódios históricos. Acreditamos ter assim conseguido reproduzir o universo do Autor, ora farsesco, ora lírico ou dramático, mas sempre divertido e curioso, ao retratar uma província semelhante a tantas outras do mundo em sua cotidianidade, vivências e situações.

Os Tradutores

... un bel cri vedremo levarsi un fil di fumo sull'estremo confin dei mare. E poi la nave appare...

L. I LLICA-G.GIACOSA, *Madame Butterfly*, ato II, primeira parte

Diz Henry James (*A Arte do Romance*) que "a única razão de existir de um romance é sua tentativa de representar a vida". Representação que pode, obviamente, variar, tal como variam seus ângulos de enfoque, sendo este, a meu ver, um dos signos distintivos entre a história e a crônica, condenada a uma objetividade da qual "escapa" o narrador. A "representação" que Camilleri nos dá em *Um Fio de Fumaça* é sugestiva e, por vezes, com traços de carnavalização: o escritor visivelmente diverte-se à medida que vai retratando seus personagens (...) mas seu "deixem que eu me divirta", vale assinalar, não é de forma alguma descompromissado ou de goliárdica leviandade, pois ele conhece perfeitamente os mecanismos da ironia e do drama, e os utiliza com propriedade e escrupuloso rigor, não ultrapassando nunca o senso da realidade e jamais distorcendo, pelo excesso, o caráter dos protagonistas. Se não estivessem sendo devidamente dosados pelo diretor (não por acaso Camilleri é também diretor de teatro e televisão), ter-nos-ia dado uma série de caricaturas que esgotariam seu papel no momento da representação. Foi-lhe suficiente o palco de Vigàta, sem precisar de maiores espaços, para pôr em ação seus personagens e organizar uma farsa que, em vários aspectos, faz lembrar *Il Doge*, de Palazzeschi, evitando, igualmente, a estereotipia de personagens e as amenidades gratuitas que se esgotam em si mesmas. Contornado este risco, torna-se evidente que o escritor não recua diante dos desafios e dificuldades do emaranhado da vida cotidiana de Vigàta, mas, pelo contrário, neles mergulha de corpo e alma, onipresente em cada um deles, para recrear-se (e recrear-nos) com suas brincadeiras e revanches, sofrimento e vingança, piedade ou fracasso, morte e vida. É a divertida saga coral e provinciana da inveja e da maledicência, da mediocridade e do beatismo, da extravagância e do sentimento, embora, por trás desse desfile, esteja a tragédia dos limites de uma sociedade pequena, e, sobretudo, o encantado desencanto de quem assiste à pantomima de um mundo absurdo, anacrônico e folhetinesco.

Para evitar que o leitor se sinta distante da realidade representada, Camilleri usa uma linguagem um tanto peculiar, que não é a de G. Verga ou a dos pastiches, mas a de uma população que se apropriou, como de um grande benefício, dos aportes rígidos e unificadores dos mass media. Tal contaminação criou, assim, uma mescla estrutural e léxica da qual surge um efeito deveras interessante, embora nem sempre muito fluente ou bem amalgamado. Em certos momentos tem-se mesmo a impressão de que a página sofre a imprevista intrusão desse léxico que quebra o andamento dos períodos, ainda que isto não seja necessário. (...) Também do ponto de vista do afresco social que pinta, o escritor se acerca do antropológico, carregando, de certo modo, nas tintas...

No entanto, quando Camilleri se deixa levar por seu talento, que tende à grande fábula alegórica e à sátira, dá-nos páginas realmente antológicas, como a da descrição da ilha vulcânica que surge, do nada, em pleno mar:

"A conselho de Trifiletti, que era também uma pessoa prudente, afastaram-se um pouco mais. E a partir da nova posição, depois de alguns minutos ouviram primeiro um forte estrondo, prolongado e lento, de uma lentidão tranqüila, a seguir viram a água principiar a ferver, e enquanto as embarcações começavam a tremer como se estivessem com febre terçã, uma altíssima coluna de fumaça e faíscas levantou-se na vertical, com silvos de rumor e raiva como os de uma pessoa viva. À medida que o sol se tornava cinzento, que uma cinza espessa e densa entrava pelos pulmões ao respirar-se, e que os marujos, mortos de medo, caíam de joelhos implorando à Virgem e a todos os santos, Currao e Trefiletti, estupefatos, se deram conta de que estavam assistindo a um fenômeno nunca antes visto: uma ilha vulcânica nascia diante de seus olhos. Dois dias levou o mar neste parto, em contrações que duraram

todo este tempo, ora raivoso e espumante, ora tão compassivo em seu ininterrupto lamento que dava vontade de acariciá-lo. Depois, a 15 de julho, a ilha emergiu por inteiro, e o mar pareceu adormecer de súbito, como se já estivesse exausto."

Em tais casos, o escritor esquece o "particular", ou melhor, o "particular" se abre aos universais, com um pathos semelhante ao verguiano, em que os caracteres, do momento e dos pescadores, não se referem a nenhum pescador e a nenhum momento determinado. Um Fio de Fumaça, evidentemente, não se preocupa demasiado com a obtenção de efeitos do gênero; pelo contrário, deixa-os até certo ponto de lado, para dar lugar a uma narrativa desvinculada de situações como essa para chegar, aberta ou sutilmente, a outras de intenção mais caricatural. O "balé desenfreado" - como já foi definido este livro - pode, no entanto, dar vazão a seu frenesi pelo espetáculo, e eis que aí surgem as músicas, as danças e um cúmplice "pisar de olhos" do escritor para o leitor. Mas o teatro verdadeiro ali, qual é? O do mar, por onde vai chegar o navio russo, ou o dos bastidores, em que continuamente se discute e se tomam atitudes as mais diversas? Um e outro, atrevo-me a dizer: a exemplo do teatro, a atuação é conjunta (platéia, atores, os que trabalham dentro e fora dos camarins, o roteirista, o diretor, o sonoplasta) e no qual nós também podemos atuar, trocando, à nossa vontade, de papéis, com base nas impressões que vão espontaneamente nos com-movendo, passando a amar os habitantes de Vigàta, a seguir a odiá-los, depois a lamentá-los por sua mesquinhez, e por fim a compadecer-nos de sua debilidade de caráter. (...) Em outros termos, o mundo de Vigàta, se visto à luz de um discurso mais amplo, de que passem a fazer parte tanto as mais fundas raízes humanas quanto as miudezas da vida cotidiana, pode enquadrar-se no que Renato Barilli chama de recuperação, no caso, universalizante, de toda uma sociedade.

O romance de Camilleri visou elevar-se a esse plano, sem para tal abandonar-se a tipificações de Caráter (a única exceção talvez seja a do Padre Imbornone, que tem evidente função atrativa) e me parece, neste sentido, ser, sem sombra de dúvida, uma obra bem-sucedida. Haveria ainda algumas observações a fazer, como, por exemplo, por que o escritor não quis entrar mais profundamente nos personagens ou por que não ampliou o quadro histórico pós-unidade italiana para melhor fazer ver o alcance da crise da burguesia, em processo na época, e pôr em evidência a escalada de novos-ricos. Mas Um Fio de Fumaça não tinha intenção de ser um romance histórico strictu sensu, nem o desejo de entediar-nos. Camilleri, tal como o faz em seu teatro, quis marcar o ritmo vertiginoso das ansiedades e sofrimentos dos vigatenses e, tenho que confessar, sua leitura me foi não só agradável como ilustrativa de toda uma condição humana.

Ignazio Xerri, Pasqualino Patti, Ciccio Lo Cascio, Saverio Fede e todos os demais que giram em torno dessa história de no isolamento e nos limites do ressentimento ou da conformidade. Acredito que colocar na berlinda personagens como esses, da forma lúcida e com a divertida ironia com que o faz Camilleri, seja um fato de enorme importância, não tanto por dar-nos a possibilidade de ler páginas de uma bela narrativa como porque deste modo nos leva a olhar para dentro de nós mesmos e de nossa realidade de meridionais, na qual se faz cada vez mais necessário abandonar os cantos de mea culpa e, em lugar de aguardar a desejada chegada de um navio e seu fio de fumaça, vê-la partir para sempre.

Dante Maffia é crítico literário, poeta e romancista

NOTA INTRODUTÓRIA

O problema de conciliar a língua italiana, veículo de comunicação nacional, com o variado e rico mundo dos dialetos de origem, canal de transmissão das fantasias e sensações da infância e adolescência, esteve presente em muitos escritores italianos, quer clássicos, quer contemporâneos.

Realmente, talvez a italiana seja a única literatura nacional em que a componente dialetal seja parte

do próprio patrimônio cultural. Para o italiano, o dialeto evoca o mundo das brincadeiras, dos cantos e fábulas, das tradições orais dos mais velhos, da sabedoria popular e até do sabor dos pratos preparados pela mamma.

O referido problema está presente de forma imperiosa em Andrea Camilleri, siciliano autêntico, cujo primeiro livro, *O Curso das Coisas* (Lalli, 1978), já era considerado pelo Autor como "um discreto encaminhamento a uma certamente longa e difícil pesquisa de linguagem", pesquisa esta que parte, exatamente, da língua afetiva, o dialeto: "Quando buscava uma frase ou uma palavra que mais se aproximasse do que tinha em mente escrever, imediatamente a encontrava em meu dialeto, na língua falada cotidianamente por minha família."

Sua obra é, de fato, uma tentativa de recuperação de sua "essência siciliana", que o conduz, inevitavelmente, a reapropriar-se de seu microcosmo, fecundo em histórias e culturas de várias procedências. Reapropriação que é feita, incluso, através do abundante uso de expressões dialetais italianizadas. Preocupado em esclarecer sua linguagem, o Autor considerou útil colocar um glossário ao final da obra, aqui reproduzido em Notas de Autor nos rodapés.

Para igualmente tornar mais compreensível ao leitor brasileiro não só a singularidade do universo siciliano, regional em muitos aspectos, mas expressivamente universal em vários outros, ou ilustrar a complexidade de determinadas expressões ou ainda esclarecer a referência a episódios históricos mencionados, também os tradutores viram-se levados a complementar aquelas notas com outras, a seu cargo, e a realizar, sempre que possível, a correspondência com ditos e expressões brasileiras de teor semelhante, visando aproximar ainda mais o Autor de seus leitores do Brasil.

Os Tradutores

UM FIO DE FUMAÇA

Fazem-no correr de Pôncio a Pilatos, desde o cavaliere*1 Ignazio Xerri, todo melífluo e por natureza falso,*2 como se pode ver por seu jeito de enrolar as mãos ou de mostrar-se encantado em contemplar o bico dos sapatos

"Muito me desgosta, sinceramente, mas estou com os depósitos vazios. No seu lugar, mesmo que só pra comprovar, daria um pulo até o de Michele Navarra"

e Dom Michele Navarra, que sempre perdia as estribeiras por toda e qualquer coisa, até com o sol despontando ao amanhecer e escondendo-se ao anoitecer

"Não, nem um sequer, nem um grama de enxofre. Estou com os depósitos no osso"

e ele, cada vez mais ofegante, perdida nessa correria a compostura que, suando sangue, tinha ganho na Suíça, quando seu pai tivera a genial idéia de mandá-lo estudar química para que ele viesse a fazer com o enxofre exatamente o mesmo milagre que Jesus fizera com o pão e os peixes

*1. Cavaliere - Título honorífico dado por autoridade superior, visando dar distinção a novos-ricos (tal como o Don). Às vezes tem sentido irônico, como aqui. (N.T.)

*2. No original, favuso: "falso, embrulhão, hipócrita: Catanrist, sordufavusu (o catanês [habitante da Catânia] é uma moeda falsa)". (N.A.)

"Sem meias palavras, meu filho. Não acredite que todo mundo tenha as mãos limpas como juram e tornam a jurar. Não, não há um só negociante, dentro e fora de Vigàta, que não misture o enxofre de segunda com o de terceira e até com o de quarta. Se você tem no depósito 10 mil cantara*3 e é sabido*4, conhece bem a coisa, e mistura bem, aquelas 10 mil viram 20, que você revende quando quiser. Não deixa de ser enxofre, de qualidade inferior, não nego, mas continua sendo enxofre, e vale como tal. Agora ando pensando na terra amarela de Termini Imerese. Não conhece? Tenho ido de propósito a Termini Imerese para olhar e examinar aquela terra. Cheguei até a pôr na boca para provar. Nem um deus*4 diria o contrário: é terra, mas tem a cor, o cheiro e tudo mais exatamente iguais aos do enxofre. Pode-se mandar vir vagões e vagões por dois tari*5. Porém, precisaríamos de um químico competente, uma pessoa que conheça bem o ofício, que saiba usar as proporções exatas, que faça a mistura sem que se possa notar. Mas, acima de tudo, de confiança. Um túmulo. E quem pode ser mais de confiança que um filho? Você estudou aqui em Vigàta e agora deveria ir para a universidade, em Palermo. Só que, em vez de ir a Palermo, daqui a uns 10 dias, você pega o primeiro trem para Roma e de lá vai para Zurich, onde, ao que dizem, tem o melhor ensino de química..."

*3. Cantara, plural de cantàru. Cada cantara equivalia a 100 rolos, e cada rolo a, aproximadamente, 1 kg. Atenção: não deslocar o acento de cantara, porque cantara era o recipiente de barro cozido que servia para depositar os excrementos da barriga, ou seja, um vaso sanitário. Por isso, pezza di cantara, dito de alguém, era considerado ofensa gravíssima. (N.A.)

*4. No original, sperto: especialista, capacitado. Mas significa, na realidade, furbo: malandro, salafário. Chi ti senti, spertu? Está querendo bancar o safado comigo? (N.A., que joga com a ambigüidade do termo.) (N.T.)

*5. Tari: Moeda de prata siciliana que valia, em 1875, 50 centavos da lira toscana. Representava também a trigésima parte da onza. (N.A.) Na época, cada região tinha seu próprio sistema de pesos, medidas e moedas diferentes, com termos e valores sem necessária equivalência entre si (N.T.)

e no entanto agora iam conseguir fodê-los*6, a ele, a seu irmão Caetano e a seu pai; estavam perdidos, mortos e sepultados

"Lamento muito, Dom Nenê, o senhor não imagina com que prazer e devoção lhe faria este favor. Mas, por azar, exatamente ontem tivemos que despachar um carregamento completo, e o pouco que restou Pasqualino Patti veio buscar. A propósito, pensando bem, por que não procura no de Patti?"

e ele continua correndo de um depósito para outro, como uma bola de bilhar que, por força de inércia, fica tabelando de um lado para o outro, mesmo que já saiba qual a resposta dos negociantes e saiba até o comentário pensado, mas não dito, porém que igualmente se adivinha no brilho*7 dos olhos ou na prega que desponta próximo aos lábios

"e fodam-se, você e toda sua raça" agora, por causa do calor e da correria, já quase não enxerga mais, tem os óculos embaçados, a boca ressequida, a respiração tão ofegante que lhe dá vontade de fazer como os cachorros quando põem a língua de fora, embora isto não lhe traga o menor alívio. O único alívio seriam as cinco mil cantara de enxofre que tem que conseguir a todo custo, tomando emprestado ou - sim, imagina ele - até comprando "a peso de ouro, sim senhor, estou disposto a pagá-las" "Mas meu caro Dom Nenê, não é questão de preço..." o que, no entanto, não

*6. No original coffa: cesto flexível, feito de palma silvestre, destinado ao transporte de alimentos. Dari la coffa significa livrar-se bruscamente de uma pessoa; e pigliarselo nella coffa significa ser enrabado, estar fodido - que é o sentido do texto. (N. A.)

*7. No original, sparluccichio: brilho - Ci sparluccicano l'occhi, sparluccicanti: brilhantes. (N. A.)

há santo que resolva é este vapor russo, o Ivan Tomorov, que partiu do porto de Odessa há seis dias e que daí a pouco, dentro de sete ou oito horas, estaria lançando âncora no porto de Vigàta, e seria como se em vez da âncora estivessem lançando a ele próprio com uma pedra no pescoço,*8 chega a imaginar mentalmente o diálogo que se seguiria

"Meu capitão, sua viagem de Odessa até aqui, lamento muito, mas foi foda mal dada porque deu filha fêmea"*9 (seguir-se-ia frase russa do capitão, que não teria entendido porra nenhuma e pediria explicações)

"Então vou lhe explicar melhor. O enxofre que a Firma Jung tinha encomendado ao nosso depósito e que o senhor veio transportar, nós o vendemos" (susto russo do capitão)

"Sim senhor, foi vendido. Para outros. Eu sei muito bem que era de vocês. Mas não podemos de maneira alguma atender ao carregamento pedido e esses filhos de puta*10 de nossos colegas negociantes não só não quiseram me ajudar, como talvez estejam até com a barriga doendo das risadas que estão dando neste momento. Faz anos que estavam esperando um erro de nossa parte, para cobrar-nos tudo com juros.*11

*8. No original, mitzzara: bloco de pedras solidamente amarradas que serve para que as redes de pesca de atum possam manter-se aderentes ao fundo do mar. Mettersi la mazzara ai collo significa atar-se uma pedra ao pescoço e com isso afundar mais rapidamente. (NA.)

*9. A expressão filha fêmea se explica se considerarmos que, na tradição popular da sociedade rural do Sul da Itália, o nascimento de uma filha fêmea era considerado uma calamidade, seja porque quase sempre representava menos braços para a lavoura, seja porque, para casá-la, o eventual marido exigiria um dote. A esse propósito cabe ainda lembrar que a esposa mais desejável era a de formas junônicas e robustas, não por razões estéticas, mas porque era garantia de que a mulher estava apta não só à

reprodução, mas aos afazeres da casa e do campo. (N.T.)

*10. No original, capar: suja, sórdida. Sendo freqüente o uso para designar a prostituta de baixo nível. Betta, la Cajorda, típica personagem do comediógrafo e cineasta Nino Martoglio (1870-1921). (N.A)

*11. No original, gnutticatUra: ação de dobrar um pano, um lençol. Significa também tapear, enganar, enrolar. No caso, a expressão usada col palmo e la gnutticatUra equivale a algo bem pesado e com sobra, como se efetivamente medida a palmos, com a mão, a sobra fosse representada pela dobra do polegar. (N. A.)

"E nós cometemos esse erro e, portanto, não havia mais o que fazer. Ele podia voltar para Odessa, e passar bem e até logo, com o porão vazio entregue aos ratos, enquanto que para a 'Firma Salvatore Barbabianca e Filhos' seria o ponto final, e apesar de tudo ele continua correndo. Na realidade não enxerga mais nada, só sabe se está caminhando pela calçada*12 ou pelo meio da rua pelo ruído dos sapatos, e a cada não que recebe aumenta dentro dele a contradição entre a certeza da ruína certa e a impossibilidade de convencer-se dela, sente-se com um coração de burro e outro de leão, além de que todo o seu ser não aceita esta situação, sente a barriga e peito contraindo-se, como quando criança*13 o obrigavam a tomar uma drágea de purgante, e ainda lhe restam três ou quatro depósitos por visitar. Talvez ao chegar no último já esteja vergando os joelhos diante da porta como um cavalo exausto, e se os outros acharem que está se ajoelhando para melhor convencê-los não dá a mínima, importam-lhe só aquelas cinco mil cantara, sangue, vida.

Dom Savério Fede estava sentado no tamborete atrás de sua escrivaninha, conferindo as contas, quando ouviu o ruído de uma carroça entrando a toda velocidade no pátio.

*12. No original, básola: grande pedra de lava vulcânica, muito dura, com que se pavimentava as ruas. Facci di bàsula é o que mente de cara lavada, o "cara-depau". (N.A.)

*13. No original, nico: pequeno em todos os sentidos, da idade ao tamanho. A expressão mi pari nicu equivale a você me parece um débil mental. (N. A.)

Erguendo os olhos para a janela viu que a carroça era a de Dom Ciccio Lo Cascio, outro comerciante que, como se dizia, gozava de reconhecimento obtido "por mérito próprio", sem necessidade de documentos em cartório: pessoa que tinha conseguido estima e respeito por fatos e palavras. Por isso, solicitamente se apressava a ir a seu encontro para recebê-lo, quando à porta quase se choca com um empregado de Dom Ciccio, vermelho e ofegante como se ele próprio tivesse corrido em lugar da parelha de cavalos.

"Perdão. Os meus respeitos, senhor." "O que foi que aconteceu?" "Acontece que Dom Nenê Barbabianca está chegando para ver o senhor. O depósito dele está vazio e ele precisa desesperadamente de cinco mil cantara, do contrário se afoga como um rato. Então, Dom Ciccio pede a Sua Senhoria que..."

Com um amplo gesto da mão estendida, como a fazer um juramento, Dom Savério o fez calar-se.

"Não há necessidade de ninguém me pedir isto. Diga-lhe que eu quero ver os Barbabianca riscados da face da terra. No meu depósito não tem enxofre para gente que não sabe conviver. Meus cumprimentos a Dom Ciccio."

Eram dois os documentos que Dom Totó, o setentão titular da "Firma Salvatore Barbabianca & Filhos", lia e relia desde as oito da manhã. Ou melhor, fingia ler, pois na verdade já os tinha gravados a fogo na mente. O primeiro era metade manuscrito e a outra metade impresso. No alto, à esquerda, estava escrito "Emil Jung" e logo embaixo "Palermo"; no alto, à direita, "Palermo - 2 de julho de 1 890"; em

seguida, embaixo, no centro da folha "Pedido de enxofre" e mais abaixo, "Sr. Salvatore Barbabianca & Filhos - Vigàta". A seguir o documento continuava:

Pelo presente pedido de mercadorias, terão a gentileza de entregar ao Sr Aléssio Paruskin, comandante do navio Ivan Tomorov, procedente de Odessa, cinco mil cantàra de enxofre de qualidade Segunda, selecionados em Vigida, sem mistura de outros produtos comerciáveis e receptíveis e sem adição de enxofre negro requeimado e corpos estranhos, embalados *14, como de costume, em pacotes nas três medidas usuais*15, levados e pesados nos lugares exigidos pela alfândega e a seguir embarcados no navio maior, sem qualquer despesa para o referido senhor, com exceção do Imposto Alfandegário, que fica a seu cargo. Os ditos enxofres devem permanecer armazenados, isentos de qualquer ônus, pelo prazo de agora a quatro meses, sendo que, transcorrido este prazo e não efetuada a entrega, passarão a ser de responsabilidade, com as vantagens e desvantagens decorrentes, do mesmo Sr Aléssio Paruskin, que é aqui o representante legal da firma Nikolaj Arbuzov, com sede em Odessa. Os supracitados enxofres são os por mim selecionados em seu depósito e comprados com pagamento à vista. Uma vez feita a entrega, dela darão a devida quitação, para garantia recíproca.

Com os protestos de estima e consideração de Emil Jung

O segundo documento era bem mais curto, um telegrama amarelado, também escrito em parte em letra de imprensa e, em parte, à mão. A parte manuscrita dizia:

*14. No original, terziati: zolfi terziati é expressão típica dos comerciantes de enxofre e indica a subdivisão do produto em três medidas. N. A.)

*15. Balate, tocchi e tocchetti balata -a forma retangular (aproximadamente 60cm de comprimento por 40cm de largura e 30cm de altura, com que era acondicionado o enxofre nas refinarias. As outras duas eram o toco e o tocchetto. Balata é também a pedra que serve para pavimentar as ruas. E dari lu culu a la balata é perder tudo, ficar falido, sem nada. (N.A.)

Queiram entregar cantàra cinco mil navio Tomorov chegando vosso porto tarde terça-feira dezoito. Saudações. _lung.

Estava tudo certo, portanto. Só o que não se explicava era como um telegrama enviado de Palermo no dia quinze (porque assim estava escrito, bem claro e evidente, no espaço apropriado, no alto, à esquerda) havia chegado a Vigàta no dia 18, ou seja, no mesmo dia em que o navio deveria atracar; de Palermo até Vigàta eram 200 quilômetros, era o mesmo que se tivessem enviado o telegrama por um mensageiro a pé. Era esta a questão: se o telegrama tivesse chegado regularmente, no mesmo dia de sua remessa, dia quinze, Dom Totó teria tido tempo de aparar o golpe, porque ele contara precisamente com isso, com a germânica correção de Emil Jung, que sempre se sentira na obrigação de mandar um aviso da transação pelo menos três dias antes. *O agente dos Correios não conseguira explicar o atraso. Mas Dom Totó, querendo, era capaz de encontrar a explicação, que estava clara, bem diante de seus olhos, como se tivesse presenciado a cena, do agente dos Correios correndo até o clube, chamando Ciccio Lo Cascio à parte e à meia-voz explicando, tintim por tintim, que havia este telegrama que poderia fazer voar pelos ares a Firma Barbabianca, já que era público e notório no povoado que, naquele momento, os depósitos da firma estavam mais lisos que casca de ovo, e o que achava Dom Ciccio da idéia de preparar para a firma uma bela armadilha?*¹⁶ Estava chovendo no molhado, como diz o provérbio, logo Dom Ciccio que, há três anos, quando o

*16. No original, sfondapiedi: literalmente, algo em que se afunda o pé, fossa coberta por pequenos galhos e folhas para fazer cair uma pessoa: armadilha. O pé que entra no buraco é um só, e o plural usado

pode enganar. Em sua pequena, mas preciosa gramática, o Abade Meli assinala que o jé a vogal preferida pelos sicilianos e geralmente substitui o e - o que cria inconvenientes no caso dos plurais femininos: una madre con due figlie em siciliano será una matri ca dai figghi (N. A.)

Barbabanca lhe tinha surrupiado o negócio da mina Trasatta, saíra alardeando aos quatro ventos que seria capaz até de empenhar todos os seus bens só para ver a "Firma Barbabanca" dar com os burros n'água, aquelas palavras eram mais que amêndoas sobre a massa,*17 tinham-lhe sabido a néctar. E quem sabe quanto tinha ganho por isso aquele espião de merda.

Acostumado a navegar sempre de proa, Dom Totó refletia: desta vez, porém, as ondas eram demasiado fortes e teria que usar de toda a habilidade possível para conseguir salvar-se. Por enquanto, nem todas as esperanças estavam perdidas. Antes de se considerarem mortos, era preciso esperar o retorno de Blasco Moriones, o contador que, assim que haviam recebido o telegrama, tinha viajado a cavalo para Fela, onde moravam os irmãos Munda. Era difícil que eles, os irmãos Munda, lhe dissessem que não sabiam que não lhes convinha ficar em falta com Dom Salvatore Barbabanca. Moriones chegaria de volta ao povoado no início da tarde, "mesmo que se arrebeste, você tem que estar aqui às três", ainda a tempo, antes que o navio atracasse. A esperança maior era essa, as voltas que seu filho Nenê havia decidido dar por toda Vigàta, pedindo a esmola de um pouco de enxofre, eram inúteis e estúpidas. Tinha sido muito bem tramada a cilada.

*17. No original, supra a pasta, minnulicchi: "Sulla pasta mandorlette" é a expressão usual, e seu equivalente em italiano pode ser "chove no molhado", ou seja, acrescentando-se a uma desgraça uma outra desgraça. A Sicília tem uma enorme florescência de provérbios neste sentido. Três exemplos, entre centenas all' annigatu, petri d'incoddu (para quem se afoga, pedra em cima); passare i gud do linu (passar pelas desgraças do linho: corte, batimento, trituração etc.); all'anu 'cri muriu lu mulu e supra l'annu'cci fitiu lu culo (no decorrer do ano morreu-lhe o jumento e depois de um ano fedeu-lhe o cu, isto é, também o dono do jumento morreu). (N.A.)

Era evidente que Moriones não poderia trazer com ele cinco mil cantàra, mas a esta altura já não haveria mais perigo, poderiam inventar alguma desculpa para o capitão, o essencial era que o enxofre chegasse de Fela a Vigàta dentro de 36 horas. Sem aviso prévio, rápido como um desses cachorros que, na calada, te saltam sobre a jugular, um pensamento o fulminou:

"E se os irmãos Munda tiverem alguma idéia maquiavélica?"

Com a boca subitamente ressequida, Dom Totó sentiu necessidade de um frescor. Tocou a campainha.

"Traga-me uma limonada com bastante gelo", disse ao empregado do depósito.

Dom Angelino Villasevaglios, noventão e já cego dos dois olhos, pedira ao mordomo Nino que o levasse para o terraço da casa, porque dali se via o mar, e agora estava ali sentado, suando sob o sol, mas sem arredar um milímetro, sem se mover, hirto na poltrona de vime, uma estátua, vestido de maneira impecável, incluso com polainas que só retirava a cada morte de um papa, o inútil pincenê pendente sobre o colete

"O senhor não vê que com este sol acaba tendo um ataque?"

"Não me encha o saco." e olhava para o mar com a mão em pala sobre os olhos para evitar a reverberação, como se enxergasse de verdade, esticando ainda mais o pescoço de tartaruga, e Nino permanecia a seu lado com santa paciência, tendo na mão uma luneta de marinheiro e procurando, de algum modo, fazer sombra com o corpo para aquele velho louco

"Daqui a pouco vamos acabar ficando assados, os dois", mas o velho nem ouvia seus resmungos, e, talvez pela primeira vez desde que a catarata lhe tinha tirado a luz, queixava-se de sua desgraça

"O Senhor não deveria me ter feito esta maldade, cegarme logo agora que a vista ia me servir para gozar esta grande alegria."

e com o nariz aspirava, tentando sentir a maresia "Nino, já se vê, a fumaça?" ansiava ver com os próprios olhos a fumaça do navio russo que representaria o túmulo, o caixão de Totó Barbabianca e de seus filhos, e desgraçadamente tinha que depender dos olhos de um servo

"Nino, por favor, me avisa." " 'celença, assim que a fumaça aparecer, eu aviso. Fica sossegado."

"Diga logo o que foi que aconteceu!", exclama o engenheiro Lemonnier, que, embora sendo de Turim, era um homem ágil, vivo, e em seu assunto, a mina, um deus, pois nos dois anos de permanência em Vigàta já tinha aprendido a entender alguma coisa sobre os sicilianos: que o que importava não eram as palavras que diziam, nem os gestos que faziam, o engenheiro estava persuadido de que era preciso, pelo contrário, ficar atento a como diziam aquelas palavras e a como faziam aqueles gestos. Nuances, inflexões, mudanças imperceptíveis de ritmo e entonação: eram estas as coisas que contavam. Começou a entender isso quando, tendo chegado a apenas três meses à Sicília, teve que ir a Palermo com o Comendador*18 Madonia, uma excelente pessoa. Há algum tempo o jornal A Voz da Ilha vinha publicando notícias não muito auspiciosas sobre a saúde do Papa Leão XIII, exaurido - diziam os jornalistas - pelo esforço de ter levado a cabo a Encíclica Immortale Dei, a respeito da constituição cristã dos Estados, e por ter começado uma outra, Christianum, nada mais nada menos que sobre a emancipação dos escravos. Pois bem, naquele dia estavam atravessando os Quattro Canti di Città e o Comendador Madonia mantinha-se atento às notícias, que, desta vez, davam boas novas sobre a saúde daquele excelso personagem, quando um senhor bemvestido, de certa idade, se havia aproximado cerimoniosamente do Comendador e, com evidente temor de incomodar, tinha perguntado, em voz macia:

"Desculpe, sabe me dizer como está o Papa?" Embora não tendo naquele momento nenhum ponto de contato físico com o Comendador, o engenheiro sentira os músculos deste se retesarem, em seguida enrijecerem e todo o sistema nervoso do outro vibrar como se tivesse levado um choque. Ele mesmo ia responder que o Papa, graças a Deus, estava um pouco melhor, visto que o Comendador Madonia, estranhamente, parecia ter perdido a voz, quando seu companheiro - mas, era ele ou seria já um outro? - repentinamente transformado, como que por mágica, e esquecidas a gentileza, a cortesia, a compostura que lhe eram características, tinha respondido, furioso, na cara que o outro senhor ainda mantinha um pouco inclinada para frente, os olhos apenas expressando uma espera, a boca parecendo pronta a um civilizado agradecimento:

*18 Commendatore (Abrev. Comm.) Outro título honorífico concedido pela autoridade pública, por mérito. Tem nível superior ao de Cavaliere. O grau mais elevado de todos é o de Grande Uffictale (N.T .)

"Ora, vá se foderi"*19 E bruscamente tinha puxado com força pelo braço o paralisado Lemonnier. No dia seguinte, ao voltar a Vigàta e contar o estranho episódio, um compreensivo ouvinte lhe havia explicado que o Comendador Madonia era um papista fervoroso, mas que, a partir da promulgação da Encíclica Non expedit, passara a recusar-se a votar e que, por conseguinte, aquele senhor de Palermo devia conhecê-lo de alguma maneira. Por isso ele pudera entender a carga de ironia, ou até de ferino sarcasmo, que continha o que a ele parecera um inocentíssimo pedido de informação. Uma vez um amigo lhe havia contado que os chineses não diziam nunca não, respondiam sempre sim a qualquer pergunta: por isso era preciso entender quando aquele sim era sim ou era não; só que ali na Sicília a questão de

imediatamente se mostrara um pouco mais complicada que com os chineses. Ele observara que, em determinados dias, os trabalhadores da mina, cuja direção lhe tinha sido entregue, sentiam-se, como eles próprios afirmavam, "sirocados"*20, moviam-se com lerdeza, mas isso era algo imperceptível, que só um olho já muito experiente conseguia perceber; porém, era então certo que, de algum modo, no decorrer daquele dia algo grave iria acontecer. Em outras ocasiões, pelo contrário, moviam-se com elegante desenvoltura, ou mesmo com uma espécie de felicidade que se refletia até na pele, pois o rosto se tornava incluso mais

*19. No original non mi scassi la mincbia. "Mincbia: pudicamente Vincenzo Mortillaro, Marquês de Villarena, autor do Novo Dicionário Siciliano-Italiano, de 1876, não registra o termo, Biundi dedica a ele uma só linha: termo obscuro, troço. Cotidiana e universalmente pronunciada, a palavra acabou perdendo seu sentido original (de órgão sexual masculino) para virar exclamação de espanto, raiva, indignação etc. Mincbiata é estupidez, bobagem. Vale assinalar que, na Sicília, o sexo masculino é designado por um substantivo feminino (mincbia é feminino), e o sexo feminino, por um termo masculino (sticcbio)." (N. A.)

*20. Sciroccad, afligidos pelo siroco, vento quente e úmido, que provoca lassidão. (NA.)

mais claro: e ficava certo de que, no caso, ia ver algo agradável, que podia ser até a celebração de um casamento ou o nascimento de um bebê.

Assim, ao entrar no Clube dos Nobres para falar com o Marquês Simone Curtà di Baucina a respeito de um assunto da mina, sentira na pele como que uma rajada de vento, um sopro de ar fresco. E fora exatamente essa sensação que o tinha levado a perguntar:

"Diga-me logo, o que foi que aconteceu!" "Romeres está fodido!", respondeu o Padre Imbornone, em cuja cara achatada, como um anônimo tinha escrito em um panfleto distribuído na praça algum tempo atrás, a libertinagem se espelhava por inteiro, porque nunca se tinha visto homem tão bruto nos prazeres sexuais, com os quais gastava muito dinheiro, mas na qual, naquele momento, se refletia somente uma alegria maligna no brilho de seus miúdos olhos de porco.

"Desculpem, mas quem é este Romeres?", perguntou. Com esse sobrenome só conhecia uma pessoa, mineiro, sempre metido no fundo da mina, pai de sete filhos, e que já tinha cuspidado fora metade dos pulmões. Por isso lhe parecia estranho que tão nobres senhores pudessem alegrar-se de ver esse coitado definitivamente fodido.

"Ah, é verdade, o senhor o conhece como Salvatore Barbabianca", explicou Dom Agostino Fiandaca.

"Por que, Barbabianca não se chama assim?" "O senhor não é daqui", adiantou Padre Imbornone. "Pois então fique o senhor sabendo que Barbabianca era um apelido, um cognome ofensivo*21 dado a Romeres há 50 anos, quando ele se mudou para Vigàta, vindo sabe-se lá de onde.

*21. No original, 'ngiuriato: 'ngiuria apelido ofensivo, quase sempre relacionado com um tique, um defeito físico, um aspecto do caráter ou um hábito. Sobre esta palavra há páginas antológicas em Brancati. (N.A.)

Ele era oleiro, fabricava cântaros*22 - que, entre outras coisas, eram mal cozidos e mantinham a água, com o perdão da má palavra, quente como o mijo - e, por conseguinte, tinha sempre a barba suja de argila e gesso branco. É esta a origem desse apelido ofensivo."

"E de oleiro pobre conseguiu chegar à potência atual?", perguntou estupefato.

"Sim senhor." "Um típico e verdadeiro self-made-man." "Um típico e verdadeiro fode-made-man",

corrigiu Padre Imbornone no falar desabrido que lhe era característico, continuando: "É um homem que tem provocado entre nós mais danos que um animal feroz. E ele está certo. Porque Barbabianca é a nata desta nova sociedade que ensina a não respeitar ninguém."

"Lá vem o senhor com a mesma toada!", interveio o Marquês Curtó di Baucina, que até o momento se mantivera calado.

"Com o respeito que lhe devo, meu caro marquês, deixe-se convencer por uma pessoa mais experiente que o senhor. Barbabianca é uma merda boiando no esgoto das idéias que nos vêm dando de presente desde a Unità*23: primeiro era um liberal antibourbônico, depois espião dos garibaldinos, em seguida adepto da maçonaria..."

*22. Bümmuli - recipientes de barro cozido que, ao transpirar, mantêm a água sempre fresca (ou o vinho). Caso não estejam bem cozidos, a água fica quente: neste caso o bümmulu é considerado "cru". Bümmulu cru é também a pessoa insípida, que não fede nem cheira. (N. A.)

*23. O Reino da Itália foi proclamado no dia 13 de março de 1861. L'Unità (a Unificação) foi completada com a anexação do Veneto (em 1866) e a conquista de Roma (em 1870). (N.T.)

"Então tem sido sempre coerente", interrompeu teimoso o marquês.

"Pois sabe a que o levará esta sua coerência, como o senhor a chama?", retrucou Padre Imbornone, inflamando-se como um fósforo. "Que se, por sorte, se salvasse hoje desta desgraça que está caindo sobre ele, amanhã ele estaria pronto a colocarse ao lado desses cabeças quentes dos Felice-Giuffrida, dos Boscos, dos Verro, de todos os que inventaram essa história dos fasci siciliani*24 e ficam enchendo a boca com besteiras do tipo igualdade social, emancipação, coletivização..."

"Não entendo onde o senhor quer chegar." "Eu não me calo, meu ilustre senhor, mas é o senhor mesmo quem deve se preocupar!"

"Procuremos não mijar fora do penico, Padre Imbornone!" "Peço desculpas. É que eu perco facilmente a cabeça e diante dessas coisas fico furioso. O que quero dizer é que aposto tudo que tenho que, quando esses loucos começarem a organizar greves, não só nos campos, mas talvez até nas minas, o chefão será nosso Barbabianca, que, com uma linda bandeira vermelha na mão, irá gritar que o que é nosso é dele, e aquilo que é dele deve continuar sendo seu. E o senhor pode dizer adeus às suas minas!"

"Quando chegar esse momento, vou comemorá-lo com muito prazer!"

"Porra, eu, quando o ouço raciocinar desse jeito, me pergunto se o senhor tem realmente sangue nobre nas veias!"

"Caralho! Que é que o senhor quer dizer? Explique-se melhor, se tem coragem!"

*24. Fasci siciliani - Conhecido também como o Movimento dos Trabalhadores, foi uma organização, de inspiração socialista, dos homens do campo (do tipo "bóias-frias") que se desenvolveu na Sicília entre 1891 e 1894. O movimento foi violentamente reprimido depois das revoltas de 1893, por Francesco Crispi, Primeiro-ministro italiano na época. (N.T.)

Tendo percebido que havia exagerado, Padre Imbornone murmurou algo que poderia talvez parecer um pedido de desculpas, enquanto Dom Agostino Fiandaca se empenhava em acalmar o marquês.

"Ainda não entendo", murmurou Lemonnier, que não se tinha deixado impressionar pela cena, pois já estava se acostumando com essas brigas que rapidamente se acendiam como fogos de artifício e se apagavam igualmente rápido. "A política e todo o resto dá para se entender, mas, para juntar esse dinheiro todo, como foi que o Barbabianca conseguiu?"

"Roubando." E dessa vez houve unanimidade, consenso absoluto.

Pela primeira vez, depois dos sete anos em que mantivera as persianas cerradas, como que em luto fechado,*25 Dom Masino Bonocore deixou filtrar por uma fresta da janela uma lâmina de luz que cindiu ao meio a escrivaninha cheia de poeira. Na realidade, ninguém havia morrido recentemente naquela casa: seu filho Santino tinha sido obrigado a ir para Milão a fim de buscar o pão de cada dia e, Deus o livre, era muito saudável e ganhava o suficiente para poder remeter cada mês algumas onças*26 e uns quantos tari que ele não conseguia calcular em liras. Mas o

*25. Na sociedade rural do Sul de Itália, na época, os mais abastados, durante o período de luto, mantinham fechadas as persianas de suas casas. As mulheres, igualmente por tradição, usavam luto fechado, cobrindo-se totalmente de negro, incluso no lenço sobre os cabelos, durante sete anos. Com mortes seguidas nas famílias, o luto acabava por tornar-se permanente. (N. T.)

*26. A onza equivalia, na segunda metade do século XIX, a 12 liras italianas e 75 centavos. Arricoggbiri a 'unza e cacuri a tonai: poupar pouco a pouco, com esforço e ver-se obrigado a gastar tudo de uma só vez. (N.A.)

espinho que há sete anos lhe haviam cravado no coração, este, sim, tinha sido um luto dos grandes que lhe tinha tirado todo o gosto de viver. Curvado, com um pequeno agasalho nas costas, embora ainda fizesse calor, Dom Masino ficou olhando a escrivaninha, que parecia dividida em sombra e luz, o cortador de papel enferrujado, o roupão virado do avesso que confundia a areia que tinha dentro com a poeira na superfície da mesinha, tão espessa que se podia até nela escrever com o dedo. Desde aquele dia não tivera mais vontade de entrar neste aposento: mas hoje talvez fosse o dia especial, determinado por Deus. Com passos cautelosos, como se caminhasse no gelo e tivesse a cada momento medo de cair e quebrar o pescoço, aproximou-se da escrivaninha, sentou-se na poltrona de vime, abriu a primeira gaveta à direita e dela retirou a cópia de uma carta que já começava a amarelar.

Ilmo. Sr Diretor do Banco de Itália, a Firma Tommaso Bonocore, de Vigáta, está extinta há mais de dois anos, devido a lamentáveis prejuízos. Ora dirigem-se a V Sa. Ilma, pedindo um acordo justo com a Instituição administrada por V Sa.. É do conhecimento de todos que a Firma Tommaso Bonocore sempre teve boa reputação e era comercialmente bastante escrupulosa. É, outrossim, fato notório que afirma de Emanuele Barbabianca, filho do conhecido Salvatore, que se afastou da firma paterna para iniciar atividade própria, ao encontrarse em águas perigosas e turbulentas, pediu socorro ao Banco de Itália (na época Banco Nacional) que, para socorrê-lo, exigiu o aval e a assinatura da Firma Bonocore, ligada por vínculos familiares ao referido Emanuele Barbabianca, por ser sua esposa filha do signatário desta, Bonocore Tommaso. É ainda sabido que a citada Firma Bonocore aceitou o compromisso de salvar o parente e de resguardar a Instituição. Coisa com que Salvatore Barbabianca não se preocupou, mesmo vendo o que sucedia com um parente tão próximo como um filho, embora pudesse comprovar possuir capital, créditos, imóveis e um giro de negócios infinitamente mais importantes que os de uma pobre, mas honesta firma, como a do signatário. Porém, sendo o déficit do Sr Barbabianca Emanuele muito superior ao conhecido pela firma Bonocore, isto fez com que esta não pudesse agüentá-lo, indo à falência. Salvou-se, pelo contrário, Barba bianca Emanuele, que, ficando liberado em virtude de nossas garantias, encontrou pronta e estranhamente um jeito de voltar a esconder-se sob as asas da família. A falência da firma e da Casa Bonocore aconteceram por um excesso de boa-fé. A firma despojou-se de tudo em favor de seus credores, permitindo a hipoteca dos poucos bens estáveis que ainda lhe restavam e com isso viu seus componentes atirados na mais dura miséria. Agindo como honestos comerciantes e para conservar até o fim a respeitabilidade de que nossa extinta firma gozou até o último instante, ora lhe propomos que,

para total quitação da dívida devida a esta Instituição, V Sa. aceite a soma de oito mil liras italianas, resultado da venda de um lote de terra de propriedade da falecida esposa de Bonocore.

Outros bens não possuímos, além de lágrimas a serem choradas. Certo de virmos a receber uma resposta compreensiva e positiva, queira aceitar a expressão de minha mais profunda consideração...

Faz cinco anos que não relia esta carta. De nada lhe servira a vergonha de sentir-se obrigado a redigi-la, pois o banco havia respondido que não. E enquanto ele se via condenado a vender não só seu último pedaço de terra, e até a casa em que tinha nascido e em que tinha vivido até a morte de sua mulher, enquanto se vira obrigado a ir morar em um casebre*27 de dois cômodos e a suportar a dor de ver partir para longe seu único filho, em suma, enquanto ele estava se acabando pobre e enlouquecido, seu genro, aquele por quem se tinha arruinado, Emanuele Barbabianca, continuava

*27. No original, catojo: moradia em geral com um só quarto, no andar térreo. Quase sempre sem janelas. Tem como único ponto de ar e luz a porta da entrada. (N. A.)

exibindo-se por toda parte em carruagem e cavalos. E pela maneira como este se comportara depois da ruína, a suspeita que uma noite Dom Ciccio Lo Cascio lhe havia insinuado, ou seja, de que tudo tinha sido uma armação combinada entre pai e filho para liquidar de vez com ele, tinha adquirido a cor da certeza absoluta. E agora, depois de sete anos de tribulações, de miséria, de dor, talvez tivesse chegado o momento de abrir aquela janela.

Reencontrando uma energia que pensava perdida para sempre, de um salto foi parar diante das persianas, que descerrou por completo a ponto de fazê-las bater com força contra a parede. E enquanto o sol entrava nem se deu conta de que estava chorando.

Os Attard, os Bouhagiar, os Camilleri, os Cassar, os Hamel, os Oates, os Peirce, os Sciaino, os Xerri, fossem eles árabes ou malteses que, de pés sujos e avarentos, economizavam até o óleo das candeias dos defuntos; os Ayala, os Contreras, os Fernandez, os Lopez, os Martinez, os Vanasco, os Villaroel, os Villasevaglios, espanhóis cheios de pose, mas sem a mínima substância, sempre de nariz empinado como se sentissem mau cheiro; os Gotheil, os Hoefler, os Jacobs, comedores de batatas, testarrudos alemães com antolhos que, por não quererem desviar-se um centímetro sequer do caminho traçado, eram capazes de cair em um poço, de tão cabeças-duras*28 e, em seguida, a fila que não acabava mais, dos astutos

*28. No original, chiummo (chumbo). Testa di chiummu - cabeça-dura, teimoso. Também aviri i piedi di chiummu, estar com os pés pesados como chumbo, sinal de grande cansaço. (N. A.)

nativos,*29 os Brancati e Buttitta, Cacciatore e ansolo, D'Arrigo e De Stefani, Farinella e Fiore, Gallo e Giudice, Isgrô e Joppolo, Lanza e Longo, Mazzaglia e Mormino, Napoli e Nicosia, Padellaro e Pizzuto, Ronsisvalle e Russello, Savarese e Sciascia, Terranova e Torrisi, Uccello e Uliano, Vilardo e Virduzzo, Zagarrio e Zinna, em suma, o povoado inteiro, que já não tinha mãos pés pança peito, tornados apenas olhos, olhos que tudo figavam pela janela, olhos que figavam pela porta, só com o passar destes pequenos sóis que se criam escondidos, mas que, pelo contrário, revelavam-se nas centenas e centenas de brilhantes pontos negros, que eram exatamente os olhos; esses milhares de pares de olhos que ora apontam para as suas costas e lhe abrem entre as omoplatas uma rosa maior que a provocada por uma lupara", que o empurram para a penúltima estação (pois é exatamente assim que se sente. Em sua mente é uma expressão ligada ao Calvário que lhe surge naturalmente, pois cada vez mais vai se comparando, dentro do mar de autocompaixão em que se sente afogar, ao próprio Cristo em sua Via Crucis), a estação em que, como estava previsto, aquele judeu iria pôr mais um espinho em sua coroa e outro prego na cruz.

"Parte-me o coração, caríssimo Dom Nenê, mas realmente não sabemos como ajudá-lo. Por que não se dirige a Dom Saverio Fede? Talvez ele possa..."

*29. No original, garrusi: Segundo Mortillaro, palavra quase sempre depreciativa que não é de bom uso e costuma ser evitada, pois na realidade designa o sujeito passivo no ato de sodomia entre homens. Porém, segundo a inflexão, pode ter significados diferentes: garruseria pode ser igualmente ação ridícula ou então brincadeira entre amigos. (N.A.)

*30. Lupara - Espingarda calibre doze, de cano cortado. O corte é feito para que o chumbo grosso do cartucho saia da arma com um diâmetro maior, de modo a provocar feridas mortais. É geralmente usada por mafiosos. (N.T.)

"Preciso ter cuidado", pensou Dom Agatino Cultrera. Ninguém o tinha avisado do que estava acontecendo, tinha-se inteirado casualmente, juntando uma meia palavra captada no ar, uma risada sem quê nem porquê, um cumprimento mais cordial que de costume: os negociantes queriam matar dois coelhos de uma só cajadada,*31 a Firma Barbabianca e ele próprio, descontando assim todas as vezes que tinha fechado os olhos quando Dom Totó se havia encontrado em dificuldades.

"É melhor me precaver", repetiu para si mesmo, sentando-se à escrivaninha, com a cabeça entre as mãos. Mas como? A armadilha construída para Dom Totó era visível até para os cegos. Tinham-no feito entregar o telegrama com um atraso de três dias. Estava aí a chave de tudo, aquele atraso. E foi precisamente esta a palavra que lhe deu, de repente, uma idéia. Se um telegrama demorava três dias de Palermo a Vigàta, uma carta de Vigàta a Palermo não deveria demorar, proporcionalmente, uns 10 dias? Certamente que sim, e não seria de estranhar. Restava o problema da data, não a da que ele poria no cabeçalho da carta, mas a do carimbo dos correios. Problema? Quase lhe deu vontade de rir. Com dinheiro em uma das mãos e a carta na outra, o Senhor Calcedônio Macaluso, agente postal, teria posto um carimbo até de 100 anos antes.

Tranquilo, começou a escrever: Hoje, quinze de setembro de mil, oitocentos e noventa, em Vigata, eu, o abaixo assinado Agatino Cultrera, Inspetor da The Anglo-Sicilian Sulphur Com pany e da Casa Emil Jung, de Palermo, fui aos escritórios da respeitável "Salvatore Barbabianca e

*31. No original, due quaglie con uri Irmo, onde o coelho da situação é um pássaro. Há outros ditados com o mesmo sentido, sendo dos mais freqüentes o prendere due piccioi con una fava (pegar dois pombos com uma só fava). (N.T.)

Filhos" para verificar a situação do estoque da referida firma, isto é, se aí existem de fato as diferentes qualidades e quantidades de enxofre que deveriam consistir, segundo a cópia dos pedidos de enxofre a nós enviados, nas doze mil cantàra registradas em nome da firma em questão pela The Anglo-Sicilian Sulphur Com pany e em cinco mil cantàra encomendadas pela Casa Emil Jung. O senhor Salvatore Barbabianca protestou quanto à hora por nós escolhida para tal inspeção, afirmando não ter naquele momento pessoal disponível para nos acompanhar aos depósitos da Sociedade, juntamente com nossas testemunhas, Parrello Giovanni (este eu compro com um só copo de vinho) e Attanasio Antonio (ou seja, com este vou perder duas liras).

Vencida a sua resistência, qual foi nossa surpresa quando nos depósitos não conseguimos encontrar aquelas mercadorias que, no entanto, aí deveriam estar. Nos depósitos não havia qualquer volume à vista, o que fizemos constatar por nossas duas testemunhas. O senhor Salvatore Barbabianca, no entanto, no decurso da inspeção, havia rapidamente desaparecido e não me foi possível pedir-lhe, como era de meu

dever e direito, contas e razões de tão grave desordem. Antigas relações de amizade ligam-me ao referido Barba branca, que batizou uma de minhas filhinhas (melhor comunicar-lhes isto agora, antes que algum imbecil os informe através de carta anônima) e é, portanto, constrangido que me vejo obrigado a assinalar a condição obviamente não regular da firma em questão, mas sempre me serviu de guia e referência a convicção de que o honesto exercício das próprias funções deve ser cumprido, não se levando em conta afetos e amizades. Fico, portanto, à espera de suas ordens.

Assinou rebuscadamente e colocou a pena sobre a mesa, satisfeito: pelo sim, pelo não, a carta estava pronta, pronta para ser rasgada ou para ser enviada. Era preciso ver que rumo as coisas iriam tomar.

"Já se vê algo?" "Nada, Dom Angelino." Fazia 40 anos que esperava aquele momento, havia-se entortado como uma oliveira, certos dias não podia nem se mexer e tinham que lhe limpar a bunda como a um neném*32, tinha perdido a vista e os dentes, mas paciência, paciência e paciência, tinha pedido sempre a Deus que o conservasse vivo, mesmo que só servisse para fazer sombra, mas que, antes de fechar-lhe os olhos, lhe concedesse a graça de poder ver a ruína de Totó Barbabianca.

Pareceu-lhe - certamente, porém, se enganava - que um fio de vento tinha trazido um cheiro característico, de maresia. Foi o suficiente para que voltasse à sua memória uma noite de 40 anos antes, quando havia este mesmo cheiro, porque ele, daquela noite em diante e por todos esses anos, tinha tido modos de revivê-la, minuto após minuto, reconstruindo cheiros e ruídos, sons e palavras. Era uma noite estrelada e calma, em que nem uma folha se mexia, e eles tinham gasto pouquíssimo tempo para descarregar o barco a vela lotado de seda de contrabando procedente de Malta. Eram três, ele, Ristuccia, que depois iria morrer de maneira violenta, e Tummineio, que posteriormente emigraria para a América. Todos os volumes estavam sendo transportados nas cinco mulas com as patas enfaixadas, porque tinham que passar necessariamente por um caminho perto de Vigàta e queriam evitar ruídos. Não há dúvida de que a hora era propícia, mas sempre podia haver alguém com sono leve ou algum vira-lata que, latindo, despertasse a curiosidade dos vizinhos. Tudo tinha dado certo até o momento em que, já fora de Vigàta, se haviam detido para retirar os panos das

*32. No original, caruso: neném. O diminutivo caruseddu é um tanto depreciativo. Rapazola, por sua vez, é addevu, aprendiz. (N. A.)

patas das mulas a fim de acelerar sua marcha. Era sua quinta viagem em um ano e por isso já estavam bem treinados: faziam atracar o barco no mesmo lugar, tomavam sempre aquela mesma trilha e paravam logo depois do trevo para Taro, onde dois altos muros de pedra, que serviam de marco, ofereciam abrigo do luar. E precisamente neste ponto, enquanto estavam agachados desatando as faixas, que é que tinha acontecido? Um golpe de sabre? Um terremoto? Ainda hoje não achava explicação para aquilo. Não os tinha ouvido chegar, não os tinha visto pularem os muros: tinha-se visto atirado ao solo, com a cabeça zonga devido ao forte golpe recebido, e ouvira ao lado a voz de Ristuccia gemendo e pedindo ajuda à Virgem. Porém, o atordoamento tinha durado pouco, logo havia percebido que lhe estavam roubando as mulas com a seda e se tinha posto de pé, saltando sobre Tumminello, que se contorcia no chão, e tinha começado a correr em direção às três ou quatro sombras embuçadas*33 que já iam se distanciando com a carga. Mas ficara pouco tempo de pé: fraco como estava, apenas tinha conseguido agarrar pelo casacão uma daquelas sombras quando, em um átimo de segundo, uma segunda sombra o tinha segurado com força pelos braços, enquanto uma terceira silenciosamente lhe havia dado um soco. Um soco é o que lhe tinha parecido naquele momento. Mas, de repente, havia sentido a sensação de algo gélido dentro de si, e a seguir sono, como quando se está dopado. Todas as suas desgraças tinham começado ali, desde aquela

facada nas costas. Uma vez levantado da cama, após ter ali ficado mais pra lá que pra cá, tinha gasto meses e meses, e muita paciência, e promessas, e dinheiro, para chegar a saber o

*33. InfaCCiallarSi - Travestir-se ou mascarar-se, como disfarce. Os ladrões que armavam tocaias nas estradas vinham sempre embuçados, com grandes casacos e/ou estolas (N. T.)

suficiente para poder dar nome e sobrenome a quem o tinha desgraçado para sempre, porque havia compreendido, sem que o médico nada dissesse, que jamais voltaria ser o mesmo homem de antes. Idéia genial a de Salvatore Romeres, apelidado de Barbabianca: roubar contrabandistas, que não poderiam denunciá-lo. E, se os contrabandistas rejeitassem tal idéia, ver-se-iam confrontados com essa mesma morte que haviam tentado dar-lhe e por pouco não haviam conseguido. O que podia fazer, matá-lo? Evidentemente não podia contar com Tumminello e Ristuccia, que eram bem pouco corajosos e não tinham sofrido graves danos físicos. Cara a cara com Barbabianca, inutilizado como estava, nem pensar. Teria que se colocar em algum ponto, esperá-lo de tocaia e estourar-lhe os miolos como a uma serpente, mas tinha levado alguns anos para compreender isto, porque não era um homem dado a traições. Para certas coisas se tem que nascer para tal. E desse modo se tinha aparentemente resignado, entregando-se aos negócios que, graças a Deus, lhe estavam dando certa satisfação. Rosina, sua mulher, havia morrido há 10 anos e não tinham tido filhos: era ele, tinha uma vez pensado, que desde aquela noite havia ficado empenhado de um ódio do qual jamais conseguira desembaraçar-se.

Perdido em suas recordações, sobressaltou-se ao dar-se conta de que não sabia quanto tempo se passara, talvez a fumaça do vapor já estivesse à vista.

"Nada ainda?" "Mas, por todos os diabos!, está querendo me pôr doido? O senhor me pergunta a mesma coisa a cada minuto!"

"Há cerca de 15 anos, lá pelos idos de 75", estava contando o Marquês Curtô, "desembarcaram na Sicília duas Comissões de Inquérito, que talvez tenham vindo até as nossas paragens, e digo duas porque nos fizeram uma quantidade tal de perguntas que parecíamos ter voltado aos tempos de colégio."

"O marquês diz bem", intrometeu-se Padre Imbornone, "que aqueles, todas as vezes que aparecem por aqui, vêm sempre com um ar de quem tem a obrigação de nos ensinar alguma coisa."

"Mas", continuou o marquês, "o que me deu súbito o que pensar foi o fato de que, já que estamos falando do enxofre, enquanto chamavam, que sei eu, Genuardi, Contarini ou Giambertoni, que são pessoas honestíssimas, para interrogalos..."

"Honestíssimas! Honestíssimas!", exclamou Padre Imbornone, pondo a mão no peito como que para mostrar que ele estava pronto a jurar por Deus por aquela sua afirmação e, ao mesmo tempo, piscando maliciosamente o olho para Lemonnier.

"... pessoas honestíssimas", prosseguiu pacientemente o marquês, "que se haviam ocupado com minas e depósitos, mantendo as mãos sempre limpas, deixavam nosso Romeres seguir seu caminho a fresco como uma coxa da galinha."

"Isto não é exato", disse Dom Agostino Fiandaca, "ele teve um contato com a primeira comissão: o Senador Cusa foi convidado a jantar em casa dele."

"Seja como for", disse o marquês, "de início essas comissões pareciam uma coisa séria e, no entanto, em que resultaram? Todos os senhores comissários se deixaram enganar com essa história de máfia e puseram-se a escrever coisas fantasiosas.

"Então a máfia é algo fantasioso?", perguntou, inquieto, Dom Agostino Fiandaca, a quem tal hipótese dava arrepios de prazer, já que, como vigias*34 e arrendatários,*35 costumava empregar só pessoas

eficientes, respeitáveis.

"O senhor tem uma capacidade muito sua de não entender o que eu quero dizer."

"Não sou eu que não entendo, é o senhor que tem o vício de esmiuçar as coisas com tantos detalhes que a gente acaba se perdendo."

"Então me explico com um exemplo. Vamos supor que a Sicília seja uma árvore, está bem? Uma árvore doente. Aqueles senhores começaram descrevendo: 'esta árvore tem no tronco manchas assim e assado, está com alguns galhos podres, as folhas estão metade de tal cor e a outra metade amareladas', e depois voltaram para casa felizes e contentes."

"As coisas não são bem assim", interveio o Barão Raccuglia. "Franchetti e Sonnino*36 talvez tenham escrito apenas para dar o exemplo, já que o

*34. No original, *campieri*: hoje chamados de vigilantes ou seguranças, eram gente contratada pelos grandes proprietários para vigiar suas terras. Além de cometer, de fato, abusos contra os camponeses e os "bóias-frias", serviam de intermediários entre esses proprietários e a máfia. A Investigação sobre as condições sócioeconômicas da Sicília (1875-1876) registra as atividades dos *campieri*. Também os dois volumes da investigação Franchetti-Sonnino de 1876 afirmam, em geral, as mesmas coisas sobre os *campieri* e a máfia. Coisas pouco diferentes dizemos três volumosos tomos do relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o fenômeno da Máfia, de 1972. As palavras usadas são outras, mas, passados exatamente 100 anos entre a primeira e a terceira investigações, o resultado é indiscutivelmente o mesmo. (N. A.)

*35. No original, *gabeloti* - arrendatários, isto é, aquele que arrenda um pedaço de terra de seu proprietário, pagando uma certa quantia anual, podendo, por sua vez, subarrendá-la no todo ou em parte. (N. T.)

*36. Franchetti, Leopoldo (1847-1917), político especializado em problemas do Sul da Itália. Sonnino, Giorgio Sidney (1847-1922), famoso político italiano, que chegou a ser, por mais de uma vez, primeiro-ministro da Itália. Ocupou-se, entre outras coisas, da Sicília, realizando uma pesquisa sobre as condições da ilha. (N. T.)

governo não havia feito mais que deslocar para cá os piores funcionários e o pior pessoal de polícia."

"Sabe como é que diz o provérbio? Pra quem se afoga, pedra no pescoço."

"Que quer dizer isso?", perguntou Lemonnier. "Isto quer dizer que, se uma árvore está doente e todos os dias a gente mijá em cima dela, a árvore morre mais depressa. Mas não quer dizer que foi essa mijada que fez a árvore adoecer. Pode ser que as causas estejam bem mais longe, talvez entre raízes ocultas sob a terra, e então é preciso ter vontade de escavar, escavar, não sabendo nem o que se vai encontrar, se um ninho de víboras ou uma pedra dura que te quebre o enxadão. Não só é preciso ser um grande médico para descobrir uma doença, mas é preciso também sê-lo para saber a cura."

"E a seu ver, a cura seria...?", perguntou ainda o engenheiro Lemonnier.

"Há algumas, das quais seria longo falar, e dentro de instantes já será hora de irmos para casa almoçar. Mas, só para aproveitar ainda estes cinco minutos, faça-lhe uma pergunta: quando Garibaldi desembarcou em Marsala...?"*37 "Com os navios de Rubattino", interferiu Padre Imbornone e riu, rodando várias vezes o braço direito em um gesto cheio de ocultos e indizíveis subentendidos.

"... quando Garibaldi desembarcou em Marsala, o senhor sabe quantos teares estavam funcionando aqui na Sicília?"

"Não."

*37. O desembarque em Marsala deu-se em 11 de maio de 1860, depois de cinco dias de navegação. De fato, Garibaldi zarpara de Quarto em 6 de maio, em dois vapores cedidos pela Cia. de Navegação Rubattino, de Gênova, com 1.150 voluntários, para libertar o Reino das Duas Sicílias do domínio dos Bourbons. (N.T.)

"Pois vou lhe dizer: aproximadamente três mil. E sabe quantos ainda funcionavam depois da Unità?"*38

"Não." "Menos de 200, meu amigo." "Rubattino, Rubattino", cantarolou Padre Imbornone. "E os tecidos que começaram a vir de Biella*39 nós tivemos que pagar pelo dobro do preço. E o pessoal que ganhava seu pão graças aos teares, com o perdão da palavra, ficou batendo punheta."

"Já que lhe estão dando uma aula de história", interveio Padre Imbornone, "o senhor conhece o caso do 'patriota' Rubattino, um nome que é todo um programa?"

"Eu acho que não sei mais nada." "Rubattino estava com a corda no pescoço, quase falindo, e agarrou no ato a oportunidade. Deu a Garibaldi dois navios meio destroçados que só Deus sabe como ainda conseguiam manter-se à tona - eram mais buracos que navios - e nosso general, assim que chegou a Palermo, meteu as mãos, e talvez até os cotovelos, dentro de nossos cofres e os pagou em ouro, por três vezes o seu justo valor - e assim os Sicilianos entenderam como iriam ser administradas as coisas do Estado."

"Por quê, segundo o senhor, com os Bourbons...?," interpelou, de forma provocativa, o Marquês Curti).

"Deixe em paz os Bourbons, por favor, deixe-os em paz", disparou Padre Imbornone. "Sob este ponto de vista, merecem todo respeito! Pode ser

*38. Cf. Nota nº 23

*39. Biella - cidadezinha de região do Piemonte, famosa por ser, na época, um dos centros mais importantes da indústria têxtil na Itália. A importação das manufaturas têxteis de Biella afetou bastante a indústria similar siciliana. (N.T.)

que tenham sido um tanto ou quanto amigos da força, coisa que eu, pessoalmente, não creio, no máximo defendiam o que era deles, ou será que nem Isso deviam fazer? Mas eram honestos, íntegros, doesse a quem doesse."

Como a discussão, iniciada por causa da próxima chegada de um navio, tinha fatalmente tomado o rumo contrário, ou seja, enquanto o primeiro se aproximava cada vez mais do porto, a outra corria o perigo de perder-se em alto-mar, Lemonnier tentou reconduzir a conversa ao ponto de partida.

"Mas o que tem tudo isso a ver com o Barbabianca?", perguntou.

"Tem algo, sim, porque o Romeres, meu caro, é um homem que, com toda aquela aparência formal, também sabe tirar proveito de qualquer confusão. Dou-lhe um exemplo, ao acaso: se, em vez de estarmos no clube, nos encontrássemos em um barco e esse barco de repente começasse a afundar, pode apostar que, enquanto todos nós iríamos fazer companhia aos peixes, ele, não se sabe como, se salvaria sozinho. E não é só: pode ser que ainda voltasse à praia com o rabo cheio de peixes. Pode crer."

"Mas parece que hoje as coisas não estão saindo bem para ele."

"Então, vamos ver. É claro que, se ele se afundasse, seria uma maravilha."

"Mas se ele se chama Romeres, como é que sua firma, legalmente digo, pode se chamar Barbabianca?", insistiu Lemonnier.

"Bah! O senhor chega a ser irritante!", disparou Padre Imbornone. "Ele fez isso de vingança. Quis que o apelido ofensivo fosse legitimado, não entendeu? Quiseram me apelidar de Barbabianca para me rebaixar? Pois bem, a partir de agora me chamarão de Barbabianca com respeito! Por outro lado, trocar de nome é coisa normal na família de Romeres. Seu filho, Stefano, segundo o senhor, como se chama?"

"Stefano?" "Não senhor, foi batizado com o nome de Caetano. E já que estamos falando de Romeres, meus cultos amigos aqui, há uma hora tentaram persuadi-lo de que as comissões de inquérito sempre disseram bobagens e me parece que o senhor não quer se convencer disto. Mas é verdade, sabe? Até o General Boglione disse bobagens. Já lhe falaram dele alguma vez?"

"Acho que sim." "O General Boglione - seu conterrâneo, coisa de que o senhor não tem culpa, pois, não se ofenda, o senhor até parece um dos nossos - intimado a responder diante do Parlamento por sua, como dizer, excessiva severidade na repressão aqui na Sicília, depois da Unitá - entre outras coisas, tratou a ferro e fogo nosso vilarejo, mandou até torturar por 24 horas um pobre-coitado que não falava até convencer-se de que era surdo e mudo - , pois o General Boglione, como estava dizendo, teve a coragem civil e, no caso específico, também militar, de declarar ao Parlamento que nós, os sicilianos, não brotamos do mesmo tronco que levou outros povos à civilização: segundo o general, somos, por natureza, assassinos sanguinários. E por isso ele não podia fazer senão o que fez: assassinos devem ser tratados como assassinos, daí as prisões, os fuzilamentos e torturas. Mas o general dizia bobagens, e posso lhe provar: a essa altura, e depois de todo o prejuízo que causou, se fôssemos como dizia o senhor general, Romeres já devia ter sido fuzilado, esquartejado e dado como comida aos cachorros. E o senhor sabe dizer como e quando Romeres foi morto?"

"Não", disse Lemonnier, "ele está vivo."

Mas pensou lá consigo: vocês o têm mantido vivo para poder cozinhá-lo em fogo lento. Porém logo se arrependeu do pensamento: não era seu, ele não pensava assim, os sicilianos realmente o estavam contagiando.

"Quer anunciar a Sua Excelência, meu pai, que preciso falar com ele?", disse o Príncipezinho.

Tinha mais de 40 anos, mais que um começo de barriga, porém todos continuavam a chamá-lo por esse diminutivo que detestava, pois percebia nele como que uma certa insinuação de idiotice. Pasqualino, o mordomo, que, por ordem do Príncipe, tinha que ficar sentado o dia inteiro numa poltrona em frente a uma porta fechada, atrás da qual o nobre senhor praticamente sobrevivia, demorou um ano para se levantar, ou por causa da artrite, ou dos mais de 90 anos que carregava nas costas, ou ainda para afrontar o Príncipezinho, que lhe havia sido antipático desde o segundo dia de nascido. Finalmente de pé, deu três golpes na porta com a mão aberta, depois de uma pausa, mais dois e em seguida, após outra pausa, um golpe só, porém bem mais forte que os primeiros.

"Quem é?" "Quem pode ser? Eu." O Príncipezinho armara-se de paciência: sabia que, como das vezes anteriores, a coisa ia demorar muito. E, de fato, dentro começaram ruídos de pesados objetos sendo deslocados, de rangentes armários abertos e fechados, de caixas arrastadas. Depois de certo tempo foi destravada uma primeira tranca, uma segunda, uma terceira. A seguir a maçaneta girou lentamente e a porta se abriu o suficiente para que Pasqualino por ela enfiasse a cabeça. O Príncipe, sempre invisível, e o mordomo começaram a falar rápido e a meia voz, mas tão demoradamente que o Príncipezinho ficou com medo de ter um ataque de nervos e teve que se esforçar para não dar um pontapé no traseiro de Pasqualino à sua frente e de um só golpe jogar por terra*40 o servo e o senhor.

Em seguida, enquanto a porta se fechava, agora só com a lingüeta, Pasqualino voltou-se e disse:

"Ele falou que, antes de entrar, o senhor tem que contar em voz alta até 30."

"Então vamos contar", disse, resignado, o Príncipezinho. Enquanto contava, os ruídos dentro do quarto tornavam-se mais precipitados, como se o Príncipe, mordido por uma tarântula, estivesse jogando

no chão pedaços de ferro e pedaços de madeira, em uma espécie de raiva à la Orlando Furioso.*41

"...e 30", disse o Principezinho. "Posso entrar?" "Pode." O Príncipe girou a maçaneta e entrou. O quarto estava quase escuro, em um ângulo havia um grande lençol, à guisa de biombo, que escondia tudo o que o Príncipe ali tinha empilhado freneticamente enquanto seu filho estava fora contando. Talvez na juventude o Príncipe Luigi Gonzaga di Sommatino não tivesse sido o que se diria uma flor de beleza, mas a velhice certamente

*40. No original, catafottere: "atirar no chão e também cair, mas sempre com violência". O cata inicial é freqüentemente reforçativo: Vatti a fari futtiri e catafuttiri. (N. A.)

*41. Na Sicília as aventuras dos personagens do Orlando Furioso, de Ludovico Ariosto, estão muito presentes na cultura popular, incluso através dos contadores de histórias do teatro de marionetes (como a famosa Companhia dos Puppì Siciliani), em cujas carretas são pintadas cenas das histórias dos paladinos. (N.T.)

tinha contribuído para piorar bastante a situação*42: na cabeça, bem no centro, restavam-lhe uns poucos fios de cabelo, em pé e enfileirados como o penteado de certos índios, enquanto que a altíssima fronte oval fazia ressaltar o defeito dos olhos, virados um para Cristo e outro para São João. De corpo era praticamente um esqueleto altíssimo sobre o qual, como que por uma brincadeira de mau gosto, tinham sido postos de qualquer jeito um casaco e uma calça.

"Sua bênção", disse o Principezinho. "Deus te abençoe, filho, e fique longe de mim. O que é que você quer?"

"Queria dizer-lhe que estão arrancando o couro de Salvatore Romeres."

"De quem?" "Mas como, será que o senhor se esqueceu dele? Barbabianca, Romeres, em suma, aquele a quem o senhor alugou a mina Stelletta por oito mil liras por ano."

"Virgem Santíssima! Ah, que dia desgraçado! O que é que você está me dizendo! Então, o que é que você acha, ahn?, não vai poder me pagar mais? Está falido?"

"Ainda não, mas, enfim..." "E o que é que eu faço se ele não me pagar mais, que é que eu faço...?"

O Príncipe esforçava-se ao máximo em fingir espanto, indignação, susto, mas, pelos rápidos olhares que dirigia de vez em quando para o lençol, percebia-se que estava representando uma cena para dar satisfação ao Principezinho e induzi-lo a ir embora logo. Mas este não se dava por achado.

*42. No original, carricu di undici (carente de 11): em certo jogo, de baralho a carta que mais vale é o ás, com 11 pontos. Mettiri u carricu di undici significa provocar uma discussão com argumentos que exaltam os ânimos e em geral pioram de algum modo a situação. (N. A.)

"O senhor está se preocupando com estes poucos tostões que, mesmo que não se receba, não vão arruinar ninguém, mas não quis se preocupar quando lhe alugou por uma ninharia uma mina que, santo Deus, valia vinte vezes mais!"

"De meus assuntos eu trato como quero! Posso fazer e desfazer, e ninguém tem que se meter! E, além disso, a lei me deu razão!"

O Príncipe referia-se à ação judicial que o Principezinho tinha movido contra Salvatore Barbabianca sob alegação de incapacidade, na qual o incapaz era o Príncipe e muitíssimo capaz se mostrara Dom Totó, tendo conseguido uma mina que era uma verdadeira mina pela vigésima parte de seu valor real. E que o Príncipe há mais de 30 anos estivesse praticamente entregue à mais completa demência era algo sabido urbi et orbi: detalhe este, porém, que escapara ao Presidente do Tribunal, que era casado com a

irmã do pai do deputado Randazzo, cujo maior eleitor era precisamente Dom Totó Barbabianca. E os protestos do advogado do Principezinho, que bradava ser costume, no aluguel de uma mina, não se pagar em termos de anuidade, e no caso, ainda por cima, uma anuidade miserável, e sim estabelecer uma percentagem sobre a produção de pelo menos 20 por cento, o Presidente tinha respondido firmemente que o costume nem sempre fazia lei.

"A Propósito, agora que você me fez lembrar de toda essa história, lhe digo que vou provar, a você e a todo mundo, que eu não sou um incapaz!", acrescentou orgulhosamente o Príncipe. E indicando o lençol: "Aí atrás está uma descoberta minha que vai revolucionar o universo!" Abaixou a voz e olhou suspeitosamente em torno de si: "A quadratura do círculo! Entendeu, imbecil? Há séculos que vêm tentando sem nunca terem conseguido, e eu, pelo contrário, estou conseguindo! Há anos que trabalho nisso quase sem dormir, e vocês todos nunca quiseram acreditar em mim e sempre se punham a rir de mim, mal lhes voltava as costas. Até sua falecida mãe me aconselhava a não perder tempo com essas coisas." Imprevistas lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto e agora tremia todo, como em um ataque de epilepsia: "Quer saber de uma coisa, ahn, quer saber?" Quase balbuciava: "Nunca disse isso a você, mas agora digo: o único que me entendeu, o único que me encorajou, que me disse que eu estava no caminho certo, que me estimulou, foi ele, sim, ele mesmo... como disse que se chama?"

"Barbabianca", disse quase sem voz o Principezinho. Pronto: estava finalmente desvendado um mistério de 10 anos. Tinha passado noites inteiras sem pregar olho, perguntando-se como teria Romeres conseguido convencer seu pai que, apesar de tudo, sabia manter nos negócios uma singular lucidez: simplesmente lhe havia dado um pouco de corda. Um pensamento o fulminou: e se o velho, antes de morrer, encontrasse algum outro velhaco que lhe desse razão, talvez o próprio mordomo Pasqualino; vai ver que aquele louco lhe estava preparando uma bela surpresa no testamento? A essa altura era preciso sair na frente e com a maior urgência. "O senhor já pensou alguma vez no moto-perpétuo?", perguntou. "Não", respondeu o Príncipe imediatamente atento. "O que é?" "Pois vou explicar para o senhor", disse pausadamente o Principezinho.

"Está um calor escaldante", comentou Ignazio Xerri, enxugando o suor.

"Com este tempo não se sabe mais nada, é possível que dentro de duas horas caia um dilúvio", secundou Paolo Attard.

"Estamos em setembro e parece que estamos em julho", rebateu Michele Navarra.

E a partir daí nem os três nem os outros cinco comerciantes que estavam junto à grande escrivania abriram mais a boca. Como que por um tácito acordo, com a diferença de quase 15 minutos um do outro, tinham chegado ao depósito de Ciccio Lo Cascio, e nenhum deles falava da verdadeira razão que os tinha levado até lá: o fato de se encontrarem no escritório do Lo Cascio significava que cada um tinha cumprido com seu dever e isso bastava. Mas estavam mudos *43 também porque continuavam a saborear internamente, minuto a minuto, a cena da qual tinham sido, cada um por sua vez, protagonistas, e que degustavam com uma espécie de gulosa avareza: talvez dentro de alguns dias, em casa, no clube, com os amigos, estivessem dispostos a falar de um Nenê Barbabianca, ora com o rabo entre as pernas, ora falsamente corajoso, pedindo enxofre como um perdido no deserto suplica água, pelo amor de Deus.

Os únicos que ainda faltavam para que essa reunião fosse completa eram Filippo Ingrassia e Saverio Fede: era de se supor que Nenê Barbabianca ainda não tivesse chegado ao depósito deles. Mas, pelos dois, todos podiam jurar: era só uma questão de tempo, e eles também entrariam pela porta do escritório de Lo Cascio com um sorriso estampado no rosto.

*43. No original, mutangheri. Mutangheria é o silêncio provocado pelo despeito ou a indignação. Significa também deliberadamente não querer falar, guardando os próprios pensamentos. (N. A.)

O Palácio Barbabianca tinha uma particularidade que remontava ao proprietário anterior, Fofó Cavatorta, e essa particularidade era que todas as janelas e sacadas que davam para o lado da rua dedicada, desde 1885, a Quintino Sella^{*44} o estadista de quem todos os sicilianos se lembravam muito bem até sem necessidade de ser nome de rua, tinham sido cuidadosamente fechadas com pedra de cantaria^{*45} e argamassa.

Fofó Cavatorta não queria correr o perigo de que seu olho, mesmo casualmente, surpreendesse a intimidade da vizinha Casa Ciaramiddaro: Deus os livre, verem os Ciaramiddaro entregues a suas ocupações cotidianas - afirmava - ter-lhes-ia provocado indizíveis náuseas. Talvez os Ciaramiddaro se tenham declarado felizes e contentes com esta iniciativa do Cavatorta, vindo até a lamentar não terem tido primeiro essa bela idéia. Bourbonistas e papa-hóstias convictos, olhar para dentro dos aposentos de Fofó Cavatorta, liberal, e, a seu ver, conspirador, lhes dava tonteiras contínuas, como se o olho lhes caísse dentro de uma escancarada goela do inferno. E de tão original manifestação de antipatia entre as duas famílias ria-se e falava-se em todo o povoado, e era assunto a ser contado quase com orgulho aos forasteiros, a esses mesmos forasteiros a quem, por dever de

^{*44.} " Quintino Sella - Ministro da Fazenda, durante vários anos, dos governos do reino da Itália, que criou fama como tendo tentado estabilizar o Orçamento, mas odiado pelos sicilianos e por todos os meridionais devido ao imposto sobre o trigo moído. (N. T.)

^{*45.} No original cantoni: pedras vulcânicas talhadas em esquadria, servindo para a construção das paredes perimetrais de uma casa. Cantunera é o ângulo exterior da casa onde começa uma rua. Fimmina ca fa cadiri cantuni: mulher extraordinariamente bonita. (N. A.)

ofício, não se falava de algum morto que fantasiosamente diziam teria sido assassinado ora pelos familiares dos Ciaramiddaro, ora pelos parentes dos Cavatorta, morto este que de vez em quando chegava a contaminar a estranha apazibilidade do conflito. Revelando-se em certo momento unicistas após o desembarque dos Mil, os Ciaramiddaro, embora continuando a olhálos de esguelha, passavam a alinhar-se temporariamente ao lado dos Cavatorta, garibaldinos de primeira hora^{*46} como se diria alguns decênios depois. Mas tinha sido uma trégua de duração tão breve que não se havia encontrado materialmente tempo para retirar a cantaria e a argamassa das janelas: os dois filhos de Fofó Cavatorta tinham seguido Garibaldi até o Aspromonte. Passo terrivelmente em falso, que tinha custado a toda a família Cavatorta o exílio em Malta e a venda de seus bens em leilão. A pretexto da longa ofensa sofrida, da qual as janelas fechadas constituíam prova irrefutável, os Ciaramiddaro apressaram-se a alegar seu direito de compra: o Palácio Cavatorta, se não se quisesse cometer uma injustiça que bradaria aos céus, devia caber a eles. Mas não haviam levado em conta Dom Totó Barbabianca, que considerava aquele palácio o único adequado a sua incipiente dignidade de aristocrata. Durante uma semana, sem quase tomar fôlego, Dom Totó se havia dedicado a propagandear publicamente todo o passado bournonico dos Ciaramiddaro, nele incluindo um primo seu em terceiro grau que, na verdade, os Ciaramiddaro nunca tinham visto, nem dele ouvido, mas que - segundo Dom Totó - teria sido durante algum tempo amigo íntimo, e sabe-se lá o que mais, do temido diretor da polícia dos Bourbons, Salvatore Maniscalco.

^{*46.} No original, antemarcia refere-se aos que aderiram ao fascismo antes mesmo da marcha de Mussolini sobre Roma. (N. T.)

Foram sete longuíssimos dias para os Ciaramiddaro, que tinham saído dessa com os ossos tão moídos que se tornaram imediatos partidários do direito quase divino dos Barbabianca de comprar todo o povoado, se assim o quisessem. Tomando posse do Palácio ex-Cavatorta, Dom Totó tinha gasto em sua decoração e embelezamento a vertiginosa soma de 60 mil liras, e com esta quantia tinha comprado até o direito de fazer-se chamar, a partir daquele momento, por seu nome. Porém, não reabriria as janelas e sacadas sobre a rua Quintino Sella, e isto não porque tivesse, como o proprietário anterior, sentimentos de real antipatia para com os vizinhos, mas só porque, em todas as circunstâncias da vida, quanto menos olhos te olharem tanto melhor. Mas para a rua Quintino Sella havia sempre existido, e continuava a existir, uma abertura que ninguém jamais havia pensado em fechar: uma rústica janelinha que servia para arejar o sótão que, como se sabe, não era um lugar muito usado.

Não era: porque só algum tempo depois da chegada ao Palácio Barbabianca da Senhora Helke, a esposa suíça do filho caçula Caetano, conhecido como Stefano, é que o lugar começou a ser freqüentado duas vezes por semana, nas tardes de terça-feira e nas manhãs de quinta. Loura como se espera de uma nórdica, a Senhora Helke, que em seu primeiro ano de permanência em Vigàta era chamada pela família de "a criada"*47 (porque tinha realmente sido serva: era como tal que Caetano a tinha conhecido no hotel suíço em que se hospedava e havia teimado em casar-se

*47. No original, Mata: a empregada doméstica, do espanhol, criada, serva. La criam sparrittera é um célebre soneto de Martoglio no qual uma empregada fala mal de seus patrões. (N. A.)

com ela, sob ameaças de suicídio e de remorso eterno para a família), tinha aos poucos ganho, se não o afeto, pelo menos a não-hostilidade dos Barbabianca, graças a sua doçura de caráter e a sua indiscutível bondade de alma. Entre outras coisas ela se havia empenhado em ensinar a falar ao filho de Mariannina, a empregada, que dera à luz uma criança surdo-muda. Quando Helke chegara da Suíça para o Palácio Barbabianca, o filho de Mariannina, Totuzzo, já estava com 15 anos, mas aparentava 25 e era considerado por todos um idiota irrecuperável. Idiota talvez o considerassem seus coetâneos que todavia sentiam uma secreta inveja de alguns de seus atributos viris, decididamente asnais,*48 ou seja, mais semelhantes aos de um jumento que aos de uma criatura humana. Assumindo o compromisso de ensinar Totuzzo a falar, a Senhora Helke que, por necessidade, via-se obrigada a falar em voz alta para que o surdo a ouvisse, tinha decidido liberar uma parte do sótão, onde poderia fazer o que quisesse sem incomodar os demais. E sua voz gutural, que às vezes se abrandava em suaves cadências, de peito, que quase se confundiam com o arrulhar dos pombos que caminhavam nas calhas do telhado, tinha acabado por despertar os instintos do jovem herdeiro de 17 anos dos Ciaramiddaro, que retirara as pedras de cantaria da janela de um dos quartos, transformado em guarda-móveis por ser um tanto escuro, e de lá podia, duas vezes por semana, desfrutar a visão parcial da Senhora Helke, que, visivelmente cansada do trabalho pedagógico, de vez em quando se debruçava na janelinha do sótão, de onde se viam os telhados do povoado e a linha do mar.

*48. as No original, scecchigni: como os de um asno. Aviri toricchi scicchigni: ter as orelhas grandes como as de um burro; aviri a vucca scicchigna: ter uma boca cavalariça; scicchignu, apenas, dito de um homem e sem outras referências, indica, sem sombra de dúvida, seus atributos viris. (N. A.)

Sofria a Senhora Helke, padecia muito. Andrea se havia convencido disto porque, dentro dos limites que a visão lhe permitia e estando a janela da qual havia retirado a cantaria um pouco abaixo do nível do sótão do Palácio Barbabianca, todas as vezes que a jovem mulher aí se debruçava, pouco depois a via

começar a tremer toda, levar a mão ao pescoço e abrir a boca como se lhe faltasse o ar, ficar branca como gesso e em seguida de um vermelho afogueado, respirando forte, em tudo semelhante a um passarinho que enfiasse a cabecinha entre as grades buscando separá-las em uma sabidamente inútil tentativa de fuga. Naqueles momentos, Andrea sonhava, de olhos abertos, possuir o cavalo de Astolfo e a espada de Orlando, para poder matar com dois golpes os odiados Barbabianca, libertar a doce prisioneira que, por ter folheado as ilustrações de Doré, imaginava nua, e com ela fugir para a Lua.

"Totuzzo está tendo progressos?", perguntava de vez em quando Caetano a sua esposa.

"Algum", respondia a Senhora Helke em seu italiano livresco. Só não dizia de que tipo. Os progressos, Totuzzo os conseguia sobretudo quando a senhora, cansada de tanto falar, punha-se a tomar fresco com os cotovelos apoiados na janelinha: um ano depois de a jovem mulher ter começado a ocupar-se dele, Totuzzo, com a excitação da imprevista descoberta de um universo confusamente imaginado e que agora se lhe apresentava em toda a sua esplêndida realidade, tinha pronunciado quase distintamente: "minha jóia". E com mais dois anos já articulava com segurança: "me dá", "me dá aquilo", "pega nele".

"Cinco mil cantàra? Pra hoje? Mas, enlouqueceu?", pergunta Filippo Ingrassia, fingindo estar impressionado. Nenê Barbabianca estava reduzido a um trapo: tirara o casaco que mantinha seguro em uma das mãos pela parte superior e ao gesticular parecia estar arrancando o pescoço de alguém. O suor sobre a camisa descia-lhe das axilas até a altura do cinto. Os sapatos, que eram pretos, estavam agora brancos de poeira.

"Para amanhã ainda me serviriam", diz, com a garganta seca, passando a língua nos lábios, que sente ardentes e rachados.

"Nem pensar", responde, seguro, Filippo Ingrassia, congratulando-se, porém, internamente, pelo teatro que está sendo capaz de representar.

Enquanto registra as respostas, aliás, já previstas, Nenê Barbabianca confirma o que já sabe, isto é, um claro aumento da falta de respeito nas respostas negativas que vem recebendo. Da falsa cortesia dos primeiros ãos, que vinham todos acompanhados de desculpas e justificativas, passara a receber recusas cortantes, caindo, em menos de duas horas, de pessoa respeitada a um importuno, um inútil do qual é fácil desembaraçar-se com um chute, como um cachorro. Percebe que as corridas que os jovens empregados certamente estão fazendo de um depósito a outro, ganhando dele em seleção e velocidade, reasseguram e dão mais força aos últimos negociantes que ainda lhe falta visitar: seguros da solidariedade, da unidade reencontrada - porque até um dia antes aqueles cornos matavam-se uns aos outros, golpeando-se às cegas - agora nem mais procuram disfarçar e despacham-no com quatro palavras. Estão já seguros de que há um cheiro de morte no ar.

"Dobre-se, junco, para deixar passar a torrente",*49 pensa consigo Nenê, lembrando o provérbio, enquanto Filippo nem se levanta para

*49. NO original, cálati junco ca passa la chifra: "provérbio - dobre-se junco para deixar passar a torrente". Sandro Attanasio, em seu *Palavras de Sicília*, assim explica: aceitar de bom grado, ou não, uma situação com a qual não se pode confrontar, ou quebrar-se. (N. A.)

acompanhá-lo à porta, ou seja, uma vez passada a tempestade, exatamente como um junco, voltaria a aprumar-se.

No terceiro andar do Palácio Barbabianca, bem embaixo do sótão em que sua mulher se entregava duas vezes por semana ao piedoso exercício de dar aulas a Totuzzo, Caetano, chamado de Stefano, as persianas cerradas, a cabeça largada sobre a parte plana de um genuflexório de madeira entalhada que mandara vir de uma igreja milagrosa de Palermo, rezava fervorosamente. Seu quarto em nada refletia os

negócios a que seu pai Dom Totó e seu irmão Nenê se dedicavam: não havia livros de contabilidade, os livros de diário e razão, nem pedidos de enxofre. Coladas às paredes, centenas de figuras de santos, adequados e prontos a todas as situações, vigiavam e orientavam o decurso cotidiano da existência de Gaetano: Santa Luzia, que protege a vista minha; São Calógero da Marinha, que faz milagres de noite e de manhãzinha; Santo Antônio, que a uma missa oferecida faz achar toda coisa perdida, e assim por diante. Cada um desses santos tinha, embaixo, um minúsculo altar de madeira no qual se acendia uma lamparina, segundo o milagre especial pedido; de modo que, no escuro, mesclando-se oito ou nove graças a serem concedidas, o quarto chegava a assemelhar-se a um cemitério visto à noite. "O bobo do meu filho",*50 é como o chamava, já totalmente resignado, Dom Totó, com uma mistura de

*50. No original, Ufigliufissa: filho bobo, estúpido. O substantivo fissa é também um dos inúmeros modos de designar o órgão sexual da mulher. (N. A.)

afeto e menosprezo. Por outro lado, isto lhe conferia um certo status de nobreza, uma vez que não havia no povoado família alguma de sangue nobre que não tivesse pelo menos um de seus membros entregue a atividades um tanto singulares, como, por exemplo, comer merda ou tentar inutilmente enrabar moscas. Este filho, já com 25 anos, nascido temporão, quando ele estava convencido de já ter queimado os últimos cartuchos de sua escopeta*51 tinha-lhe dado um contínuo malestar, como indivíduo que, só de olhar para ele, com seu ar estúpido e mal se sustentando nas pernas (de quem teria ele herdado isso, santo Deus?) era desmoralizante. Tão pálido e magrelo que ficava cansado só de olhar a comida no prato, ou que se jogava no chão, exausto, se tivesse que respirar mais forte.

Enviado à Suíça para estudar, fazer o curso de Química, como o irmão mais velho, havia demonstrado de imediato que não tinha energia suficiente para dedicar-se aos estudos, e os professores de Zurich tinham-se apressado a escrever a Dom Totó perguntando-lhe se estava realmente querendo ver o filho morto. E assim Caetano havia voltado para Vigàta, depois de dois anos no exterior, apresentando a seus pais uma esposa estrangeira da qual era melhor não falar, porque Dom Totó destinara, pelo contrário, a este filho um casamento com a neta de Blandino Torrecechia, que, embora realmente mancasse um pouquinho, nem por isso deixava de ser a herdeira de quatro minas. Da Suíça, Caetano não só tinha voltado com uma mulher que não se sabia se era carne ou peixe, certamente bondosa e com uma cara adequada a uma esposa, porém

*51. No original, botto: ruído, explosão, mas também escopeta. Aviri ti bottu scarricu, estar com a escopeta descarregada, equivale a não ter mais condições de fecundar ou mesmo de ter relações sexuais normais (N. A.)

irremediavelmente suíça, como ainda por cima trouxera consigo esta espécie de mania religiosa, que só servia para dar alegria ao Padre Cannata, o outro sacerdote*52 do povoado, porque com essas coisas de igreja o Padre Imbornone não se importava em absoluto. A debilidade de caráter de Caetano revelava-se precisa como um relógio. sempre que surgia o mínimo problema na firma, a menor perturbação a enfrentar: ao perceber que alguma coisa, ainda que momentaneamente, ia mal, Caetano rapidamente abandonava a escrivaninha em que Dom Totó o tinha posto para cuidar da contabilidade, porque pelo menos nisto era bom, e precipitava-se, sem ver mais nada, de cabeça baixa, a trancar-se em seu quarto no Palácio Barbabianca. Por estas suas fugas para casa, mais ou menos freqüentes, Dona Matilde, esposa de Dom Totó e mãe de Nenê e Caetano, aprendera a inteirar-se do andamento um tanto ou quanto aventureiro da firma do marido, uma vez que este nada dizia diretamente a ela, que, como as outras mulheres,

segundo o costume, só servia para a cama e a cozinha.

E era por isso que neste momento Dona Matilde estava atrás da porta do quarto de Caetano, que se havia fechado a chave, buscando dele saber alguma coisa mais.

"Não quer abrir para mim?" "Não." "Abre, Stefano, meu filho." "Não, primeiro tenho que rezar 15 terços." "Mas o que foi que aconteceu?" "Nada. Não me faça perder tempo." E continuava a rezar, o Gaetanuzzo, apertando na mão direita as contas do rosário, os lábios trincados, depois

*52. No original, parrino: padre. Significa também padrinho. Monaci e parrini sinticci la missa e stacacci li rim : literalmente, aos monges e padres ouçamo-los dizer a missa e quebremos-lhes os rins (i.e.,dobremos-lhes a espinha). (N. A.)

de ter acendido todas as lamparinas de todos os santinhos, e tremendo sem conseguir controlar-se.

"Protegei-nos, Senhor, fazei um milagre, um só, livrai-nos da ruína."

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Promotor do Reino! Natural orgulho e herança de antigas tradições forçaram-me a apresentar-me pessoalmente a Vossa Excelência e, com a devida honestidade, relatar-lhe o que, infelizmente, sinto-me obrigado a confiar a uma carta que, além do mais, não levará assinatura. Não a subscrevo, não por temor de expor a mim mesmo e a minha família, aos mais graves perigos de vida, mas por necessária prudência e cautela, uma vez que o Barba bianca, sobre o qual vou falar, é pessoa nefasta e capaz de toda espécie de maldades.

Se me atrevo a incomodar Vossa Excelência, em lugar de dirigir-me à Autoridade que lhe é subordinada, isto se deve a que, em geral, meus compatriotas se vejam intimidados em levar ao conhecimento dos funcionários responsáveis fatos e circunstâncias que em qualquer outra parte do Reino encontrariam grande número de testemunhas e declarações. Não crê Vossa Excelência que, se a Autoridade inspirasse de fato maior confiança aos cidadãos, muitos dos quais hoje não a ajudam por comprovado temor do poder dos maus, e por estarem convencidos da fraqueza e até da conivência de certas autoridades, obedeceriam de outro modo às leis impostas por Funcionários mais eficientes e mais enérgicos, ou, pelo menos, mais sérios? Já não tem sido freqüentemente observado nos Funcionários, ou em alguns deles, uma permanente negligência, aversão ao trabalho, excessiva preguiça e moleza no cumprimento do serviço, falta de assiduidade e zelo? E quantas vezes tem acontecido terem sido comentadas pelo público habituais relações de Funcionários com indivíduos condenados pela opinião pública? Mas o que ora aqui me traz não é buscar instaurar processo contra o modo pelo qual a coisa pública vem sendo gerida e administrada, embora, como leal italiano, tenha não só o direito como o dever de queixar-me disso, mas somente para dar ciência a Vossa Excelência de um hipotético dolo que é justo que Vossa Excelência conheça em tempo, a fim de conferir a esta minha declaração o devido valor e relevância.

Há muitos anos a Firma Salvatore Barba bianca e Filhos vem maculando a cristalina reputação dos negociantes e donos de depósitos de Vigàta com sua incorreta visão do que possa representar uma honrada e decorosa prática comercial. Mas minha intenção é submeter à apreciação de Vossa Excelência não palavras e sim fatos, porque só estes podem interessar a um infalível tutor da Lei:

1. Adulteração do enxofre.
2. Usurpação de terrenos públicos e privados para abertura de depósitos comerciais.
3. Falta de capital de giro e facilidades especiais na obtenção de créditos.
4. Saque de dinheiro vivo da Firma em favor próprio.
5. Forçar a assinatura da irmã de Salvatore Barbabianca, casada com Caruso e procuradora do próprio marido cego, para liberação de vultosas somas.
6. Duas moratórias.

Mas o acontecimento que me estimula a redigir esta denúncia está se verificando hoje, 18 de

setembro de 1890. O navio russo Ivan Tomorov está prestes a atracar neste porto para transportar cinco mil cantara de enxofre encomendados pela Firma Jung nos depósitos de Barbabianca e por este indevidamente vendidos a terceiros a cinqüenta por cento de seu valor real, por ter tido necessidade de dinheiro vivo. Nenhum dos negociantes de Vigàta quis colaborar com essa falcatrua do Barbabianca e de seus filhos, emprestando-lhes ou vendendo-lhes o enxofre de que necessitam para cobrir o desfalque. Não tenho visão profética, mas, dada a minha longa experiência em malversações sofridas, tenho a honra de antecipar a Vossa Excelência uma previsão do desenvolvimento dos fatos:

1. Subornado por promessas e propinas, o capitão do navio russo não apresentará denúncia.

2. A Firma Jung, pressionada pelas ameaças e intimidações que vão chegar até ela, por parte de políticos eminentes dos quais Barbabianca é servo, também se eximirá de oferecer denúncia. 3. A complacente tolerância das Autoridades locais preocupar-se-á em não instaurar o processo regulamentar sem receber uma denúncia subscrita e assinada e, se isto viesse a acontecer, seria preciso ver se tal denúncia não acabaria sendo prejudicial ao próprio assinante...

Parou súbito, a pena suspensa no ar: mas, por Cristo!, que porra é esta que estava escrevendo? A raiva o tinha deixado cego e o estava levando a cair em uma armadilha. Ainda bem que estava percebendo isto em tempo. Pois quem seria este Promotor a quem estava se dirigindo? Diziam que era honesto, sim, mas nunca se sabe. Por outro lado, não havia razão para se apavorar,*53 jamais teria assinado a carta. Certo, mas essas Autoridades não tinham nascido hoje. Seriam capazes de convidar peritos para identificar a caligrafia, cientistas vindos de fora que o indicariam como sendo o autor, sem permitir-lhe sequer abrir a boca. Há 10 anos escrevia cartas, evidentemente anônimas, mas todas as vezes faltava-lhe a coragem de enviá-las. Talvez não fosse esta a melhor ocasião. "Nunca se sabe", disse para si mesmo, "é melhor esperar". E com pena, enquanto sua esposa o chamava do outro aposento dizendo que estava na hora do almoço, começou a rasgar a carta ainda fresca de tinta.

"'Celença, que quer fazer? Não vai descer para almoçar?'" "Não estou com fome." "Então, que faço? Desço eu?"

*53. No original, scanto: medo, susto, entrar em pânico diante de um mal possível (Mortillaro). (N. A.)

"Não" "Já se vê a fumaça?" "Ainda não." "Então você não me sai*54 daqui." "Olha, no poente estão surgindo nuvens de chuva." "Mas aqui está um sol de matar." "Talvez agora, sim, mas daqui a um bocadinho verá que o sol se foi."

"O que quer dizer que, se chover, você vai ficar com o guarda-chuva aberto. Mas eu daqui não arredo o pé."

Sentou-se, assustado.*55 Podia esperar tudo, menos aquela acolhida, a cara que lhe estava fazendo Saverio Fede naquele momento: fora a seu encontro, dera-lhe o braço e o levava a sentar-se junto à escrivaninha, e agora lhe oferecia um copo de água com zammu*56 que ele bebe de um só gole. Encabulado, faltam-lhe as palavras. Então é o próprio Saverio Fede, sentado diante dele com um sorriso aberto, que lhe pergunta a que deve o prazer de sua visita. E ele perde mais tempo, enquanto os dois empregados passam em frente à escrivaninha, cumprimentam e saem, pois está na hora do almoço.

*54. No original, catamini, cataminarsi: mover-se. Nun ti cataminari - não fazer o mínimo movimento. Se na Sicília alguém diz màviti, para evitar problemas, você fica absolutamente imóvel. A frase significa,

na realidade, fique parado. (N. A.)

*55. No original, preso dai turchi (preso pelos turcos), expressão que se repete adiante e que se relaciona com o pavor provocado nas populações litorâneas com a aparição dos piratas turcos (sarracenos e berberes), que faziam estragos por onde passavam. No mesmo sentido é interessante lembrar a exclamação usada pelos romanos Mamma, li turchi! (Mãe, os turcos!) de sentido idêntico. (N. T.)

*56. Licor feito com álcool e essência de cominho, que se adiciona à água para torná-la mais refrescante. (N. T.)

"Voltem exatamente dentro de meia hora. Hoje temos trabalho", grita-lhes Saverio Fede, e logo dirigindo-se novamente a Nenê Barbabianca: "E, então, o que está acontecendo, Dom Nenê?"

Como se uma rolha saltasse de dentro dele, um rio de sons e palavras começa a sair de sua boca, é-lhe difícil refrearse, toda a amargura e a raiva da manhã inteira lhe saem em violento desabafo e chegam a ser visíveis na saliva que se condensa, branca, nos cantos da boca. Finalmente, feito o pedido das cinco mil cantara, recosta-se súbito no espaldar da cadeira e, quase sem se dar conta, fecha os olhos.

Como um bom samaritano, Saverio Fede levanta-se, volta com outro copo de água com zammú, espera que ele a beba toda, sem proferir palavra: continua a olhá-lo, com o mesmo sorriso. E é com um sobressalto de espanto que ele percebe que desta vez realmente fechara os olhos e por alguns segundos dormitara." O depósito vazio, sem ruídos, o olhar amigo de Saverio Fede lhe haviam pregado uma peça; mas agora está totalmente desperto e finalmente percebe o quanto não era natural o silêncio do negociante, que continua um pouco inclinado para a frente, os braços apoiados nos joelhos, mantendo os olhos fixados, cravados nele.

"E então?", pergunta-lhe por sua vez, e este não responde, afetando indiferença.*58

"E então?", repete, já gritando desta vez e erguendo-se a meio da cadeira, quase com medo, porque de repente se lembra de uma cena que vira

*57. No original, appinnicunato: pinnicuni é a pennichella, a sesta romana. Appinnicunato é semi-adormecido. (N. A.)

*58. No original, scu né passa is là: scu é o som que se usa para enxotar os porcos. Nun mi dissì sé sai népassaddà significa não receber resposta a uma pergunta feita, só um silêncio propositalmente indiferente. (N. A.)

no campo, quando ainda garoto: uma serpente esverdeada estava fitando um rato com os mesmos olhos frios, fixos, de Saverio Fede, e num piscar de olhos o rato já não estava mais lá, e sim meio enfiado na boca da serpente. E acabando de se erguer, entende que não pode haver resposta e que tudo que agora está fazendo, falar alto e até demonstrar alarme, só serve para aumentar o prazer e a alegria do outro. Caíra na armadilha e este último fora o pior de todos: estava ali o vinagre, não? A esponja embebida em vinagre.

Na boca o sabor da água com zamridi torna-se amargo como um tóxico, mas recuperando força e coragem em todo o corpo, que sente inteirar-se em um só feixe de nervos e músculos, ajusta com fingida calma o paletó e cumprimenta Saverio Fede com uma meia reverência.

"De qualquer forma, obrigado. Bom-dia." Volta-lhe as costas e sai, mas apenas se vê fora, sente as pernas se dobrarem e um frio lhe percorre a espinha, não só por tudo que acabara de passar, como porque o céu já está quase todo coberto e um golpe de ar lhe cola na pele a roupa encharcada de suor.

Estava em pleno almoço Michele Navarra, que morava sozinho na extremidade do povoado, em uma

casa totalmente rodeada de agaves muito pontudas e de espinhosas plantas de papiro,*59 lugar que as pessoas diziam ser bem apropriado a ele e que Deus os livrasse de passar por perto, pois poderiam receber à traição uma flechada de palavras que certamente iriam supurar, de tanto fel e veneno que aquele homem destilava naturalmente.

*59. No original, papello: em sentido irônico é um escrito muito longo. Ou ainda o certificado dado aos estudantes do 10º ano da faculdade Vem do espanhol papel. Mas a planta de papello é uma espécie de margarida selvagem e espinhosa, cujas folhas, na falta de fumo, são secadas e usadas como tal. (N. A.)

Um temperamento de urso, não se dava com ninguém. De todos os modos, é evidente que teria respondido ao pedido de Nenê Barbabianca que não, nem por obra e graça dos santos. Mas saber que sua recusa, juntamente com a dos outros, viera a causar um enorme prejuízo dava-lhe uma alegria extraordinária. Por isso, por pouco a empregada, Nunziata, não tem um ataque quando, entrando na sala de jantar para retirar o prato sujo de macarrão que Michele Navarra acabara de comer, em vez de voltar para a cozinha acompanhada, como sempre, pelas imprecações*60 do dono, que vojavam atrás dela como um enxame de abelhas raivosas, ouviu-o dizer, em alto e bom som:

"Nunziata, o macarrão estava muito bom."

Padre Imbornone estava tomando sua habitual sopa com meia dúzia de ovos dentro, enquanto na cozinha mantinha-se aquecido meio cabrito assado e, debaixo da torneira, meia melancia.

"Como sempre a metade de tudo, assim me sinto mais leve depois."

Também ele, como Michele Navarra, comia sozinho, o que era lógico no caso de um padre. Filippa, irmã do sacristão, ocupava-se da cozinha. Embora não tivesse nem irmãos nem irmãs, no povoado havia reconhecido como sobrinhos quatro rapazes em tudo idênticos a ele, tendo até os

*60. No original, gastime: maldições. Ittari gastimi, proferir maldições, xingamentos, rogar pragas. (N. A.)

quatro a mesma verruga preta e peluda do lado esquerdo do nariz. Mistérios do sangue que, sobretudo na Sicília, parece seguir o mesmo curso subterrâneo e tortuoso das enguias. Diziam as más línguas que era melhor para as pessoas meterem uma bala na cabeça que se confessarem com o Padre Imbornone. Embora não tirasse proveito pessoal disso, somente para ver o que acontecia, era capaz de armar a maior confusão contando a uma mulher a traição de seu marido. Imaginem então se no confessionário, onde não se podia dizer que ele estivesse muito seguidamente, algum pobre-diabo lhe contasse algo com o qual ele pudesse conseguir algum ganho. Padre Imbornone estava almoçando, sem poder prever que dali a um mês, quando Filippa entrasse para trazer-lhe o meio cabrito, o encontraria com a cabeça caída dentro da sopa de ovos: uma síncope. Por conseguinte, jamais viria a saber que, mal tivera a notícia de sua morte, um homem simples, que até então só se havia ocupado com moinhos e fábricas de massas, se vira, súbito, tocado pela graça da arte: era o único modo de se explicar por que este homem saíra apressadamente de casa, assim que soubera da nova, e pagara a um arauto da comunidade para que percorresse todo o povoado anunciando de rua em rua:

"Quem tiver qualquer encomenda a enviar para o inferno, morreu o Padre Imbornone."

Assim apressava-se a avisar aos moradores que tivessem parentes no inferno e quisessem mandar-lhes algum embrulho que aproveitassem a ocasião, porque quanto ao destino do Padre Imbornone não havia dúvidas.

Ciccio Lo Cascio estava almoçando. Ele havia jurado vingança mortal a Totó Barbabianca devido à fraude com a mina Trasatta. E, apesar dos protestos de sua esposa Elvira, havia enchido até a borda um copo de vinho. Há 20 anos não bebia mais por causa das pedras no fígado e agora o tomava em pequenos goles, lambendo os beiços.

Estava no almoço Filippo Ingrassia, apelidado de "o poeta" a partir do momento em que, durante as eleições do ano anterior, havia declamado quatro versos que receberam o consenso popular:

"Temos comida Bebemos de tudo Abaixo Gallo Viva Scaduto."

E agora ainda lhe dançavam desordenadamente na cabeça as rimas para um epitáfio a ser composto antes da noite, a tempo de ser colocado na tumba da referida Firma Barbabianca.

Almoçava também Paolo Attard, que morava no andar acima de Filippo Ingrassia. Era chamado de "Fuinha", não só graças a sua habilidade em conseguir penetrar nas mais profundas intenções alheias, como devido a sua bamboleante maneira de andar. Rival ferrenho de Filippo Ingrassia em política - quando se encontravam na escada era sempre um problema e falavam seguidamente em mudar-se de casa, mas o hábito e a preguiça eram mais fortes - havia neutralizado a quadrinha de Filippo Ingrassia com engenhosa economia de fosfato:

"Temos comida Bebemos de tudo Viva Gallo Abaixo Scaduto."

"A ordem dos fatores não altera o produto", comentara, acompanhando esse duelo poético, o Marquês Curtà di Baucina, que neste momento também estava tomando uma sopa de legumes e um copo de leite. "Estes políticos são todos iguais, estão sempre prontos a foder o povo." Homem contraditório, por um lado apegado ao dinheiro, capaz de mandar matar por dá cá aquela palha, e por outro, corajoso pela amplitude de suas idéias de reforma social, que gostava de manifestar publicamente no Clube dos Nobres. E eram tão persuasivas a força e a convicção que punha em suas palavras que chegava a passar por um autêntico revolucionário, não só entre os de seu grupo, como incluso entre os operários de suas minas, que quase se declaravam felizes de ter salários menores só por poderem estar sob as ordens de um senhor tão liberal.

De Alajmo a Zizza, estavam todos almoçando, mas não era um almoço igual ao de outros dias: quem habitualmente comia devagar agora se apressava e ao contrário; quem costumava beber vinho ora só bebia água, e ao contrário; quem comia só o prato principal agora teria desejado comer também uma entrada e ao contrário.

Quem não almoçou, porém, foi Dom Angelino Villasevaglios, que antes se havia assado ao sol no terraço e agora tinha pedido a Nino um cobertor porque o tempo estava efetivamente mudando.

Também não almoçou o Príncipe di Sommatino, imóvel em sua poltrona, perdido em seus pensamentos em busca do moto-perpétuo.

Não almoçou Masino Bonocore, que permanecia com ar estranho diante da janela aberta, sentindo o sangue diluir-se e recomeçar seu curso habitual dentro de cada veia, ora chegando ao coração na quantidade certa.

"Quantos somos nós no povoado?", tinha-se perguntado um dia o Barão Raccuglia quando falava com o engenheiro Lemonnier; e, antes que o outro tivesse tido tempo de abrir a boca, trouxera ele próprio uma pronta resposta: "Oito ou nove de nossas famílias e umas 30 famílias burguesas. Trezentas pessoas."

"Mas o povoado conta com nove mil almas", contestara Lemonnier.

"Conta? Quem diz que conta?", disse seriamente surpreso o barão. "O resto não conta, ilustre amigo."

"Não contarão, mas existem", insistiu Lemonnier um tanto irritado. "Não vai querer me provar que são invisíveis."

O barão olhara para ele, mas não respondera, tomado por repentina desconfiança de que o piemontês habilmente escondesse por trás da aparência cortês e gentil uma perigosa alma de agitador. Mas o barão tinha razão e o engenheiro estava errado: as outras oito mil e setecentas almas - e realmente era exagerado defini-las assim - existiam, porém contavam tão pouco que nem sequer eram levadas em conta.

"Mas venham comigo, em um dia de intenso trabalho de carga no porto", tinha escrito o Professor Baldassare Marullo em sua famosa obra *Vigata*, suas prováveis origens, seu desenvolvimento, suas atividades e suas necessidades, quando sopra forte o siroco. Em um reduzido espaço há um formigueiro de homens, carretas e embarcações: são barcos e mais barcos, encostados aos outros, entre os quais os homens fervilham, em vagas contínuas, carretas chegando e partindo, em uma gritaria incontrolável. O tráfego que ocorre em *Vigata* durante a carga e descarga do enxofre deveria ser reestruturado para tornar-se condizente com a dignidade do trabalhador:*61 o que fazem com os homens do mar, com os estivadores, só posso considerar uma afronta ao sentimento de solidariedade humana. São velhos, jovens e até garotos curvados sob o peso que carregam nas costas. O primeiro se aproxima dos levantadores, dos quais recebe a carga: em cima do primeiro cesto, um segundo, um terceiro e aí ele sai correndo. A este primeiro segue-se um segundo, ao segundo um terceiro, e desse modo 10, 20, 100, dispostos ao longo da linha de carregamento.

*61. A Itália é o segundo produtor mundial de enxofre. Durante certo período a produção de enxofre representou também um dos recursos mais importantes da riqueza siciliana. De fato, das 160 minas existentes na Itália, 143 estavam situadas na Sicília. Entre 1891 e 1900 a produção da ilha foi de 4.235 toneladas, das quais a maior parte provinha das províncias de Agrigento (de onde é originário o Autor), Caltanissetta e Enna. (N.T.)

indo e vindo o dia inteiro, das básculas ou das carretas até as barcas e viaturas, sem nunca se queixar, alentando-se, empurrando-se e até brincando."

Isso "não está de acordo com a dignidade do homem", portanto. E quem fazia essas coisas indignas de um ser humano, aos olhos do Barão Raccuglia, não era homem e jamais poderia sê-lo: talvez porque o Professor Marullo tivesse deixado de contar que o cesto, ou melhor, os dois ou três cestos que cada carregador levava, devido ao calor e ao suor, abrissem no ponto de apoio entre o pescoço e as costas uma chaga em carne viva, que sangrava a cada nova carga.

"Mas não me faça esta cara", tinha dito o Barão Raccuglia, quando Lemonnier, vendo pela primeira vez a cena, mostrara-se chocado. "Sabe, eles próprios não se impressionam por causa desse pouquinho de sangue. Pelo contrário, ficam até contentes."

"Contentes?..." "Sim. Porque isso significa que têm trabalho. Na realidade, quando estão desempregados costumam dizer: a ferida fechou."

"Entendo." "E além disso não há perigo, sabe? Enxofre e água do mar: dois desinfetantes como não há outros..."

E juntamente com os "homens do mar", com os estivadores que não contavam, estavam também os carreiros, ou melhor, os condutores de carretas, porque o cavalo e a carreta não lhe pertenciam, imbecilizados pelo percurso sempre igual, do depósito até a praia, e da praia até o depósito, e quanto mais corridas faziam mais ganhavam, tendo apenas o cuidado de não aleijar o cavalo ou de não quebrar uma roda, porque perdiam, no caso, duas ou três semanas de um salário já ínfimo, dada a percentagem devida ao dono do cavalo e da carreta; entre os que também não contavam estavam ainda os picareiros dos canteiros e os mineiros de enxofre ou de sal,*62 cujos olhos lacrimejavam quando voltavam a ver a luz do sol e que, à noite, eram martirizados pela tosse, os pulmões tornados mais poeira e pedra que carne; não contavam ainda em absoluto os homens das barcas de pesca que, depois de uma jornada em mar bravo, onde arriscavam a vida, traziam para casa meio quilo de salmonetas que deveriam matar a fome de 10 pessoas ("peixe de refugio, porque essa pobre gente não pesca para si", escrevera ainda o Professor Marullo). Mas, como tinha chegado a hora da refeição, até eles, que não eram levados em

conta para nada, estavam comendo. Só que o faziam no faz-de-conta, porque era como se fingissem que comiam, ou seja, como se estivessem convencidos de que uma broa de trigo de um quilo fosse suficiente para complementar algo que não era mais que uma sardinha salgada, ou um ovo cozido, ou um punhado de azeitonas. Então, fazia-se pendurar em um pedaço de cana o peixe salgado, dava-se uma mordida no pão e uma lambida no peixe, só uma leve lambidinha na pele, as mordidelas na sardinha só começavam a ser dadas no final, quando se chegasse a um razoável equilíbrio na relação entre o pão e aquele acompanhamento. Ou então punha-se na boca o ovo cozido inteiro, que para tal devia estar bem duro e que se mantinha um pouco entre a língua e o palato, para, em seguida, ainda inteiro, tirá-lo da boca e com o sabor que dele ficava comer o resto da broa; e era possível, em caso de necessidade, que o ovo ainda servisse para o dia seguinte. Os

*62. A Sicília era, na época, grande produtora de sal marinho e de sal-gema, exportados principalmente para os países do norte da Europa. A produção italiana de sal-gema concentrava-se sobretudo na província de Agrigento e em Pisa, na Toscana. (N. T.)

mais afortunados, aqueles a quem o emprego dava direito, por tradição, a um complemento,*63 a uma regalia dada pelo patrão, comiam caponatina, uma salada de alcaparras com molho, aipo e berinjelas maceradas no vinagre, e sentiam-se mais que um rei. Como era terça-feira, 18 de setembro, nas terças-feiras as famílias não cozinhavam: o fogão só era aceso nas casas às quintas e domingos, quando se punha a ferver a água para a massa. Estavam comendo, e dos fatos que estavam acontecendo no povoado e dos quais tinham ouvido qualquer coisa nem falavam.

"Quem está por baixo é que leva a pior",*64 dizia o provérbio, e também eles se viam sempre obrigados a fazer o pior serviço, sem a mínima esperança de poder trocar de trabalho, embora algum louco andasse dizendo, a meia voz, que com os Fasci as coisas iriam mudar; "história é, e história será": se eles não entravam na conta do Barão Raccuglia, o Barão Raccuglia também não contava para eles. "Quando um pedaço de pau salta, bate é na bunda do hortelão", diz o provérbio,*65 e eles, os trabalhadores, é que eram os hortelões.

Por exemplo, a Garibaldi, que havia chegado trinta anos antes com todo um palavrorio e oferecendo coisas sem valor,*66 eles haviam cantado abertamente:

*63. NO original, calatina: acompanhamento, o que se come com o pão. Ajuda o pão a calari a descer melhor no estômago. (N. A.)

*64. No original, cu vem appressu aggruppa ifili quem é subordinado está obrigado a submeter-se. Aggruppari i fila, atar os fios, significa também dissimular. (N. A.)

*65. No original, salta il trunzo e va is culo all'ortolano: diz-se de quem está predestinado à desgraça, marcado pelo infortúnio, isso obrigado pela posição que ocupa na sociedade. Se por causa de um forte golpe de enxada um pedaço de pau salta, inevitavelmente irá enfiar-se naquele lugar no hortelão. (NA.) Equivalente ao nosso "a corda sempre arrebenta do lado mais fraco". (N. T.)

*66. No original, chiacchiere e tabacchiere di legno (miudezas e caixinhas de madeira), é evidente a referência ao provérbio napolitano: Chiacherare, tabacchiere de legno il Banco di Napoli sons: impegna: neste prestigioso banco italiano, criado, ao que dizem, por São Genaro, há uma seção de penhores em que, para dar ajuda aos mais pobres, aceita-se empenhar qualquer coisa, até de ínfimo valor. Só as tabacchiere (caixinhas de rapé, em madeira), por serem objeto demasiado comum em Nápoles, não tinham o crédito correspondente. (N. T.)

"Queremos Garibaldi*67 mas com uma condição: sem serviço militar! Se este for obrigatório, nós trocamos de bandeira."

E como tinha isso acabado? Tinham sido obrigados a aceitar o alistamento e não tinham podido trocar de bandeira.

Na mina Trasatta, origem do ódio eterno de Dom Ciccio Lo Cascio a Dom Totó Barbabianca, Paolino Praticb, que tinha acabado de comer antes dos outros seu pãozinho com sete azeitonas, apoiou as costas em uma saliência do terreno e pôs-se a cantarolar sua canção costumeira:

"Trabalho a noite toda e a manhã inteira e ainda estou pior que um cachorro na coleira."*68

A seu redor os picareteiros, os mineiros e os rapazotes, todos continuaram de cabeça baixa sobre seu pão.

"Dia negro, dia amargo", pensou Dona Matilde Barbabianca, ainda sentada à cabeceira da mesa. Não tinha ânimo de levantar-se, embora não estivesse mais ninguém na sala de jantar.

*67. A cançoneta *Vulemu a Garibaldi*, publicada no livro *Risorgimento e societa nei canti popolari siciliani*, de Antonino Liccello. De fato, durante o reinado dos Bourbons o serviço militar não era obrigatório; a obrigatoriedade, que foi introduzida depois da Unitá, suscitou reações negativas porque subtraía braços da lavoura. (N. A.)

*68. No original, *Trabagliu di la sera a la matina etc.* (N. A.)

Helke, depois de morder duas folhas de salada e um pouco de queijo, como de hábito, tinha subido correndo para o sótão para dar aula a Totuzzo; a outra nora, Marietta, não havia comido nada, dizendo que preferia esperar pelo marido, Nené, mas este, ao chegar, encharcado em suor, com o olhar de um cachorro espancado, correria a fechar-se em seu quarto em vez de sentar-se à mesa. Então Marietta tinha ido para a cozinha ajudar a empregada. De Stefanuzzo nem sombra, já que queria terminar de rezar os 15 terços, que era capaz de decidir-se a recomeçar em seguida. O fato que estava acontecendo devia ser realmente grave, não só porque tanto Stefanuzzo quanto Nené pareciam dois ratos escondendo-se no buraco por terem visto o gato, como porque era já evidente que naquele dia Dom Totó não mais viria sentar-se à mesa. Durante os 50 anos de casados, salvo quando estava viajando, jamais seu marido tinha deixado de vir a casa à hora das refeições. Beata, Dona Matilde nunca havia sido, nem na juventude nem na velhice, mas agora se sentia quase que angustiada com isso: rezar uma bela Ave-Maria neste momento talvez lhe servisse de consolo, já que ela em milagres não acreditava. E foi no instante em que estava lhe passando pela mente uma idéia descuidosa (Stefanuzzo já reza tanto, reza por todos nós, suas rezas bastam e sobram) que sentiu algo incomodando no pescoço, como se uma mosca aí tivesse pousado. Virou-se. Atrás dela, apoiado à cristaleira, estava Tano Sciarretta, olhando para ela, mas, assim que se deu conta de que Dona Matilde tinha-se voltado, fingiu estar interessado em contar os pêlos da mão.

Empregado no depósito desde a noite dos tempos, sempre ao lado de Dom Totó, Tano, cujo apelido era "o Túmulo" porque era difícil que em um dia pronunciasse mais de 10 palavras, tinha sido promovido a mordomo imediatamente após a compra do Palácio Cavatorta; porém, mais que mordomo, Tano era uma espécie de homem de confiança, ao mesmo tempo testemunha e participante direto de todo e qualquer acontecimento, grande ou pequeno, da família Barbabianca. Quando jovem, tinha sido um pedaço de homem, de dois metros de altura, e, apesar de, com a velhice, suas costas se terem encurvado, Tano podia continuar olhando os outros de cima: aumentada a mudez com o passar dos anos - o esforço que fazia para articular uma palavra atrás da outra entortava-lhe a boca, acentuava-lhe as rugas em redor dos olhos - embranquecidos os cabelos, tinha-se tornado quase um oráculo, alguém a quem se podia recorrer em caso de necessidade. Compreendendo que Tano não havia entrado por acaso na sala de jantar, Dona

Matilde fez o que o servo certamente queria que ela fizesse. Falou.

"Que faço, Tano, espero por ele?" "Não, senhora." "E por quê?" "Porque é tempo perdido." E por isso o que estava acontecendo, agora tinha certeza, era algo bem grave.

"Então você acha que ele não vem almoçar?" "Não, senhora." "Leve você a comida para ele, ponho um pouco de carne e arroz num prato."

"Não, senhora." "Você não quer levar?" "Não, senhora", e depois de uma pausa, para desculparse, "ele é capaz de jogar o prato em minha cara, com carne e tudo."

"Mas, o que foi que aconteceu? Posso saber?" "Eu não sei de nada." Silêncio. Mas Dona Matilde era cão de raça. Quando mordida, era difícil que largasse a presa.

"Vou eu ao escritório, então?" Tano ergueu a cabeça num repente, lançou-lhe um olhar que parecia uma facada, voltou a baixar os olhos. Em dúvida quanto aquele gesto ser um sim ou um não, Dona Matilde impôs sua autoridade:

"Hum? Vou eu, então?", perguntou novamente, mudando de tom.

"Como a patroa quiser." Tinha sido um erro; de oráculo, Tano voltara de imediato a ser o servo obediente, aquele que lava as mãos, faz o que lhe mandam e não opina. Dona Matilde voltou a usar o tom de antes.

"Mas você, Tano, você, o que acha?" "Eu digo que é melhor. A senhora pode ir, mas é inútil querer levar comida."

"E então por que tenho que ir?" "Porque é melhor." Ouvindo estas palavras, Dona Matilde sentiu o coração parar por um instante; ela, que jamais suave, percebeu que gotas de suor afloravam e desciam da fronte até os lados da boca. Via-se que Tano queria que ela, naquele momento, estivesse ao lado de Totó: mas, por quê? Para consolá-lo? Para evitar que cometesse alguma bobagem? Levantou-se, apoiando-se com ambas as mãos na mesa, mas, enquanto fazia tal movimento, oscilou um pouco. De um salto Tano colocou-se a seu lado, pronto a sustentá-la. Olharam-se nos olhos.

"Não posso ir lá, Tano", disse em voz baixa Dona Matilde. "E se me vissem? Que queremos, que o povoado todo ria de nós?..."

Desaparecido o sol devido às carregadas nuvens que chegavam do poente, Blasco Moriones sentiu que podia finalmente respirar, depois de três horas correndo a toda brida; e o nó que se formara na garganta dissolveu-se súbito, a ponto de permitir-lhe parar a mula e contemplar, do alto do morro do Homem Morto, o panorama branco e vermelho das casas e telhados de Vigàta. Olhou o mar, que se tornara agitado, com grandes ondas arrebentando uma após outra na praia, e estourando em altíssimos jatos contra o cais do porto. Por dentro, no entanto, sentia-se ainda vazio, a corrida não tinha chegado a acalmá-lo totalmente, a fazê-lo reencontrar aquele equilíbrio de sempre, que representava sua verdadeira força. Tinha-se posto a caminho de Fela cheio de esperança, a larga experiência o levava a crer que desta vez os irmãos Munda não lhe faltariam, tinha partido certo de poder apresentar-se de volta a Dom Totó dizendo-lhe que havia arrumado tudo, que até a noite as cinco mil cantara de enxofre emprestadas pelos irmãos Munda estariam chegando de qualquer jeito a Vigàta, por ferrovia, ou em carretas, ou até mesmo carregadas nas costas, se fosse necessário. Jamais havia querido perguntar-se, como todo mundo fazia, por que os Munda estavam sempre às ordens de Dom Totó. Uma vez, tinha ouvido murmurarem uma história complicada. Parece que Dom Gerlando Munda, pai dos dois irmãos, até depois de velho tinha sido mulherengo,*69 gostando muito de carne fresca e macia; porém, um dia, dentro de um casebre de palha, a filha de Peppe Indelicato não havia aceitado satisfazer certo desejo de Dom Gerlando, apelidado, ofensivamente, de "o Grego", porque tinha aquele gosto estranho pelo qual, ao que se

*69. No original, squieto: intranquilo. Squieto no sonnu ou squieto no dàrmiri equivale, ironicamente, a mulherengo, ou seja, aquele que não consegue dormir se não tiver companhia na cama. (N.A.)

dizia, os gregos eram loucos. Enfim, palavra puxando palavra, o fato é que Dom Gerlando a certa altura perdera a cabeça e acabara ficando com um cadáver entre as pernas. Casualmente, bem perto da palhoça passava naquele momento Totó Barbabianca, que, sem dar um pio, tinha providenciado tudo, até uma fossa de três metros para sepultar a morta, dado que Dom Gerlando havia ficado zozzo, sem saber o que fazer. Conclusão: era verdade que a filha de Peppe Indelicato, um belo dia, tinha desaparecido como se nunca tivesse nascido; era verdade que Peppe Indelicato havia podido comprar por dois tostões um olival de propriedade de Dom Gerlando Munda e assim enriquecera; era bem verdade que Dom Gerlando e Dom Totó, que antes mal se cumprimentavam, subitamente se tinham tornado como que corda e caçamba; era até verdade que Dom Gerlando, quando estava morrendo, tinha recomendado a seus filhos: "Cuidem de Dom Totó."

E os maldizentes tinham conjecturado muito a respeito daquele verbo, gastando seu tempo como moscas sobre a merda em discutir se aquele "cuidar" deveria ser interpretado como "cuidem de", ou, segundo o parecer da maioria, "cuidado com"...

Há 20 anos grudado como uma sanguessuga na sorte e nas desgraças de Dom Totó, estas últimas até então momentâneas, Blasco Moriones sabia que a resposta negativa dos irmãos Munda desta vez significava realmente o fim, a ruína certa. No depósito de Fela tinha insistido, tinha teimado muito, mais do que deveria, obstinando-se em explicar a trampa armada em Vigàta contra Dom Totó, mas se encontrara diante de um muro.

Depois, em meio à discussão, tinha-se sentido muito cansado, tinha entendido que aqueles dois ali só abriam a boca para respirar, e nem sangrando-se teria conseguido arrancar deles um grama de enxofre: seguramente Dom Ciccio Lo Cascio, que via longe, teria tomado suas precauções primeiro em Fela e havia conseguido encontrar uma alavanca mais poderosa que a de Dom Totó para atrair os irmãos Munda para seu lado.

"Eu entendo e aprecio sua devoção para com Dom Totó", tinha dito Mario Munda, sem olhá-lo de frente - e isto, se representava um sinal, sinal era. "Mas você também tem que nos compreender. A Dom Totó, se ele nos pedisse, daríamos a vida, mas enxofre, não, neste momento, não temos mercadoria. Quer dinheiro? Quer nossos depósitos? Pode ficar com eles, são seus. Mas enxofre, nós não temos e nem sabemos onde achá-lo."

"Você lhe quer bem, como a um pai", tinha reiterado Fofó Munda, e ele, a estas palavras, não havia podido deixar de dar um passo à frente; não fosse a corrida de Vigàta a Fela, o medo, o nervosismo, a pressa, a frase de Fofó Munda lhe entraria por um ouvido e sairia pelo outro. Mas que agora finalmente lhe jogassem na cara o que há anos se murmurava no povoado, que seu pai era corno e sua mãe tinha sido a puta de Dom Totó, de outro modo não se explicava por que Barbabianca, que não tinha afeto por ninguém, o tinha querido sempre muito, a ponto de pagar-lhe o colégio e empregá-lo no depósito, tratando-o como a um filho e mandando até fazer suas roupas em seu próprio alfaiate. Mas Fofó Munda tinha percebido a ameaça daquele passo em frente e se havia retraído, como o caramujo que encolhe os chifres ao contato com um obstáculo, murmurando só confusas palavras de pesar por não estar em condições de ajudar a Dom Totó. Ainda montado na mula, com Vigàta a seus pés, distante quase uma hora de caminho, Moriones deu-se conta de que, no momento de dar a má notícia a Dom Totó, não lhe faltaria coragem, mas coração: aliás, sabia que entre ele e seu patrão não haveria necessidade de palavras, bastava um simples olhar para que se entendessem perfeitamente. Sentia-se vazio, oco. Bem lentamente,

desceu da mula, um tanto atordoado, girando o olhar em torno como se não reconhecesse o lugar em que se encontrava; e pensar que tinha passado e repassado por lá um milhão de vezes; e sentou-se, recostando-se a uma amendoeira. Perto de sua mão direita havia um arbusto de azedinhas, e perdido naquela espécie de leve vertigem arrancou um punhado delas, que pôs na boca. Sempre lhe agradara, até depois de adulto, o sabor das azedinhas, ácidas no limite certo, e refrescantes. Sentia o coração pesado, e apesar disso aquele gosto na boca lhe dera súbito vontade de correr e de rolar pela relva; o vazio de antes ia agora enchendo-se de imprevista alegria. E a primeira coisa que lhe passou pela mente foi uma idéia traiçoeira: talvez ele, sem saber, estivesse se sentindo contente com o próximo fim de Dom Totó.

E por quê, se daquele homem não havia recebido senão benefícios? Mal acabara de se fazer a pergunta, atrás dela insinuou-se, no riscar de um relâmpago, a certeza, que a alegria explicava melhor que qualquer argumento mais profundo: realmente algumas vezes o sangue se revolta contra o próprio sangue, sem outra razão que a de um homem ser um homem, e o ódio mais forte e oculto nasce entre irmão e irmão ou entre pai e filho. Foi um lampejo apenas, que se apressou a esquecer, fechando por um momento os olhos e reabrindo-os para olhar longamente o céu que já estava escurecendo por completo. Em seguida suspirou profundamente, levou a mão ao colete em que guardava o cachimbo. Mas, em meio ao gesto, o braço ficou paralisado: onde a cor cinzenta do céu se confundia com a do mar, alto, como se o mau tempo não o atingisse, um fio de fumaça negra como piche partia em dois o horizonte.

"Aviso de mau tempo entre os golfos", exclamou em dialeto siciliano Simone Curtó de Baucina no momento em que um golpe de vento mais forte que os outros fez estremecerem as vidraças do salão.

"Que disse ele?", perguntou Lemmonier. "Aviso de mau tempo entre os golfos", traduziu gentilmente o marquês, e continuou: "O senhor conhece Meti? Nosso poeta nacional?*" Ah, desculpe, o senhor não consegue entender o dialeto siciliano. É o primeiro verso de um poema fúnebre que Meli escreveu por ocasião da morte de um padre famoso, Francesco Cari, que lecionava Teologia em Palermo e talvez por isso não poupou sonetos e epigramas fustigando frades e padres como ele."

"Curioso", comentou Lemmonier. "E que tem isso de tão curioso? Veja o Padre Imbornone: não lhe parece que Francesco Cari teria podido escrever um livro inteiro sobre ele?"

"Por que estão me olhando? Estão falando mal de mim?", perguntou Padre Imbornone, levantando-se do fundo do sofá e aproximando-se dos dois ainda com o sorvete em uma das mãos e o charuto na outra.

"Jamais", disse o marquês. "Estava declamando aqui para meu amigo Lemmonier a poesia do abade Meti para Francesco Cari..."

*70. Giovane Meli (1740-1815), famoso poeta siciliano, que escrevia em dialeto. Entre suas obras mais conhecidas está *La Buccolica*. (N. T.)

"Grande homem", atalhou Padre Imbornone. "Quem, Meli ou Cari?" "Cari. Meli nunca me convenceu." "... e me perguntava se também o senhor, Padre Imbornone, depois de sua morte, daqui a mil anos, não encontrará um poeta digno, à sua altura."

"Certamente não será nosso compatriota Filippo Ingrassia", caçoou Padre Imbornone, não aceitando a provocação: o saboroso charuto do marquês o tornava tolerante. "Ingrassia não tem fantasia - perdoem-me a rima - e a poesia para mim posso ditá-la eu mesmo, de improviso: 'Morreu Padre Imbornone, padre ladrão e trapalhão'."

"Então para o senhor, embora não se convença disso, precisamos mesmo do Abade Meli", disse o marquês.

"Eh, não, ilustre amigo, tampouco ele. Talvez um poeta como Micio Tempio: longe de mim as coisas ruins e a indignação, eu amo minha pátria e canto a diversão."

"Longe de mim violência e iras", começou a traduzir o marquês, mas Lemonnier continuou: "Eu amo a paz e canto os prazeres."

"Bravíssimo!", disse o marquês. E logo, dirigindo-se novamente ao Padre Imbornone: "É isso aí. Tinha esquecido que o senhor foi sempre um estudioso da Gramática dos Pélos,*71 tal como o Padre Siccia."

"Não tenho os gostos do Padre Siccia, como todo o povoado sabe e posso provar-lhe!", falou Imbornone, começando a alterar-se e a mudar de cara.

"Mas quem é esse Reverendo Siccia?", perguntou Lemonnier, em parte porque de alguns minutos para cá não estava entendendo mais nada e

*71. Referência debochativa aos órgãos genitais. (N.T.)

em parte porque tinha descoberto que suas interferências serviam para jogar água no incêndio sempre prestes a estalar entre o marquês e Padre Imbornone.

Os dois o olharam por um instante, indecisos, e em seguida desataram a rir, contorcendo-se: Padre Imbornone, descarado como sempre, depois de bater duas ou três vezes com o pé no chão, repetindo: "Reverendo! Reverendo!", e vendo-se obrigado a correr a pôr o sorvete numa étagere porque se tinha engasgado ao tragar a fumaça. "Mas que reverendo! É um personagem, como dizer, poético, de Micio Tempio", explicou o marquês, que se tinha recomposto primeiro, até porque vira que Lemonnier tinha ficado muito surpreso com sua reação. "É um padre que tem o costume de praticar sodomia com seus alunos."

"Por Sodoma incendiada / sodomia foi chamada, mas porque seja pecado, eu ainda não entendo...", cantarolou Padre Imbornone, enxugando as lágrimas, o corpo ainda sacudindo-se de riso.

E logo perderam-se em um mar de citações, cujo significado, manifestamente obsceno, Lemonnier só por momentos entendia. Pela manhã, antes de deixar o clube, o marquês o tinha convidado, juntamente com o Padre Imbornone, para irem a sua casa de campo, no morro do Homem Morto.

"Já estive lá alguma vez?" "Não." "Verá, caro engenheiro, que paisagem maravilhosa." Fora até lá, e o "petisco" prometido havia-se transformado em um jantar de sete pratos, somente para os dois hóspedes: o marquês tinha tomado sua habitual sopa de verduras e seu costumeiro copo de leite.

E agora, sentado junto à grande lareira acesa enquanto fora se armava um temporal, lutando contra a agradável sonolência da digestão, Lemonnier relaxava, baixando momentaneamente a guarda: com os sicilianos estava sempre tenso, para descobrir o não-dito, o engano, o subentendido, que eram a verdadeira chave do discurso, ao passo que o que aparecia como fala explícita e principal não passava de disfarce, fumaça nos olhos. Ali e agora, pelo contrário, o convite recebido havia demonstrado ser um convite, e nada mais, um sereno e agradável encontro entre amigos para saborear uma boa comida e conversar sobre o que lhes passasse pela cabeça.

Na realidade não eram assim tão maus como queriam parecer, estes sicilianos, pois se horas antes pareciam canibais dançando ao redor do cadáver do inimigo e gozando abertamente a desgraça de Barbabianca, do Romeres, como o chamavam, de repente tinham-se esquecido completamente dele e ali estavam a falar de poesia, rindo de um duplo sentido, nada duplo, sentido que era um só e claríssimo, e permanentemente prontos a, pela menor coisa, zangar-se ou abraçar-se.

Talvez mais infantis, sem nada daquele tronco de que falara o General Boglione: se eram maus, tratava-se daquela maldade momentânea e superficial que é típica das crianças. Fechou os olhos e distendeu as pernas, enquanto aquela trégua imprimia-lhe no rosto um sorriso de beatitude. Mas logo teve que reabri-los ouvindo a voz de Bastiano, camareiro do marquês, que havia aparecido na porta principal

do salão:

"Se Sua Excelência me faz o favor, da torre já se pode ver a fumaça."

"Que fumaça?", não pôde eximir-se de perguntar a Bastiano.

"A fumaça do vapor russo, não? Há duas horas que o estamos esperando", respondeu Bastiano.

Como um pássaro traiçoeiramente atingido em meio a um maravilhoso vôo, Lemonnier despencou violentamente no solo. Então estava tudo explicado, o convite, que lhe parecera tão inocente, tinha, pelo contrário, um significado preciso: a cerimônia canibalesca em torno de Barbabianca continuava, implacável, sem desvios, sem a menor hesitação, e toda aquela conversa fiada, aquela falas sobre poesia, aquele agradável encontro eram um modo como qualquer outro de passar o tempo necessário a que se desse o evento esperado, a que este atingisse o amadurecimento. Sentiu a língua grossa.

Ao ouvir as palavras de Bastiano, Padre Imbornone e o marquês pararam repentinamente de falar. "Venha, engenheiro", chamou Simone Curtó di Baucina com um sorriso cordial.

Moveram-se, atravessaram o escritório do marquês, começaram a subir pela escada de caracol que conduzia à torre, tendo à frente o dono da casa indicando o caminho, atrás dele o Padre Imbornone, resfolegando a cada passo e, por último, Lemonnier. No meio da escada, Padre Imbornone parou, com a respiração tão ofegante que parecia estar em uma serralheria, apoiando-se na parede, e logo continuou agarrando-se ao corrimão.

"Estou me lembrando", disse, "de outra poesia de Mício. Ocorreu-me em parte por causa da subida que estamos enfrentando e em parte pela situação em que se veio a encontrar Totó Romeres."

"A do burro e do leão", interveio de pronto o marquês. "Vejo que o senhor me entende rápido." "É uma poesia", explicou o marquês para que Lemonnier entendesse, "que fala de um pacto entre um burro e um leão que têm que percorrer juntos um trecho de caminho a pé e, para poupar esforços, decidem fazer o seguinte: no primeiro trecho, o leão anda no lombo do burro, e, no segundo, o contrário. Acontece que o primeiro pedaço é todo em subida, e o leão, para não deslizar, começa a afundar as garras na carne do burro. O asno se queixa, sangra e sente dor, mas não pode fazer nada, pactos são pactos, e para segurar-se bem na garupa o leão não pode agir de outra forma, não faz isso por maldade. Depois vem o segundo trecho do percurso e o burro sobe no leão. Desta vez o terreno apresenta um acentuado declive e o burro corre o risco de quebrar o pescoço deslizando para a frente. Não tendo garras, como o leão, só cascos sem presas, o burro não tem senão um recurso...."

A esse ponto se detém, passando com uma olhadela a fala ao Padre Imbornone.

"... desenrolar a chamada quinta perna, que no homem, como o senhor sabe, é a terceira", continuou o Padre Imbornone, feliz como em um dia de Páscoa, "e enfiá-la de uma só e segura estocada no buraco certo, sem dar ouvidos aos berros do leão, lançando o ferro firmemente naquele lugar."

"É isso aí: nosso Romeres, neste momento, está igual àquele pobre leão na descida, depois de ter sido por tanto tempo o leão da subida", concluiu o marquês.

Riram todos, até Lemonnier, e continuaram subindo a escada.

"Virgem Santa", pensou Nino, "como é que não vi antes?" Tinha-se abrigado no fundo do terraço, debaixo de uma pérgula que o vento vinha dismantelando pouco a pouco e, de repente, viu à sua frente não só a fumaça, como, nitidamente, todo o navio, tão perto dentro das lentes do binóculo que por momentos até distinguia os pêlos do nariz dos passageiros.

Dom Angelino Villasevaglios mantinha-se imóvel em sua cadeira no meio do terraço, a cabeça inclinada sobre o peito, o chapéu enterrado até as orelhas para que não o levassem as rajadas de vento. Em tudo semelhante a um espantalho daqueles que se usam nos trigais para afugentar os pássaros. Nino teve a impressão de que tinha caído em um sono pesado. Vagarosamente deslocou-se da pérgula até a mureta, dividido entre a ordem recebida, de avisar assim que visse a fumaça, e a tentação de deixar seu

patrão dormir, que talvez desse modo sossegasse um pouco, porque desde a manhã estava como se lhe tivessem posto um enxerto selvagem. Por outro lado, se lhe dissesse de repente que o navio estava chegando, acabava-se a chateação e podiam descer para a casa e abrigarse, livrando-se da estrondosa ventania que o estava deixando atordoado.

Mal voltara a olhar pelo binóculo, levou um enorme susto: cinco dedos, como que surgidos do nada, agarraram-no pelas costas com tanta força que por um momento lhe pareceram dentes de animal.

"Está vendo a fumaça? Hum? Já está?" Com a cara acinzentada, Dom Angelino tinha chegado a seu lado, agarrando-o, embora ele não conseguisse ainda explicar-se como o velho tinha podido levantar-se e mover-se com tanta firmeza.

"Sim, senhor. Vê-se também o navio." "Dá-me o binóculo, rápido!" No maior sobressalto, Nino o passou para ele. "Fica atrás de mim." Nino pôs-se atrás dele sem abrir a boca. Sentia Dom Angelino tremer como que tomado por um ataque de malária, enquanto assestava no olho o binóculo.

"Aponte-o para a fumaça." Agarrando Dom Angelino pelos ombros, Nino orientou o patrão na direção do vapor, enquanto pensava:

"Está enlouquecendo! Há 100 anos que está cego! Que é que está fazendo? Se esqueceu disso?"

E a confirmação de que Dom Angelino havia enlouquecido veio logo em seguida, quando o ouviu pronunciar nitidamente, sem que se entendesse se era o vento ou febre que o agitava em movimentos simiescos:

"Nino, eu vejo. Estou vendo, a fumaça!" E Dom Angelino desatou a rir. Nino viveria ainda outros 20 anos; tinha visto tantas e tantas coisas e ainda lhe restavam muitas mais por ver: mas aqueles momentos - gravados para sempre em sua memória - seriam únicos, e graças a sua narrativa, sempre idêntica, sem variações, passariam a fazer parte das lendas do povoado.

A gargalhada, pois, que "parecia o ruído produzido pelo chocoalhar de duas latas de sardinhas vazias", e o binóculo caindo-lhe das mãos e quebrando-se no telhado da casa embaixo, e Dom Angelino dobrando-se como se sentisse dor de barriga, e agarrando-se à mureta com todas as forças que lhe restavam, e o vento que finalmente conseguira levar pelos ares seu chapéu duro, e sua voz alegre - sim, alegre como se estivesse vivendo uma coisa divertida - falando para Nino, petrificado:

"Me ajude, Nino. Não vê que estou morrendo?"

"Já se vê, a fumaça!" Da rua, os gritos de um garoto que, correndo, dava a notícia a um companheiro repercutiram contra as persianas do quarto, onde Caetano, chamado de Stefano, estava concentrado em rezas cada vez mais apressadas, mas em um mergulho nem tão profundo que aquela gritaria não o atingisse como uma chicotada no meio das costas. Em um movimento instintivo de defesa enfiou ainda mais o pescoço entre as espáduas, enquanto as palavras do padre-nosso que estava recitando desdobravam-se em sílabas sem sentido. A seguir, com um movimento brusco, reergueu a cabeça, exaltado. Certamente por intervenção de São Calógero, a quem neste momento estava particularmente dedicando sua reza, a impressão trazida por aquelas palavras vindas da rua estava se transformando em uma imagem nítida, em uma sugestão precisa.

Para conferi-la, olhou para a parede da direita, onde, à altura da sexta gaveta da cômoda, estava pendurada a figura do beato Pasquale Capizzi, eremita, empenhado em fustigarse com um galho de oliveira e com um cúvido olhar fixado em um espesso arbusto de espinhos onde costumava mergulhar a gloriosa conclusão de sua penitência. Embaixo, no depósito das carruagens, havia chicotes e açoites em abundância, mas ele não tinha vontade de descer até o térreo, pois correria o risco de encontrar os empregados, ou alguém da casa, que o obrigaria a falar: se ele abrisse a boca, seria só para rezar. Já de pé, no meio do quarto, olhou com fúria em redor, levado por uma forte ansiedade de cumprir sem mais

demora o que lhe tinha sido milagrosamente sugerido; mas não via nada que lhe servisse para tal. De repente lembrou-se de que, no sótão, havia velhas vergastas feitas de cana e cordas entrelaçadas. Ter a idéia e subir de dois em dois os degraus que conduziam ao sótão foi coisa de um instante e nem girou a maçaneta para entrar, sabendo, desde muito, que bastava um chute para que a portinhola se escancarasse. Da entrada viu, súbito, o ângulo do fundo em que estavam apoiados dois ou três chicotes com suas cintas coloridas, dos que se usavam quando cavalo e carreta eram enfeitados para as grandes ocasiões.

E no mesmo momento em que se movia, de braços já estendidos, em sua direção, com o rabo do olho esquerdo notou, perto da janela, em contraluz, um rápido e brusco movimento, um desdobrar-se de vultos.

"Minha mulher e o mudo. É terça-feira, dia da aula", pensou, enquanto agarrava um chicote que quase lhe deu vontade de beijar, mas deteve-se, imaginando que os dois estariam olhando para ele. Ao voltar, correndo, observou, desta vez com o rabo do olho direito, a cara assustada de Helke, com os braços abertos, colada à parede, semelhante a uma borboleta pregada com um alfinete, e a cara avermelhada do mudo, que se mantinha curvado, um macaco balançando-se para a frente e para trás, com as mãos cobrindo suas vergonhas como se temesse receber um pontapé naquele lugar. Não fechara a portinhola porque, assim que entrara no sótão, começara a tirar o paletó e a deixar cair a camiseta - que vestia sempre, e grossa, até no verão, por ser sua saúde muito precária - e que agora arrancou, já diante da porta de seu quarto.

Dentro, voltou a ajoelhar-se, começando a flagelar-se violentamente. Uma, duas, três chicotadas, cada vez mais rápidas e violentas, pois, uma vez tomado o impulso, era cada vez mais fácil, o chicote não se enrolava casualmente aqui ou ali, batia no ponto certo e a dor chegava a ser tão profunda e constante que quase não se sentia mais. Continuou teimosamente, enquanto que da boca lhe saía um lamento seguido, até encontrarse deitado no chão e, devido ao excesso de lágrimas, já nem via mais a chama das pequenas lamparinas. "Dá-me esta graça, Virgem Santíssima", suplicou uma vez mais, do fundo de sua dor, antes de entregar-se, exausto. Foi só então que, pressionante, absurda para aquela hora e aquela situação, voltou-lhe à mente, nítida, a cena no sótão.

Na galeria do farol, o cheiro do acetileno era intoxicante. O Capitão Caci, o piloto, tirou a mão da luneta, esfregou o olho com o dedo e não disse nada.

"E então?", perguntou Michele Carrubba, o faroleiro. "Na minha opinião, aqueles caras vão passar um mau pedaço", sentenciou Caci.

"E o que é que o senhor vai fazer? Não é melhor que saia ao mar?"

"Eu?" "Quem mais poderia ser? Não é o senhor o piloto?" "Piloto, sim. Mas, bobo não. Eles não colocaram o sinal de perigo."

Michele Carrubba inclinou-se para olhar pela luneta. "Olha, pode olhar", disse o Capitão Caci. "Está achando que minha vista já não está boa?"

"Não tem sinal, é verdade", falou Michele Carrubba, "mas isso talvez signifique que..."

"Significa só uma coisa", cortou o Capitão Caci, "que eles não querem piloto. Se se acham tão capazes de poder sair dessa sozinhos, que se fodam."

"Mas eles talvez não entendam de porra nenhuma", insistiu o faroleiro. "Que sabem eles da profundidade dos recifes daqui? Estão achando que podem ficar tranqüilos e de repente vão se ver com água pelo pescoço."

"E por isso, a seu ver, eu deveria chamar meus homens, enfiá-los num barco, com todo este tempo, obrigando-os a remarem até sangrar, a abordarem o vapor destes russos de merda e trazê-los sãos e salvos para o porto? E se quando estiverem seguros, atracados, me disserem apenas passar bem, obrigado?"

"Bom, se é gente de mar..." "Em gente de mar não confiar", disse o Capitão Caci.

Michele Carruba não se atreveu a continuar a conversa. O Capitão Caci era uma boa pessoa, e amiga, mas tinha cabeça de calabrês, mais dura que uma rocha, nem guindaste conseguia fazê-lo mudar depois que tomava uma decisão. Uma vez havia ficado durante três dias e três noites em um galho de árvore em que havia subido para colher nêsporas, só porque sua mulher ficara instando para que descesse.

"Se aqueles lá não me põem primeiro o sinal de socorro, eu nem me mexo daqui", disse o Capitão Caci, quebrando o silêncio que, de certo modo, lhe pesava. "No ano passado me estrepei com um navio inglês. Estava um tempo feio, como agora, e eu, de camaradagem, fui ao encontro deles e trouxe o navio para o porto, e no fim não me quiseram dar nem uma lira, a pretexto de que tinha feito tudo por minha conta. E ainda tive que pagar os homens de meu bolso. O estabelecido é: me chamam, eu vou e me pagam."

"E daí?", voltou a perguntar Michele Carrubba. "Daí que nada, eu estava só explicando. Você mantém o farol aceso, eu fico à disposição, o barco e os homens estão a postos na praia, nossa consciência está tranqüila. E, se eles vierem a se arrebentar para poupar uns trocados, vai lá ser culpa nossa?"

"O binóculo é meu, eu que o tenho. O senhor pode ver muito bem a fumaça a olho nu", falou Michele Navarria, que, quanto mais o vapor se aproximava, mais parecia picado por vespas. Deveria estar contente como os outros colegas, mas ele era assim, não podia emendar-se, e além disso os outros, com a desculpa de que o passeio lhes havia despertado o apetite e a sede, estavam comendo e bebendo tudo que achavam.

Mas era sua a culpa, porque pela manhã, antes de deixar o depósito de Dom Ciccio Lo Cascio, tinha anunciado, dirigindo-se a todos e a ninguém:

"Hoje à tarde vou para Durruei... " E os negociantes haviam tomado aquele dito exatamente como um convite e tinham aparecido, uns de charrete, outros a pé, outros a cavalo, em sua casa de campo, em Durruei, um lugar alto, acima de Vigàta, de onde o espetáculo da chegada do navio poderia ser apreciado como em um teatro.

Mas justo neste momento Dom Michele Navarria estava com raiva, especialmente de Pasqualino Patti, porque, enquanto todos os outros ficavam conversando e acabando com seu vinho, este ficava rodando em torno dele para conseguir emprestado o binóculo, uma vez que, tendo a vista curta, ainda não havia conseguido ver a fumaça.

"Não está vendo a fumaça? Ali, à direita do escolho de Zito e Zita.*72" "Não estou vendo. Me empresta o binóculo. Está com medo que o coma?", perguntou Pasqualino Patti.

"O senhor é capaz de comer até pedra, quanto mais um binóculo", respondeu Michele Navarria, jogando-lhe na cara o fato de em meia hora ter engolido uma broa inteira e 300 gramas de presunto, como se estivesse com uma fome de um mês de atraso.

*72. Nos relatos do Sul da Itália, Zito e Zita são o noivo e a noiva. Ziti é também uma das tantas variedades de massa italiana.(N. T.)

"A fumaça! A fumaça! A fumaça!" Variada no tom, timbre e altura, como um jogo de fogos de artifício, a palavra ressoava pelos ares, de telhado em telhado, de janela em janela, seguindo uma trama em que se entrelaçavam simpatias, antipatias, ódios e amores igualmente ferozes, ora impelida, ora impedida pelo vento, e depois, em riachos, torrentes, correntes e cascatas, precipitava-se para os andares de baixo e os casebres, onde os que não podendo por razões de classe ou estrato social possuir terraços ou varandas

altas confiavam no bom coração dos mais afortunados para ter notícias cada vez mais detalhadas sobre a cor, espessura, distância e densidade do penacho de fumo.

Vito Cusumano esquecera o paletó - logo ele, que estava sempre embonecado e nem morto se deixaria ver com um cabelo fora de lugar - e correria a debruçar-se à janela;

Tano Musumeci reduzira a uma suas duas horas de sesta - algo que nem as três sacudidas do terremoto de 1880 tinham conseguido: estragar-lhe a soneca; Pino Macaluso, gritando que nem a mando de todos os médicos do universo teria ficado deitado, buscara o apoio da mulher para levantar-se da cama onde padecia há 10 anos; Melo Tringali deixara pelo meio a tarefa do barbeiro que ia a sua casa a cada 15 dias, o que era um acontecimento memorável, porque o corte de cabelos era para Melo uma função sagrada como a Santa Missa, a ser cumprida em absoluto silêncio e sem ser perturbada, tanto que seu filho Pino, entrando incautamente no quarto para comunicar-lhe uma notícia relativa a Dona Rosina, "Pai, mamãe acaba de morrer", havia recebido uma cadeira na cabeça, cuja marca era ainda visível.

Nunca, nem durante os dias de inverno mais frios e negros, quando alguma barca de pesca perdida fazia esforços para achar o caminho do porto e a cada onda mais forte parecia desaparecer para sempre e os nomes daqueles que se encontravam nessa aflição eram sussurrados como se faz com os defuntos e as únicas autorizadas a bradar por aqueles nomes eram suas filhas, suas mulheres e mães que, correndo, atravessavam as ruas do povoado direto para a praia, enquanto, em torno delas, coagulava-se um silêncio que se podia cortar a faca, e naquele silêncio as mulheres pareciam Madalenas, rasgando o avental e puxando os cabelos; nunca, não excetuando sequer os Piores dias de luto e ruína, nunca, nem naquela vez em que os barcos de Fofá Fiorentino e Ciccio Tripodi tinham afundado juntos e Vigàta inteira os vira - ir a pique, com Fofá e Ciccio abraçados como irmãos - logo eles que tinham brigado ferozmente durante toda a vida, ou naquela vez em que Savaturi Burgio, "o Peixe" - porque tinha o sangue-frio como o de um peixe - se despedira com um gesto largo de toda Vigàta antes de morrer, ao bater contra os escolhos e ver que não tinha mais saída; nunca, certamente nunca, o mar recebera tantos olhares dos habitantes de Vigàta, olhando-o e tornando a olhá-lo.

Ao amanhecer do dia 13 de julho de 1831, quer dizer, 60 anos antes, o Capitão Mariano Currao, de Vigàta, que desde algum tempo antes havia localizado um maravilhoso cardume em frente a seupovoado, em uma zona que ficava entre o escolho de Zito e Zita e a ponta de cabo Russello, tinha saído com seu barco pesqueiro para fazer o arrastão de sua abundante pescaria cotidiana, depois de ter conseguido deixar para trás, por meio de voltas imprevistas e falsas paradas, os outros capitães de barcos. O segredo daquele maravilhoso cardume só o tinha confiado a Nino Trifiletti, de Feia, seu compadre de sangue*73 e "homem de barriga": *74 um assunto contado a Nino estava como que sepultado.

O Capitão Currao estava retirando o primeiro arrastão quando Totó Ferro, o marujo que estava levantando a rede, ainda meio curvado para a frente, ficou como que petrificado e com o rosto lívido:

"Os peixes estão todos mortos." Ao ouvir essas palavras, o Capitão Currao não hesitou em dar ordem de colocar o barco a favor do vento, invertendo sua rota.

Fazia já algum tempo que aconteciam naquele trecho de mar coisas que não se explicavam de maneira alguma. Uma vez se escutara um rumor surdo vindo das profundezas, que tinha durado cerca de meia hora, desfiando-se depois em uma série de golpes mais fortes, separados uns dos outros, como tiros de canhão; em outra ocasião, a água tinha-se tornado subitamente quente, a ponto de nela poder-se cozinhar macarrão; em uma terceira vez tinham subido à superfície algas amareladas que se esfarelavam entre os dedos exalando mau cheiro. Enquanto se afastavam dessa zona misteriosa, o Capitão Currao vira o barco de Nino Trifiletti dirigindo-se ao lugar da pesca. De pé na proa pôs-se a fazer sinais. O barco de Nino

*73. No original, *cumpare di sangue*: "chega-se a ser cum pari de vários modos: por batizar ou crismar o filho de um amigo; por ser testemunha de casamento (*cumpari d'aneddu*, padrinho de casamento em virtude de uma longa amizade ou por ato de irmandade (que é precisamente o *cum pari di sangue*)).

Neste caso é preciso que, praticando uma pequena incisão nos braços ou nas mãos, se misture o sangue dos dois que tenham decidido o cumparaggiu (compadrio)". (N. A.)

*74. Aquele a quem se pode confiar um segredo, que é fiel na cumplicidade. Pode designar também o mafioso.(N. T.)

parou. esperando que o de Currao se colocasse a seu lado.

"O que é que está acontecendo?", perguntou Trifiletti a Currao, notando que as caras dos pescadores no barco do amigo pareciam nunca ter tomado sol.

"Estamos pescando peixes já cozidos e prontos para serem comidos", respondeu Currao. A conselho de Trifiletti, que era também uma pessoa prudente, afastaram-se um pouco mais.

E a partir da nova posição, depois de alguns minutos ouviram primeiro um forte estrondo, prolongado e lento, de uma lentidão tranqüila, a seguir viram a água principiar a ferver, e, enquanto as embarcações começavam a tremer como se estivessem com febre terçã, uma altíssima coluna de fumaça e faíscas levantou-se na vertical, com silvos de rumor e raiva como os de uma pessoa viva. À medida que o sol se tornava cinzento, que uma cinza espessa e densa entrava pelos pulmões ao respirar-se, e que os marujos, mortos de medo, caíam de joelhos implorando à Virgem e a todos os santos, Currao e Trifiletti, estupefatos, se deram conta de que estavam assistindo a um fenômeno nunca antes visto: uma ilha vulcânica nascia diante de seus olhos. Dois dias levou o mar neste parto, em contrações que duraram todo este tempo, ora raivoso e espumeante, ora tão compassivo em seu ininterrupto lamento que dava vontade de acariciá-lo. Depois, a 15 de julho, a ilha emergiu por inteiro, e o mar pareceu adormecer de repente, como se já estivesse exausto.

Da França acorreram para estudá-la os acadêmicos Jonville e Prevost, que lhe deram o nome de Giulia por ter surgido em julho; da Catânia precipitou-se o geólogo Gemmellaro, que, por estar pleiteando uma cátedra que dependia da decisão pessoal de Sua Majestade, batizou-a de Ferdinanda, em homenagem a seu rei; da Alemanha chegou, em apressada ida-e-vinda, o Professor Hoffman, que, não tendo a menor fantasia e interesse, não a batizou de nada e limitou-se a observá-la; o Capitão Currao, por sua própria conta, a havia denominado Curraa, rompendo uma amizade de 20 anos com o Capitão Trifiletti, que se havia permitido chamá-la de Trifiletta, e passara a aí levar pelo menos duas vezes por dia curiosos que pagavam para vê-la. Em todo esse despertar de fervor científico, os ingleses limitaram-se a enviar o cutter Hind, comandado pelo Capitão Jenhouse, que um belo dia desembarcou tranqüilamente na ilha e, ficando um pé e mantendo o outro no alto, aí plantou a bandeira britânica, chamando-a, sabe-se lá por que, de Graham. Mas foi a bandeira inglesa que complicou repentinamente as coisas. Quando tinham ido dar a notícia a Ferdinando de Bourbon, que, recentemente subido ao trono, estava naqueles dias de visita à Sicília, ele não se alterara nem um pouco. Evidentemente lembrava-se da história de seu pai, a quem, em 1801, o astrônomo Padre Piazzzi havia dedicado um planetóide recém-descoberto e exatamente no mesmo ano fora obrigado a assinar a ruínosa - para ele - paz com Florença; por isso, voltando-se para o Duque de Carcaci, Ferdinando I fizera um único comentário, expresso em um ditado siciliano: "Belas roupas tenho em França, mas aqui morro de frio." Porém, a ilha ficava mais próxima que aquela "França" sideral em que se encontrava o planetóide, e Ferdinando filho rapidamente deixou-se convencer a enviar a corveta de guerra Etna, destinada a confrontar-se de certa forma com as intenções expansionistas dos ingleses. De acordo com as anotações de Benedetto Marzolla, funcionário do Serviço Topográfico Real, enviado na ocasião de Nápoles com o paquete Francesco I para a ilha Ferdinanda, esta consistia em "uma planície que se eleva a apenas três palmos acima do nível do mar e é formada de areia fina, enegrecida e pesada, cheia de miúdos fragmentos de lava e de escórias muito friáveis e leves. Quase no meio da ilha encontra-se uma pequena elevação composta de areia igual à da

planície e de escórias que também se esboroam com igual facilidade. Na parte ocidental vê-se um pequeno lago de aproximadamente 160 palmos de diâmetro, contendo uma água fervente da qual se vê evaporar-se a fumaça. A ilha inteira tem um perímetro de cerca de 2.000 palmos, como pude comprovar medindo-a cuidadosamente três vezes". Portanto, em suma, feitas as contas, pouco mais que um lenço, porém suficientemente grande para servir de refúgio e de base a dois ou três navios de guerra. O comandante da corveta de guerra chamava-se Pasqualino Pace e, seja para manter-se fiel ao sobrenome ou porque, sendo napolitano, via-se obrigado a agir como tal, ao ser interrogado por Jenhouse quanto ao que vinha fazer na ilha, respondera que tinha vindo apenas para registrar em dados precisos sua latitude e longitude e que voltaria em seguida para Nápoles, onde o esperavam sua mulher e filhos. Em vez disso, em uma noite de vento e chuva, fez desaparecer a bandeira inglesa, substituindo-a pela dos Bourbons. Jenhouse parecia ter aceitado o golpe, e por três dias os marinheiros do Etna andaram alegremente em bandos por toda a ilha, fazendo abertamente contagens e medições, até que, no quarto dia, despontou no horizonte a poderosa fragata inglesa Simpson, sob o comando do Capitão Douglas, que tinha fama de ser um homem totalmente desprovido daquele senso de humor do qual todos os ingleses costumam vangloriar-se. Ao verem chegar a fragata, de Vigàta e dos arredores puseram-se em movimento 32 barcos de pesca carregados de vigatenses sob as ordens de Mariano Currao, que não aceitava abrir mão de sua ilha. Currao ousadamente recitou de memória para Douglas - que não pescava uma palavra de italiano, quanto mais do dialeto siciliano de Currao - uma proclamação redigida pelo advogado Tumminello, que havia preferido ficar em casa, na qual se denunciava "a ganância e a fraude" dos ingleses. Mas aconteceu exatamente como nos discursos dos três surdos: no final, Douglas agradeceu, interpretando tudo como uma saudação de boas-vindas por parte dos ingênuos habitantes locais. E iniciaram-se discussões um tanto ou quanto inflamadas. Vito Sansotta recebeu um soco no rosto, e Cosimo Peritore teve um braço quebrado, enquanto que um Ackeroyd e Tom Blackwell voltavam para bordo com um olho negro e um rasgão na barriga causado por uma facada: pelo que se vê que a lógica, "forma pura do pensamento", naquelas paragens de vez em quando assumia formas impuras. Nesse ínterim, Salvatore Russo-Farruggia, eminente estudioso do direito internacional, que entrara como um touro furioso na disputa sobre a propriedade da ilha, que já intrigava metade da Europa, afirmava que "Albion sempre fez pouco caso do direito público" e que, por conseguinte, os bourbônicos poderiam ignorar a bandeira fincada por Jenhouse e usá-la para nela limpar os pés.

Mas em uma coisa ingleses, franceses, alemães, bourbônicos e vigatenses concordavam sem dúvida: é que naquela ilha não só não crescia uma alga, o que era por si explicável, como não pousava um pássaro sequer. Era uma terra morta, que depois de alguns instantes deixava nervosa e estranha a pessoa que nela fosse parar. Na manhã de 13 de setembro, segundo Francesco Macaluso, que se tornou o historiador, mesmo que não muito imparcial, de toda essa história, "um primeiro e único exemplar da fauna da ilha foi visto no ponto mais alto da elevação, e ouviu-se seu canto: uma andorinha que, tendo descido para beber um pouco de água no laguinho ao pé do pequeno monte, morreu repentinamente." Mas houve também uma morte um pouco mais grave. Uma noite, depois de ter bebido demais rum ou gim, o marinheiro Ted Woodehouse degolou, junto à margem norte do laguinho sulfúreo, o vigatense Fofó Corallo, por uma questão que nada tinha de territorial, ao que parece baseada na igual divisão do que restava de cinco litros de um excelente vinho. Banhada pelo sangue de um morto, no dia 16 de setembro de 1831, depois de cinco meses de discussões e litígios, a ilha resolveu que estava farta de tudo isso e voltou para as profundezas, mal deixando aos homens que nela estavam o tempo de correrem para suas embarcações.

Decorridos 15 anos, a ilha pareceu repensar o assunto: em uma bela manhã fez emergir o famoso morrinho, manteve-o dois ou três metros acima do nível do mar, como que a olhar em torno, e depois,

nada vendo de interesse, tornou a afundar, detendo-se a uns três metros da superfície da água, transformada em perigoso baixio. De tantos nomes que recebera em sua breve e conflituosa existência, nas recordações dos sicilianos ficara gravado apenas um, o de "ilha bailarina", em que o bailarina referia-se menos à natureza vulcânica do escolho quanto àquela sua volubilidade de caráter, que a credice popular atribuía às mulheres de teatro. Muitos e muitos anos depois um escritor daquelas paragens nela ambientou sua nova colônia ideal; que talvez na fantasia desse escritor também tenha acabado voltando para o fundo do mar. Como baixio, a ex-ilha continuava sendo chamada por um mesmo nome, "o baixio de Marullo", nome de um desventurado capitão que exatamente sobre ele arremetera perdendo o barco e a vida.

E foi sobre o "baixio de Marullo" que, depois de ter andado em giros por mais de uma hora em um turbilhão de vento e mar, o navio russo Ivan Tomorov, como lucidamente previra o Capitão Caci, veio romper os cornos.

"Meus cumprimentos à bela pessoa de Dom Totó!" Ignazio Xerri estava ofegante, ainda não refeito do espanto de ver o navio partir-se ao meio com um estrondo que fizera estremecer todo o povoado e com o assombro ainda maior de compreender em segundos que a partir de agora a roda se punha a girar em sentido contrário, e quem tivesse feito uma afronta a Dom Totó agora iria levar o devido troco: por isso se estava precavendo a tempo, antes que a coisa se tornasse pública. Cumprimentando os demais negociantes que estavam com ele em casa de Michele Navarra, e que haviam ficado paralisados, perplexos e com os olhos fora das órbitas, como se por eles tivesse passado um anjo,*75 tinha despencado na maior correria pelo caminho de Durrueli a Vigàta: por isso, a voz a que pretendia dar um tom ao mesmo tempo respeitoso, amigável e alegre, saiu igual à de um galo rouco. Pondo apenas a cabeça para dentro do escritório do depósito Barbabianca, parou e olhou em torno, ficando em uma posição que dava a impressão de estar prestes a dobrar-se em reverência. No primeiro momento não se viu nada, ali dentro estava tudo num escuro total, nem a menor lamparina acesa, e não se ouvia o mínimo rumor.

*75. Na crença popular, especialmente do Sul da Itália, as avós usavam esta expressão para ameaçar as crianças que faziam caretas, ou cara feia, dizendo-lhes que se naquele momento passasse um anjo seu rosto assim permaneceria para sempre. A figura do anjo está presente em inúmeras tradições, como a de dobrar a ponta da toalha ao terminar o almoço ou o jantar, para que o anjo possa afastarse, tendo já cumprido sua missão de abençoar o pão de cada dia. (N.T.)

"Tem alguém aí?", perguntou em voz alta. Então o viu. Porém, antes de vê-lo por inteiro, ao primeiro olhar percebeu só os olhos de Dom Totó, que o fixavam, imóveis, dilatados, parecendo ter-se tornado fosforescentes como os olhos de um gato. Assustou-se e permaneceu mudo, sem saber o que dizer ao velho que ora distinguia claramente, um rochedo, os largos ombros um pouco encurvados, mas sempre rígidos, os grandes bigodes brancos caindo sobre a boca desenhada em esgar que lhe pareceu de nojo, o peito que sempre fora amplo como uma praça de armas subindo e descendo lentamente com a respiração, as mãos entrecruzadas sobre a escrivaninha coberta de envelopes fechados e cheios.

"Vê-se que Dom Totó estava se preparando para morrer, como Sansão frente aos filisteus", pensou com um calafrio Dom Ignazio Xerri, tentando desesperadamente adivinhar em qual daqueles envelopes poderia estar escrita, com todos os detalhes, a história de suas culpas privadas e públicas, relatadas, preto no branco, por Dom Totó e prontas para serem enviadas, sabe-se lá a quem, à Firma Tatafiore, que encomendava enxofre em seus depósitos, ou a seu primo Carmelo para lhe explicar como ele se havia comportado com o notário Filippazzo no caso da herança Postulano, ou a sua mulher Sisina para contar-

lhe a relação que ele mantinha com Tana. E aqueles olhos sempre fixados nele, ainda mais terríveis exatamente por não haver neles sentimento, por serem impessoais e sem misericórdia, exatamente como os canos de um fuzil. Passo a passo retirou-se, murmurando um boa-noite que não obteve resposta e saindo do depósito com as pernas tornadas subitamente bambas.

Amainado o vento e com o céu lavado após a chuva, Agatino Cultrera correu para casa e a grande agitação que sentia por dentro o levava a gesticular, desnorreado, pulando de um lado para o outro da rua, como que perseguido por um enxame invisível. Nem se deu conta de ter subido as escadas e escancarado a porta, precipitando-se escritório adentro. E de repente sentiu como se o coração lhe saísse pela boca: a carta que havia deixado sobre a mesa, aquela em que denunciava o desfalque de enxofre nos depósitos Barbabianca, não estava mais ali. Sentindo os cabelos literalmente de pé à idéia de que o filho pudesse tê-la encaminhado à expedição ou que uma rajada de vento a tivesse feito voar pela janela aberta para a rua, desabou em uma cadeira, certo de que desta vez teria um enfarte, visto que lhe faltavam forças até para chamar sua mulher, que àquela hora costumava ficar na sala de jantar fazendo renda. Foi aí que viu o esbranquiçado da folha, que tinha caído, certamente devido ao vento, e tinha ido parar meio enfiada sob o banquinho. Sem ânimo de erguer-se, espichou uma perna, aproximou a carta com o pé, e pressionando fortemente o sapato sobre ela com todas as forças que tinha, como se temesse que ela, criando vida, pudesse de um momento para o outro pôr-se em fuga, começou a enxugar o rosto molhado, sabe-se lá se da chuva ou do suor.

"Você tinha razão! Tinha razão! Você é um santo! Um santo!"

Ajoelhado aos pés da cama onde estava deitado Stefanuzzo, todo coberto de chagas e que, apesar disso, tinha completado sua trigésima Ave-Maria de ação de graças, Nenê Barbabianca espalhava azeite e lágrimas sobre as feridas do irmão. Debaixo do santinho da Virgem ardia uma vela gigante. Na cozinha, Helke tinha posto para ferver duas panelas de água, para limpar o sangue que jorrara até nas paredes do quarto dela e de Stefano, Marietta rasgava velhas camisas para fazer ataduras, Dona Matilde enviara a empregada Mariannina em busca do Doutor Artidoro Carmina e estava agora na janela à espera dos dois, Tano, "o Túmulo", tinha corrido ao campo para procurar a pele de cobra que estanca o sangue e sara as feridas. Só o mudo não aparecia em casa, sabe-se lá onde se teria metido.

Não restava senão fechar definitivamente a janela que durante todo o dia continuara batendo por causa do vento, a ponto de a chuva ter entrado até dentro do quarto, amalgamando-se com a poeira no chão, que já estava a um palmo de altura; mas antes era preciso aproximar-se da escrivaninha e voltar a manter corajosamente em suas mãos a súplica ao diretor do banco, aquela súplica que fora o ponto máximo de sua desonra e vergonha, e que só naquela manhã, ao cabo de cinco anos, quando Totó Barbabianca parecia estar realmente acabado, ousara voltar a ler. Mas, por que voltar a pegá-la? Para deixá-la outra vez na gaveta? Não teve coragem. Uma vez ouvira contar que, ao se abrirem certas tumbas, encontravam-se cadáveres que, mortos há 100 anos, não pareciam mortos, dado a bom estado de conservação do corpo e dos trajes, parecendo ter sido postos no caixão na véspera. Apesar disso, no momento em que entravam em contato com o ar, tornavam-se em poucos instantes cinzas voláteis. A súplica que mantinha na mão não se havia consumido, mas dava-lhe aquela mesma impressão; retirá-la da gaveta tinha sido coisa de coveiro. Sem rasgá-la, pois não valia a pena, lentamente voltou a debruçar-se na janela e deixou-a cair para fora, abrindo apenas os dois dedos e estranhando que aquele gesto pudesse ser tão simples, viu-a plainar, velejar, pousar por um instante na enxurrada que se alastrava do meio-fio até a metade da rua e logo, adquirindo cada vez mais velocidade, dobrar a esquina, desaparecendo.

Masino Bonocore estava levantando os braços para fechar as persianas, mas deteve-se nesta posição: estava respirando com prazer o cheiro de terra molhada e sentia o peito dilatarse por inteiro. Talvez,

pensou, porque durante o dia não havia comido nada e por duas horas caíra em prantos, coisa que há muitos anos não conseguia, e que, evidentemente, precisava dessas lágrimas, porque durante muito tempo também ele havia permanecido como terra queimada.

"Longa vida a Dom Totó!", murmurou, sabendo que com aquelas palavras colocava uma cruz sobre a parte mais importante e dolorosa de sua vida. Mas não havia nada a fazer, era inútil ficar martirizando-se, sofrendo; no mundo havia quem nascesse de um modo, quem de outro; aquele que nasce redondo não pode morrer quadrado, *76 e erro cometia quem, como ele, já com um pé na cova ficava lembrando e relembando uma velha história. Por isso, de agora em diante iria manter a janela sempre aberta, e até no outro quarto, aquele em que dormia, a partir daquele dia teriam que entrar sol e luz. Decidiu também que naquela mesma noite iria escrever a seu filho Santino, em Milão, contando-lhe o fato curioso acontecido nesse dia, para que pudesse rir de coração de tudo aquilo.

*76. No original, CM nasci tunnu non pub muriri quatratu: literalmente, "aquele que nasce redondo não pode morrer quadrado, ou seja, é muito difícil mudar de caráter ou de destino". (N. A.) Equivale ao nosso "quem nasce pra dez réis não chega a vintém". (N. T.)

Padre Imbornone tinha começado a gritar, pedindo que lhe aprontassem a charrete no momento em que a popa do Tomorov ainda não se havia inclinado de lado, vomitando caixas, cordas, pedaços de madeira e ferro, e pequenos bonecos que se agitavam comicamente - e eram os homens. Fascinado, Lemonnier tinha visto uma, cinco, 10 borboletas brancas voarem do porto de Vigàta rumo ao navio, mantendo-se milagrosamente em equilíbrio sobre as violentas ondas, desaparecendo e voltando a aparecer entre os vales e montanhas com que o mar copiava a terra, cândidas flechas que teimosamente dirigiam-se para o alvo, superando, e isto Lemonnier intuía muito bem, a própria angústia e o próprio medo porque do lugar para o qual se dirigiam clamavam uma angústia maior e um medo mais forte, pedindo, em altos brados, com a mão estendida, uma palavra de estímulo ou uma ajuda, mesmo que feita só de olhares amigos. Padre Imbornone parecia tomado pelo fogo de Santo Antônio, saltava ora num pé, ora no outro, o rosto tão aceso que se diria possível nele estrelar um ovo, e dentro da pequena torre em que estava assemelhava-se a um corvo trancado numa gaiola demasiado pequena.

Temendo que ele tivesse um enfarte, Lemonnier tentou tranqüilizá-lo: "Fique calmo", disse. "Vai levar algum tempo ainda antes que se peguem os feridos e os mortos para trazê-los a Vigàta."

Padre Imbornone imobilizou-se e olhou para ele interrogativamente. Simone Curtó di Baucina, ouvindo isso, fez cara de quem não estava entendendo.

"Me explico", sentiu-se na obrigação de precisar Lemonnier, com uma leve sensação de constrangimento, "será ainda necessário um pouco de tempo antes que os marujos russos precisem de seu consolo, de seu ministério..."

Antes de responder-lhe, Padre Imbornone levantou os olhos para o céu, pedindo a Deus paciência para com aquele piemontês cretino que não entendia nada de nada.

"Que ministério que nada!", explodiu. "O que eu quero é curtir com a cara de todos os nossos vigatenses que se foderam. Não quero perder esta cena!"

E precipitou-se, esvoaçante, pelas escadas.

"Estamos salvos! O vapor afundou! Entendeu, Dom Totó? Foi a pique!" Blasco Moriones tinha começado a dizer-lhe, curvado do outro lado da escrivania, de onde há cinco minutos gritava, chorava, sussurrava, e até se ajoelhara, continuando a repetir aquelas palavras, a ponto de ele mesmo não mais entender seu significado. Mas o velho nem se movia, surdo bloco de gelo.

Quando Blasco, na tentativa de vê-lo reagir, pôs a mão sobre as mãos entrelaçadas de Dom Totó e sacudiu-as violentamente, só então o velho, sem voltar a cabeça, sem sequer dirigir-lhe o olhar, perguntou:

"Que horas são?" "Seis horas, Dom Totó", respondeu Blasco, sentindo-se apiedado e nervoso por todo aquele tempo que deixara Dom Totó sozinho, nadando no mar de sua exaustão e desespero.

"E você, quando é que devia ter chegado aqui?" "Às três."

Tratava-se então de outra coisa. O pente que inescapavelmente se embaraçava em nós punha em evidência uma única opção: sua covardia ou sua cumplicidade. Havia ficado três horas no morro do Homem Morto, até que, ao ver o Tomorov encalhar no baixio, tinha despertado dessa espécie de letargia na qual se sentira feliz de ter caído.

"A mula estropiou-se?" "Não." "E você, caiu?" "Não." "Perdeu muito tempo em Feia?" "Não. Mas saiba que os irmãos Munda..." "Deixe em paz os irmãos Munda." Implacável, o interrogatório contínuo havia chegado ao momento da crucificação, que caracterizava a paixão.

"Então me diga", prossegue Dom Totó, "me explique você a razão desse atraso que me faz sofrer mais que o navio que estava chegando. E não porque me interessasse a resposta dos Munda, entende? Mas porque você é que não estava no lugar em que tinha que estar. Então, agora me explique."

Mas Blasco não explicou. Pôs-se a chorar, sem mais conter-se e estas lágrimas expressavam mais que as palavras, faziam-no voltar a ser o garoto que, frente ao castigo recebido por alguma molecagem cometida, derretia-se em pranto, com o qual pedia perdão, com a mão sobre a cabeça, uma palavra de advertência e consolo. Que desta vez, porém, não veio.

"Mas não entendeu o que eu disse?", perguntou desafinadamente, entre soluços, Blasco Moriones, que, de quatro, se havia arrastado em torno da escrivaninha, indo apoiar a cabeça contra a coxa de Dom Totó.

"Estamos salvos! O vapor afundou!", e ao falar mantinha a boca premida contra a carne que sentia por sob o tecido e a beijava e voltava a beijar sem se dar conta do que estava fazendo.

"Estamos salvos!" "Estamos?", disse Dom Totó. "Estamos? Você está enganado. Estamos é o que podem dizer meus parentes, meus filhos", sublinhando esta última palavra. "Você tem que dizer só estais, como os servos, como deve fazer o servo que você é."

Estava já precocemente anoitecendo, o mau tempo estava indo embora do mesmo modo como havia chegado, só os trechos das calhas que haviam sido arrancadas dos telhados e uma ou outra poça d'água nas ruas restavam como lembrança do que havia acontecido. Uma recordação mais contundente ficaria impressa nos oito sobreviventes do Tomorov que se mantinham agarrados uns aos outros dentro do enorme salão da prefeitura, envolvidos nos cobertores de cânhamo que os pescadores de Vigàta se haviam apressado a oferecer-lhes, assim como haviam levado sopa quente e vinho. Para os 10 que haviam ficado enfileirados na pequena igreja, esperando que os dois marceneiros do povoado preparassem os caixões, e para os outros oito que se haviam perdido no mar, já não era mais uma questão de memória, nem daquele dia nem de outros.

E, a propósito de memória, todo mundo em Vigàta sabia que a de Dom Totó era igual à de um elefante. O primeiro sinal disso manifestou-se uma hora após o naufrágio do navio. Refazendo passo a passo a Via Crucis que Nenê Barbabianca havia percorrido pela manhã cuspiendo sangue e passando vergonha, altíssima curvado e lento como a morte, caminhando ao compasso dos sinos da igreja que repicavam exatamente o toque fúnebre, Tano, "o Túmulo", passava de depósito em depósito com um sorriso aberto - porque lhe tinham sido dadas ordens expressas para tal - dizendo aos negociantes que, só de vê-lo diante de si, sentiam-se aniquilados, apenas uma breve frase, sempre a mesma, mas não tão

breve que não obrigasse Tano a transformar-se e a acentuar suas muitas rugas enquanto a pronunciava:

"Dom Totó manda dizer, para sua alegria e conforto, que, em vista de sua boa sorte, no domingo dará uma grande festa em sua casa. O senhor está convidado. Dom Totó quer ter a honra de contar com a sua presença."

Desmanchando-se em votos de felicidades e agradecimentos, os negociantes asseguravam que não faltariam e que só um fim súbito poderia privá-los daquele prazer.

Somente Dom Ciccio Lo Cascio, no deserto em que viera repentinamente a encontrarse logo após o choque do Tomorov contra o baixio, posto de lado como um doente contagioso, os olhares de todos abaixando-se no momento em que ele passava, pudera avaliar quão profundo era o fosso de sua derrota, somente Don Ciccio Lo Cascio teve a coerência e a coragem de dizer que não:

"Agradeça a seu patrão. Espero que a festa seja um sucesso. Mas diga-lhe que eu não gostaria de morrer envenenado."

"A cama é uma grande coisa, se não se dorme, se repousa", dizia o provérbio, mas muitos foram os que não dormiram nem repousaram.

Ignazio Xerri que, graças à camomila, tinha conseguido pelo menos cochilar, por volta das três horas deu um grande susto em sua mulher ao pôr-se a gritar que havia um gato com olhos enormes como duas laranjas querendo devorá-lo vivo.

Pasqualino Patti virou e revirou tanto na cama que a certo ponto a Senhora Teresina agarrou seu colchão e foi estendê-lo na cozinha.

Michele Navarra, depois de horas de muito vaivém diante da dramática situação, vestiu-se todo, pôs até o chapéu, sentou-se à cabeceira da cama e começou a desfiar uma ladainha de blasfêmias*77 que durou até a madrugada.

Ciccio Lo Cascio nem se despiu, sabendo que para ele e os outros negociantes aquela seria uma noite de vigília, resolveu: "vou é gozar esta leve brisa",*78 e debruçou-se à janela para fumar.

Saverio Fede, devido ao cansaço, estava com a vista embaçada,*79 mas não entregava os pontos, pela centésima vez voltava a contar a sua mulher como os

*77. No original, santioni: blasfêmia. Mas o verdadeiro santiuni é a atribuição de santidade ao demônio: santu diavuluni! (N. A.)

*78. No original, friscanzana: ventinho. Há um verso de Martoglio que é famoso: Orlando, aveva sintito la friscanzana... em que lafriscanzana, o ventinho, vem do girar da espada de Rinaldo. (N. A.)

*79. No original, pupi pupi: os olhos fazem pupi pupi quando, devido ao cansaço, a vista se turva e parece ver tudo embaçado. (N. A.)

acontecimentos se haviam desenrolado e como ele havia gentilmente respondido a Nenê Barbabianca que ele não dispunha de enxofre, sem que em sua negativa houvesse má vontade e que, por isso, os Barbabianca não poderiam estar ressentidos com ele.

"Então, se você está com a consciência tranqüila, por que se preocupa tanto?", comentou impiedosamente sua mulher lá pelas quatro da madrugada, quando, já vendo perdida a partida, decidiu criar um caso com ele.

Uma noite de Natal inteira passou também alguém que não era negociante, Fonzio Vassallo, que às oito da noite havia sido convocado, junto com o Padre Imbornone, para ir ao Palácio Barbabianca: ele exercia por diletantismo a arte da pintura sobre metal e madeira, e os donos de carretas chamavam-no para nelas pintar episódios das histórias dos paladinos. E para cumprir com a palavra dada a Dom Totó,

de entregar-lhe até as 10 da manhã o que lhe havia sido encomendado, Fonzio Vassallo teve que perder todas as suas horas de sono.

Até a Senhora Helke dormira, por assim dizer, com a cama parecendo-lhe cheia de espetos e nós duros como pedras; mal conseguia adormecer, sonhava que estava caindo e, todas as vezes que acordava, sobressaltada, abrindo os olhos, estes se encontravam com os de Stefanuzzo, brilhantes por causa da febre e do reflexo das 100 lamparinas.

Seu marido estava completamente enfaixado, assemelhando-se à ricota dentro de seu cesto, voltado para o lado direito, o cotovelo apoiado ao travesseiro e com a mão segurando a cabeça, continuando a fitá-la fixamente. A Senhora Helke esforçava-se em parecer calma, mas dentro dela o medo ia aumentando a cada minuto: estava quase certa de que Stefanuzzo não tinha visto nada muito claramente, mas então por que não parava de fitá-la?

Não podia imaginar que Stefanuzzo, assim que a cena do sótão lhe havia voltado à mente no momento de fustigar-se, ao focalizar alguns detalhes, um deles particularmente pareceu-lhe mais preciso e inequívoco que os outros, e reagira a esta imagem com o pensamento e o corpo, dando um salto como se estivesse diante de uma víbora, e imediatamente havia tomado a decisão de oferecer a Deus, como segundo voto do dia, o silêncio sobre aquele assunto; nunca mais voltaria a subir ao sótão quando sua mulher estivesse dando aula a Totuzzo. Continuava, porém, olhando para ela porque estava acontecendo com ele uma coisa curiosa, que lhe dava vergonha de pensar, quanto mais de dizer, talvez fosse o alívio do perigo de que se livrara, talvez das chicotadas que se havia infligido, talvez da exaltação pela graça recebida.

Finalmente sua mulher havia adormecido - não podia imaginar que Helke, por sua vez, para não demonstrar sua agitação com seu contínuo adormecer e despertar, tinha decidido fingir, e sua respiração regular, a curva delineada pelo flanco sob o lençol, os cabelos louros espalhados pelo travesseiro alimentavam nele essa estranha sensação que estava sentindo e que não conseguia explicar.

"Helke?" Ela não respondeu, gelada. Chegara o momento de uma explicação.

"Helke?"

Desta vez a mão dele pousou-lhe na coxa, sacudindo-a. Não podia continuar a fingir. Com voz pastosa, piscando os olhos como quem é acordado de surpresa, voltou-se a meio:

"O que é?" Stefanuzzo não lhe respondeu e Helke foi obrigada a voltar-se por inteiro, desejando naquele momento encontrarse na Suíça, a mil milhas de distância da Sicília e de seu marido. Mas o que se apresentou diante de seus olhos deixou-a no maior espanto: Stefanuzzo havia jogado o lençol para o lado e se havia posto de barriga para cima, mostrando que, exatamente onde terminava a atadura, levantava-se um pênis mais ereto do que nunca, e o próprio Stefanuzzo estava olhando para ele com uma curiosidade ainda maior que a da Senhora Helke. "Mas não vai te fazer mal?", perguntou a Senhora Helke, retraindo seu desejo de agarrá-lo com a mão, acariciá-lo e beijá-lo: aquilo era um sinal de que, fosse qual fosse o andamento das coisas, o assunto do sótão tinha tomado um rumo sem graves conseqüências. Refreava-se porque já havia tentado, uma só vez, ainda na Suíça, e Stefanuzzo lhe tinha afastado bruscamente a cabeça, dizendo, horrorizado:

"Mas o que está fazendo? Enlouqueceu? Isto são coisas de putas!"

"Não vai te fazer mal?", repetiu ela, vendo que Stefanuzzo continuava a olhar o próprio pau, fascinado.

"Não, se você vier por cima de mim", respondeu seu marido. Helke obedeceu.

Nunca Stefanuzzo sonhara fazê-lo daquele modo pecaminoso; uma vez por mês, quando estava disposto, nem tirava o camisão e pretendia até que Helke também mantivesse sua camisola. Desta vez,

pelo contrário, enquanto Helke o cavalgava, ele arqueou o corpo, gemendo, tirou a camisola dela pela cabeça, e nem pensou em descer da cama, deixando a operação pelo meio, como costumava fazer nas outras ocasiões, para apagar todas as lamparinas, enquanto Helke, que ficava ainda com tesão,*80 restabelecia o equilíbrio religioso despejando mentalmente em alemão todas as blasfêmias que conhecia. Só ao chegar ao auge Stefanuzzo ainda se preocupou com a salvação de sua alma com uma jaculatória que Padre Cannata lhe havia ensinado: "Não o faço por prazer meu / mas para dar um filho a Deus."

Igrejas, em Vigàta, havia duas. A mais antiga era a de Maria Imaculada, de pedra de cantaria bruta, quase à beiramar, e era pouco mais que uma pequena capela que os pescadores haviam construído com suas próprias mãos.

A outra era a Igreja da Matriz, que ficava na praça e era uma igreja como deve ser, com uma escada de 12 degraus e duas colunas na entrada, com o campanário que não chegava senão até a altura do telhado, porque Padre Imbornone, que era o pároco da Igreja da Matriz, afirmava que os fundos necessários para acabá-lo nunca eram suficientes.

"Sem fundo é a xotas*81 de suas prostitutas", pensavam, sem dizer, os pescadores de Vigàta, porque aquela era a igreja dos senhores, na qual eles não haveriam de pôr nunca os pés.

Da igreja pequena, que naquele momento estava cheia de mortos russos, porque os pescadores haviam preferido levá-los para lá, ocupava-se

*80. No original, rimaneva in tredici. ristari'ntridici significa ter o coito interrompido e no melhor momento. Diz-se também da pessoa que não soube dar uma solução ou uma resposta pronta que ristà 'intridici. (N. A.)

*81. No original, sticchio: a vagina. Chi si sticchiuta, diz-se de uma mulher prepotente. (N. A.)

Padre Cannata. Por isso, na manhã do dia 19 houve duas cerimônias fúnebres.

Padre Cannata celebrou a missa e depois falou pouco, já que não era tão instruído quanto Padre Imbornone: limitou-se a elogiar os pescadores de Vigàta, não só por terem salvo vidas humanas, como por terem tido a coragem de, com aquele mar, empenhar-se em recuperar os mortos a fim de que tivessem sepultura cristã e não fossem privados de uma cerimônia religiosa.

Não sabia, disse ele, em que Deus aqueles russos acreditavam, e dirigindo-se aos caixões pediu perdão àqueles que dentro deles estavam, por impor-lhes rezas que talvez estivessem sendo ditas de um modo que não fosse de seu agrado, mas ele não sabia outras. Finalmente, depois de ter agradecido em nome das mães, esposas e filhas russas, ou seja, em nome de pessoas nascidas em um país que em sua consciência ele nem sabia onde estava situado, e às mulheres de Vigàta, pelas sinceras lágrimas derramadas por aqueles pobres mortos, encomendou os defuntos.

Os pescadores carregaram-nos para o cemitério que ficava exatamente no alto do morro de onde se via até alto-mar. Atrás estavam os oito sobreviventes com os quais os pescadores já haviam aprendido a se comunicar por meio de gestos e sorrisos, e estava também o comandante Alessio Paruskin, que tinha machucado uma perna, apoiando-se no Capitão Caci, que o havia salvo tendo tido que mergulhar do barco e ficar por eternos minutos debaixo d'água para liberar o pé que estava preso a um cabo, e no momento em que tinham sido içados para bordo não se sabia mais quem era o salvador, quem o salvado.

"Nessas circunstâncias não havia necessidade de acordos prévios", dissera o Capitão Caci, colocando no bolso as mãos que o Capitão Paruskin queria por força beijar.

A outra cerimônia foi oficiada na Igreja Matriz e foi algo verdadeiramente solene, que mereceu ser visto e contado.

Às dez da manhã, no meio de duas filas de coroinhas cantando e uma multidão de negociantes, seus auxiliares e empregados, todos com as respectivas esposas, Stefanuzzo Barbabianca chegou à porta da igreja descalço e com um círio na mão para pagar a promessa solene que havia feito. Com a cabeça inclinada sobre o peito, o círio erguido, chegou até o altar-mor, onde permaneceu mergulhado em fervoroso recolhimento. A seguir, entregando o círio ao Padre Imbornone, acompanhado pelas preces e a admiração dos presentes, deitou-se de bruços, sacou dois palmos de língua e, arrastando-se e gemendo ao mesmo tempo, pois das chicotadas que se dera ainda lhe vinha dor, lambeu cuidadosamente a sujeira do chão, percorrendo duas vezes a igreja inteira, do altar-mor ao portal e vice-versa. Paga a promessa, formou-se a procissão, encabeçada por um coroinha, levando sobre uma almofada de cetim a tábua de metal pintada por Fonzio Vassallo durante a noite. Na parte central representava um navio afundando, partido ao meio, e alguns marinheiros esparsos aqui e ali, com os braços levantados para o céu, implorando salvação; em um recorte redondo à direita estava a Virgem, que aparecia benignamente entre pequenas nuvens para salvar alguns, deixando de salvar outros, de acordo com critérios de escolha desconhecidos dos mortais; embaixo, à esquerda, ficava uma pequena placa com a inscrição: "Salvatore Barbabianca e filhos, pela graça recebida". Mas não se dizia que graça era essa, embora todo o fundo do ex-voto fosse de uma cor amarelo-enxofre, de modo que para bom entendedor meia palavra bastava.

Atrás do coroinha estava a banda municipal completa, tocando a sinfonia da Gazza ladra, de Rossini, e um pouco atrás Padre Imbornone com outros dois coroinhas, envolvendo-os em incenso.

Nunca Padre Imbornone se sentira tão feliz e tão assustado ao mesmo tempo; feliz pelo que estava fazendo, pela impiedade e sacrilégio que existiam em cada ato seu, em cada reza sua naquele momento, e assustado porque, se Deus realmente existisse, com esta procissão ele o desafiava a dar uma prova disso, acabando assim final e definitivamente de encher-lhe o saco, Ele deveria com um raio apagá-lo da face da Terra.

Junto a ele seguia toda a família Barbabianca: Dom Totó, gordo e indiferente, olhando em torno como se a coisa não fosse com ele, enquanto Dona Matilde, pela primeira vez na vida, lia um livro de rezas; Nené, com Marietta, que a todo instante limpava os óculos, devido à emoção; Stefanuzzo amorosamente apoiado por Helke. Em seguida vinham os servos, e entre estes, como todo o povoado notou com espanto, Blasco Moriones, com os olhos inchados de tanto chorar. Mais atrás vinham todos os negociantes de Vigàta - com exceção de Ciccio Lo Cascio - e atrás deles os contadores, os funcionários, e mais atrás ainda os empregadinhos dos depósitos que, para a ocasião, tinham posto suas melhores roupas. Todos com as mulheres de véu preto até a testa. A procissão chegou solenemente à ponta do braço de cais onde se erguia uma alta coluna em cima da qual estava a estátua da Pequena Virgem, ânimo e consolo dos pescadores quando saíam do porto ou nele entravam. Neste ponto parou, e enquanto a banda tocava a Salve Regina, Matteo Savatteri, mestre-de-obras, subindo em uma escada, fixou na parte mais alta da coluna, aos pés da Virgem, a chapa pintada por Fonzio Vassallo. Finalmente a procissão deu meia-volta e encaminhou-se novamente para a Igreja da Matriz, onde iria se desfazer.

A banda municipal, que tinha esgotado todo o seu repertório, começara a tocar Tu che a Dio spiegasti*82 ao passar debaixo da janela no momento em que o Doutor Artidoro Carmine, dirigindo-se a Nino, disse simplesmente: "Ele está morto."

Desde o instante em que Nino tomara conta dele no terraço e, como ele não conseguia mais mover-se de lá, o tinha levado para a cama, Dom Angelino Villasevaglios não voltara a recuperar-se. Uma única vez durante a noite, apertando fortemente a mão do servo, tinha murmurado em voz baixa e de tal forma pegajosa que Nino tivera que colar o ouvido a sua boca para escutá-lo:

"Nino, chegou o vapor?" "Chegou, chegou", mentira Nino, sentindo o hálito do moribundo esquentar-lhe o rosto.

E àquelas palavras a boca de Dom Angelino se dilatara em uma careta aberta, uma espécie de sorriso torto que ia de orelha a orelha. Mantinha ainda essa expressão, mesmo depois de morto, de modo que ninguém podia olhar para ele sem ficar impressionado.

"O que é que eu devo fazer?", perguntou Nino ao médico, referindo-se à muda risada.

*82. Da Lucia di Lammenoor, de Donizetti. (N.T.)

O que quer fazer? Feche-lhe os olhos", responde o Doutor Carmina, sem entender. Nino, carinhosamente, passou-lhe com delicadeza a mão aberta da fronte até o nariz, e as pálpebras se fecharam. Mas a risada pareceu piorar ainda mais, ficando tão escancarada que realmente não era algo normal.

"Mas, pelo menos", pensou Nino, "ele morreu contente."

